

A Defesa Nacional

REVISTA DE ASSUMPTOS MILITARES

DIRECTORES : Paes de Andrade, Klinger, Goes Monteiro e T. A. Araripe

SECRETARIO : Leitão de Carvalho -- GERENTE : Bellagamba

ANNO XVIII

BRASIL — RIO DE JANEIRO, MARÇO DE 1931

N. 207

EDITORIAL

Funcções do Estado-Maior

Nas suggestões que sobre a remodelação do ensino apresentou ao ministro da Guerra o inspector do 1º grupo de regiões militares, está comprehendida a criação da *Directoria Geral do Ensino*, órgão central, destinado a dirigir e coordenar todos os trabalhos de ordem technica nos differentes estabelecimentos de instrucção do Exército, ficando por essa forma aliviado o Estado Maior de funcções que actualmente lhe são attribuidas.

A centralização, num grande departamento do Ministerio da Guerra, de todas as actividades referentes ao ensino, trate-se da instrucção primaria, secundaria ou superior, offerece por si só vantagens incontestaveis, tanto do ponto de vista administrativo, como do didactico e disciplinar. Não é, porém, menor o alcance da criação desse importante órgão de direcção, se considerarmos a repercussão benefica que terá sobre os serviços da outra repartição, cuja verdadeira finalidade vem sendo disvirtuada, desde muito tempo, com encargos absorventes e perturbadores de sua actividade normal, dos quaes lhe têm resultado prejuizos de ordem moral e praticos.

As attribuições que, agora, com maior amplitude, são conferidas á *Directoria Geral do Ensino* estão actualmente a cargo da 2ª subsecção da 3ª secção do Estado Maior do Exército, a que compete o estudo e julgamento de todos os assumptos concernentes ao movimento

escolar e ás numerosas questões que lhe são affins.

Basta recordar a multiplicidade de institutos militares de ensino existentes no Exército e a frequencia annual que os caracteriza, para se ter idéa da sobrecarga esmagadora de assumptos burocraticos imposta áquelle reduzido nucleo de officiaes do Estado Maior, cujos affazeres, absorventes em certas épocas do anno, reclamam a collaboração dos adjuntos da secção, desviando a attenção dos chefes para trabalhos estranhos á sua actividade funcional, com insanaveis prejuizos para a preparação da defesa do paiz.

Todos quantos se preoccupam com os assumptos que constituem objecto de estudo nos estados maiores sabem como elles são mais do que sufficientes para absorver a attenção dos especialistas de que se compõe a Repartição. Entregues á investigação, ao exame, á meditação dos multiplices problemas relacionados com os recursos de toda ordem de que poderá dispor o paiz em caso de guerra, seu transporte para os theatros provaveis de operações, as directrizes a que estas devem obedecer e o estudo dos assumptos correlatos referentes aos adversarios possiveis, — os officiaes que trabalham nas secções estão investidos de funcções que exigem um labor incessante, realizado com discreção, para ser efficiente, o que ex-

clue a possibilidade de arcar com outras attribuições fóra das linhas geraes desse quadro.

Casa de estudo calmo e reservado, a natureza das suas preocupações exige o isolamento dos que a ellas se dedicam, um ambiente de tranquillidade, impossivel de manter numa repartição frequentada por numerosos officiaes, professores e alumnos dos estabelecimentos de ensino, ou candidatos á matricula, que se apresentam por este ou aquelle motivo, pleiteam soluções de serviço, pedem esclarecimentos, recorrendo para isso a uma secção cujo destino fundamental é o que ha de mais secreto num exercito.

A reunião desses serviços na *Directoria Geral do Ensino*, nos moldes propostos pelo inspector do 1º grupo de regiões, vem libertar o Estado Maior do Exercito de trabalhos que não pertencem á esphera de sua actividade, ao mesmo tempo que elimina uma das causas de attritos e dissentimentos não raro sobrevindos entre os órgãos superiores da administração da guerra. Póde-se affirmar que as crises por mais de uma vez abertas entre os dois principaes departamentos da organização do Exercito só longinquamente tiveram por causa assumptos essencialmente ligados a preparação do paiz para a guerra; decorreram, antes, de choques provocados pelo exercicio indebito de certas funções, conferidas ao E. M. E. por disposições regulamentares, mas que, de facto, não deveriam ser de sua competencia. Assumptos de ordem administrativa, susceptiveis de serem tratados por outras repartições.

Immensa é já a tarefa reservada pela natureza das cousas ao Estado Maior do Exercito: seus estudos, realizados a fundo e com criterio puramente objectivo, conduzem a conclusões que interessam directamente o governo, principal responsavel pela defesa do paiz e unico competente para tomar as providencias por ella requeridas. As sugestões do Estado Maior, quanto a essa materia, são, por conseguinte, as unicas autorizadas. Nellas é que o governo se tem de louvar para proporcionar

ao Exercito os recursos que lhe são indispensaveis ao desempenho de sua missão. Maximé num paiz como o nosso, de precarios meios de communicações, de industria incipiente, de extensas fronteiras, em que não se póde confiar na impronização, — o estudo constante das condições nacionaes e dos paizes vizinhos dá logar a frequentes iniciativas de parte da repartição incumbida de preparar a nação para a guerra, tanto relativas á organização das forças activas e sua localização em tempo de paz, á organização das forças de reserva, ás directrizes a que deve obedecer a instrucção da tropa, á constituição da doutrina de guerra por que se guiarão os commandos tacticos e estrategicos, quanto referentes á construcção e melhoramentos de vias ferreas e de rodagem, ao estímulo e protecção a certas industrias, á aquisição de armamentos, etc. E essas intervenções, para serem efficazes, requerem uma attenção sollicita a tudo quanto se passa no estrangeiro e no paiz, acompanhando de perto os projectos em elaboração nos parlamentos ou nos ministerios sobre materia que interesse a defesa nacional.

Não vemos como seja possivel conciliar deveres tão arduos e absorventes com funções burocraticas, referentes a pessoal ou a ensino, como algumas que actualmente atravancam o caminho por onde se dirige a machina do Estado Maior, entorpecendo-lhe a marcha e reduzindo-lhe a producção.

Compreende-se que continuem a seu cargo a elaboração dos regulamentos tacticos e de certos serviços, inspirados pelos ensinamentos da Missão Franceza, embora seja essa uma actividade que em outros paizes é desempenhada por commissões de technicos, escolhidos especialmente para cada caso, sob a direcção de departamentos da administração da guerra, que não possuímos. A necessidade de assegurar orientação uniforme ao corpo de regulamentos numa phase especial de reorganização do Exercito, justifica essa orientação, tanto mais quanto são menores as consequencias advindas do trabalho normal do Estado

Fronteira com a Guyana Ingleza

(Resumo historico)

Subsidio para o concurso a E. E. M.

Pelo Cap. FELINTO ABAETÉ CAVALCANTI

A posse de toda a margem esquerda do Amazonas, não podia e não pode ser contestada, por nenhuma outra nação, ao Brasil. No entanto temos tido varios litigios sobre territorios das aguas do Amazonas, sendo que nem sempre a sorte nos foi favoravel, dando-nos aquillo que por varios seculos nossos antepassados mantiveram á mão armada.

Fillipe IV, da Hespanha, annexou a margem esquerda do Rio Amazonas, considerando "a circumstancia de continuar a Corôa Portuguesa a ter individualidade á parte dentro da monarchia hespanhola, as conquistas e extensões dos portuguezes do Brasil eram consideradas como acrescimo á Corôa Portuguesa, e desse modo, quando Portugal sacudiu o jugo, e o Brasil o acompanhou, a monarchia luzitana achou-se na posse do territorio accrescido durante o interregno nacional, graças áquella confiança da Hespanha na indissolubilidade da União". J. Nabuco.

A posse de toda a região de que trataremos nesta questão, foi producto do esforço lizo-brasileiro, obtida por constantes explorações e mandada a mão armada contra as incursões de estrangeiros, principalmente dos hespanhaes, e não consequencia de bulla papal.

Conforme o direito internacional vigente, a posse do tronco de um rio estendia-se a de seus affluents. Por esta razão, os exploradores faziam o maior empenho em occupar as entradas, occupação esta na maior parte das vezes era effectivada pela construcção de um forte, como o foi a do Forte de S. Joaquim, na bocca do Tacutu.

A cata do gentio para os misteres da lavoura veio cooperar para que esta região fosse explorada pelos donatarios, principalmente pelas tropas de resgate que iam regularizar a questão dos indios captivos de outras nações para que não fossem trucidados por seus inimigos. Tirar da escravidão de seus inimigos para jogar na do

homem branco, quiçá peor, era a moral dos costumes da epocha, tanto quanto a justificação da escravatura do negro, pela necessidade de braços para a lavoura.

Em 1755, como consequencia do tratado de limites entre a Hespanha e Portugal, foi creada a Capitania do Rio Negro, subordinada a do Pará.

Deu motivo á creação desta capitania, não só o facto citado, como o de estar muito afastada da Capitania do Pará, serem constantemente necessarios recursos rapidos para repellir o invasor e para que a justiça fosse distribuida com maior rapidez.

Tinoco Valente, em 1763, expulsa definitivamente os hespanhoes do Rio Branco, sendo seu acto justificado pelo tratado de 1750, que dava a Portugal todas as aguas do Amozonas, pois que neste tratado se fallava na separação das aguas do Orenoco das do Amazonas "pela Cordilheira de Montes" "e proseguindo pelo cume destes Montes para Oriente, até onde se extenderem o Dominio de uma e outra monarchia".

Desde esta data, a maioria das cartas publicadas dava o limite do Brasil no divisor das aguas. Dentre muitas citaremos a de D'Anville que dava o limite brasileiro no vertice de um triangulo formado pelo lago Amacu e pelos rios Rupunuri e Igarapá, carta acceita pelos hollandezes, que não só estavam de accordo com os limites estabelecidos por ella, como ainda nos attribuiam grande extensão de terras que abrangiam parte das aguas do Essequibo e do Mazaroni.

A propria Inglaterra, alliada de Portugal, assignando o tratado de Badajoz reconhecia que sómente a Portugal pertenciam de direito estas terras e que nenhuma outra nação podia reclamar-as. Herdando os terrenos hollandezes, não podia desconhecer a nossa posse, quer como herdeira da Hollanda quer como antiga alliada de Portugal.

Confronta a Guayana Ingleza com o Brasil pela cessão que fez a Hollanda á Inglaterra de suas antigas colonias de Demerara, Essequibo e Berbice pelo artigo adicional á convenção de 13 de Agosto de 1814.

Da data desta cessão até as meadas do se-

Maiores, que terá de recorrer igualmente a officiaes estranhos á Repartição para a elaboração de alguns desses regulamentos.

Encerrada a phase de remodelação e reorganização de serviços, em que está empenhada a alta administração da guerra, e para cujo exito se torna indispensavel o concurso do E. M. E., particularmente no que diz respeito á organização do Exercito e aos pro-

blemas correlatos, necessitamos, uma vez por todas, deixar o órgão responsavel pelo estudo da preparação do paiz para a guerra, entregue á sua grave função, cujo exercicio não deve ser perturbado com assumptos de administração, melhor distribuidos ás repartições correspondentes.

Elle ganhará em prestigio e em efficiencia.

culo passado nada houve de anormal que viesse perturbar a paz entre as duas nações, continuando o Brasil a exercer sua soberania sobre todo o territorio das aguas do Rio Branco, mantendo relações com os indios e tendo seus fortes occupados com tropa que policiavam a região.

Em 1840, a Inglaterra adoptou a pretensão á fronteira Cotingo-Tacutu alegando ser esta a verdadeira linha de limites, de accordo com as explorações do allemão Schomburgk, que ahi plantara alguns marcos sem que para isso fosse ouvida a parte interessada, o Brasil.

As explorações deste allemão foram iniciadas em 1835, com o fim segundo as declarações dos officiaes inglezas, de reconhecer a cadeia de montanhas que fórma a linha divisora das aguas entre o Amazonas e o Essequibo.

De volta da Inglaterra passando por Georgetown induziu o missionario Yound a ir para o Pirara converter os indios Macuxis, allegando que havia tomado posse daquelle territorio para a Inglaterra, pois que as explorações brasileiras não haviam avançado para leste do forte de S. Joaquim.

A ida de Foud para um territorio, até então considerado brasileiro e que era policiado pelo Brasil, para converter indios que estavam sob accção directa das autoridades brasileiras, não ponde ser bem recebida pelo governador do Amazonas, principalmente por não estar ainda a igreja catholica separada do estado e ser aquelle missionario protestante do que resultou serem expedidas ordens immediatas para que elle fosse expulso.

A expulsão deste missionario, foi pretexto da Inglaterra, para a invasão e occupação do territorio do Pirara, que pretendia seu, apesar dos titulos e do dominio effectivo que por varios annos mantinhámos.

Feita a occupação, houve protesto por parte do Brasil, e depois de uma troca de notas entre os dois governos ficou resolvido, em 1842, que o territorio fosse deixado, mantido neutro definitivamente a quem de direito pertencia o territorio que separava as duas nações.

Por varios annos permaneceu a questão sem uma solução, apesar de constantes propostas do Brasil, em 1893-1897-1898, até que finalmente em Novembro de 1901 ficou resolvido que a questão seria entregue a um arbitro, sendo escolhido o Rei da Italia.

Por este tratado de arbitragem ficou resolvido por um accordo directo entre as partes que seria fronteira entre os dois paizes na parte leste a seguinte:

"linha do divisor das aguas entre a bacia do Amazonas e do Essequibo e Corentyne, desde a nascente do Corentyne até a do Rupununi ou a do Tacutu, ou a um ponto entre ellas conforme a decisão do arbitro".

O territorio em litigio era o comprehendido entre o Tacutu, o Cotingo e o Rupununi.

A sentença do Rei da Italia, dada em 1904 consigna a seguinte fronteira para os dois paizes:

"fica a fronteira fixada pela linha que parte do monte Yokontipu; segue na direcção de leste a divisão das aguas até as nascentes do Ireng (Mahu); desce pelo thalweg o curso

deste rio até a sua confluencia com o Tacutu, pelo tholweg deste até a sua nascente onde encontra a linha de fronteira já determinada pelo accordo directo..."

A sentença do Rei da Italia, deixou entre as nações litigiosas um hiato, pois que considerou as nascentes do rio Cotingo no monte Yakontipu, sendo mais tarde verificado que ellas estão no Monte Roraima.

Para prehencher este hiato a Inglaterra, em 1908, propoz que o limite entre os dois paizes naquelle trecho fosse constituído pela fileira de morros que fórma a linha divisoria das aguas entre o Monte Roraima e o Yakontipu, ao em vez de seguir a linha recta entre os dois montes.

Em 1911, o Brasil, em resposta á nota Britannica, submetteu a consideração deste governo um projecto de convenção complementar de limites.

O governo inglez communicou que accitava não só o projecto de convenção complementar de limites como ainda o projecto do Tratado Geral de limites, que abrangia ainda a declaração annexa ao tratado de arbitragem.

Sendo as negociações suspensas pelo proprio governo inglez que queria introduzir no texto algumas modificações, foram reencetadas em 1922, quando a Inglaterra apresentou algumas emendas, baseadas nas informações de um agremensor a seu serviço. Entre outras emendas a substituição do nome de Vindava por Wamuriskawn pois foi verificado que as nascentes do Tucutu eram neste ultimo monte ao envez daquellas do tratado.

Finalmente, em 1926, foi firmado em Londres um tratado Geral de Limites entre os dois paizes ficando definitivamente accentado a seguinte fronteira:

"Partindo do alto dos montes Roraima, entre as cabeceiras do rio Cotingo e as do Rrapopo, desce pela parte nordeste dos mesmos até o ponto de convergencia da fronteira dos dois paizes com a Venezuela, passando entre Pailwa Falls e as quedas do Cotingo, continúa até o monte Yakontipu pela linha divisoria das aguas entre o Cotingo, o qual corre em territorio brasileiro e o rio Paikwa, que corre em territorio Britannico; do monte Yakontipu, a fronteira seguirá na direcção de leste pela linha divisoria das aguas até as nascentes do Ireng (Mahu); desce por este rio até a sua confluencia com o Tacutu, sobe pelo Tacutu até as suas nascentes situadas no monte Wamurriaktawa, deste monte continuo a fronteira pela linha divisoria das aguas entre a bacia do Amazonas e as do Corentine e Essequibo, até o ponto de encontro ou convergencia da fronteira dos dois paizes com a Guyana Neerlandeza".

A sentença do Rei da Italia, não foi feliz, deixando entre as duas fronteiras um hiato, e separando do Brasil um trecho do seu territorio reconhecido desde varios seculos.

O Brasil formulou a sua pretensão no mi-

O DIA DO SOLDADO

O DEVER MILITAR

Pelo 1º Ten. S. SOMBRA

Trechos da Conferencia realizada, a 25 de Agosto, no 8º. R. I. (Passo Fundo)

Dia do Soldado! — eu o vejo cheio de uma alta significação, antes de tudo, porque elle é uma consagração, uma homenagem ao valor da personalidade humana. E nesse sentido elle é uma afirmação reaccionaria. Afirmação contra o rebaixamento, barbarie, a destruição immoral do homem, que caracteriza a nossa época.

Mas ha tambem centelhas de fé e gestos de reacção.

Fé nos destinos da Patria, no seu futuro, nas suas possibilidades naturaes e moraes, na sua grandeza, na sua gloria. Reacção das energias enthesouradas pelas gerações que se sacrificaram para fazel-a viver.

Essas energias hão de salvar o homem brasileiro.

Elle ha de affirmar a sua personalidade. **PERSONALIDADE REALMENTE BRASILEIRA.** Brasileira conforme a nossa tradição. Brasileira conforme o nosso espirito. Brasileira conforme a nossa historia. Brasileira conforme o nosso idealismo. Brasileira conforme a nossa fé. Brasileira conforme o nosso papel na America e no Mundo.

E é na nave das Igrejas e no pateo dos Quarteis que eu vejo brotar mais fartamente a lymph pura desse energia redemptora. E' ahi que encontramos os sentidos ignorados, E' ahi que havemos de nos retemperar.

E o soldado é mais de que qualquer outro o homem que precisa crer e affirmar. Mais do que ninguem elle precisa ter confiança em si — no seu valor, nas suas energias physicas e moraes, na sua coragem, na sua iniciativa, na sua honra, no seu espirito de sacrificio, no seu patriotismo.

nimo e a Inglaterra no maximo de modo que quasi as duas propostas se encontram. Foi um grave erro nosso pois que punhamos em jogo a bacia do Amazonas, sobre a qual tinhamos incontestaveis direitos conforme o **uti possedetis** decorrente da occupação das boccas quando as nascentes não eram occupadas por outras nações. No caso vertente a nação que occupava as boccas era a mesma que occupava as nascentes, Tacutu e Cotingo, e Brasil. Era necessario portanto que desde o inicio das negociações não admittissemos duvidas quanto ás aguas do Amazonas.

Para prehencher o hiato deixado pela sentença do arbitro, o tratado de limites assignado em Londres, 1926, serviu-se de uma linguagem tão diffusa que será necessario um terceiro tratado de limites para traduzil-o em linguagem vulgar.

A falha constante do tratado de arbitragem podia perfectamente ser sanada, desde que se reafirmasse que a partir do monte Roraima a fronteira seria a linha divisoria das aguas entre o Mazaroni e o Rio Branco até encontrar a nas-

E tudo isso é valorização para o homem. E tudo isso é salvação para o brasileiro.

Assim, sendo do ponto de vista universal uma affirmação reaccionaria, do ponto de vista brasileiro o Dia do Soldado é bem um desses momentos luminosos abrindo clareiras de fé e de esperança em meio ao sombrio do nosso desprezo pelo passado e da nossa indiferença pelo presente da Patria.

* * *

Dia do Soldado! Eu o vejo cheio de uma alta significação tambem porque queiram ou não queiram os scepticos, queiram ou não queiram os desfibrados, queiram ou não queiram os egoistas, queiram ou não queiram os invejosos, queiram ou queiram os traidores, o Dia do Soldado é um Dia do Brasil!

E' um Dia do Brasil porque o soldado brasileiro não é mercenario, profissional. Temos um Exercito democratico por cujas fileiras passam os cidadãos para pagar o seu imposto de sangue.

E' um Dia do Brasil porque em nossa Patria não existe o soldado independente do cidadão. Existe, sim, o cidadão soldado-elemento da Nação Armada.

E' um dia do Brasil porque commemorando os feitos do Exercito, a Nação commemora os seus proprios feitos, tão indissolavelmente ligados estão as historias do Exercito e da Nação.

E' um dia do Brasil porque consagrando em Caxias a figura maxima do Exercito, consagramos o brasileiro que mais do que qualquer outro contribuiu para a segurança e integridade da Patria. A vida de Caxias é a vida mesma do paiz em largo, difficil e glorioso extracto de sua his-

cente principal do Ireng (Mahu), por cujo leito seguiria até encontrar o Tacutu seguindo por este pelo seu rumo principal até encontrar o divisor das aguas do Amazonas das que correm para o Norte das que correm para o Sul.

O art. I do tratado geral de limites faz com que a linha fronteira passe entre as quedas do Paikwa e as quedas do Cotingo, o primeiro sub-affluente do Mazaroni e o segundo sub-affluente do Rio Branco, o que deixa prever não estar o ponto inicial do monte Roraima perfectamente definido o que será necessario fazel-o em um novo ajuste.

Ao em vez disto, accetamos sem hesitação as declarações de um geometro inglez, que dizia quasi impossivel a localisação das nascentes do Cotingo e que as nascentes do Tacutu não estavam no monte Wintawa e sim no monte Wamuriskitawa, o que além de ser perfectamente dispensavel, revela da parte do negociador brasileiro muita possibilidade de se deixar levar pela parte contraria, como tem acontecido na maior parte das questões pendentes entre as outras nações Sul-Americanas.

toria. E' patriotismo homenagear a extraordinaria figura do velho soldado do Imperio, que pacificou a Nação e esmagou o estrangeiro. Que estendeu a mão victoriosz aos irmãos rebeldes e os trouxe á communhão nacional. Que riscou com a espada o limite ás ambições do estrangeiro audacioso. Que immortalizou como modelo admiravel do cidadão e soldado do Brasil.

O Dia do Soldado é um Dia do Brasil, porque o Quartel é uma escola de civismo. Hoje em dia, na luta quotidiana, o homem só encontra motivos de desfalecimento das suas virtudes cívicas e moraes. Mais do que nunca, portanto, é preciso que a caserna seja para elle uma escola regeneradora. E' preciso que elle saia de lá révirgado.

Nos paizes democraticos e mormente nas nações jovens como o Brasil não é na instrução tactica que reside a missão principal do Exercito. Nelles o official ha de ser antes de tudo um educador. O Exercito deverá ser o despertador de energias. Elle deverá transformar o sceptico, no entusiasta; o ignorante, no patriota consciente; o negativista, no crente sem vacillações.

Ante as tempestades que ameaçam as nações, ou o Exercito será um factor de regeneração social ou não cumprirá sua missão. Disso os quadros devem estar profundamente convencidos.

Eis ahi, quão difficil e importante é a missão de reacção, formação ou aperfeiçoamento dos sentimentos mais nobres do homem. A Caserna completará a Escola, entregando mais um verdadeiro cidadão á Sociedade.

* * *

Dia do Soldado! — Eu o vejo cheio de uma alta significação ainda porque elle é uma justa homenagem ao passado glorioso do soldado do Brasil.

Passado luminoso que exige um presente de lutas e um futuro de triumphos.

Atravessamos actualmente um longo periodo de paz. Paz que já vem concorrendo para o relaxamento das nossas energias.

Mas já houve tempo que o nosso Exercito vivia em alertas continuadas, em pugnas victoriosas, garantindo a integridade da Patria, defendendo a sua honra, libertando vizinhos fracos e salvando a Civilização na America. Já houve tempo em que a nossa esquadra navegava os mares do sul, bloqueando os portos das nações vizinhas, emquanto os nossos soldados desfiliavam triumphalmente em suas capitães. Já houve tempo em que a bandeira do Brasil tremulava victoriosa e tímida nos campos uruguayos, nos pampas argentinos e nos banhados paraguayos.

E, sempre, junto á bandeira, sereno, orgulhoso, intrepido e vigilante, o soldado do Brasil. Aos seus pés, os tropheus salpicados com o sangue dos vencidos e com o seu tambem.

Como se fosse hoje, vemol-o em Itororó, nas arremetidas titanicas, erguendo muralhas de corpos ensanguentados, sob o olhar tremulo da bandeira, daquella bandeira do "26 de Voluntarios da Patria".

Precipitamo-nos com elle nas cargas fulminantes de Avahi, levando de roldão o inimigo, espantando-o, aniquillando-o.

Formamos ao seu lado nos quadrados de Tuyuti, supportando impavidos os repetidos arremessos dos esquadrões paraguayos, dizimando-os, afugetando-os e os perguindo.

E assim, numa longa serie de lutas, elle é sempre o heróe que se cobre de glorias.

Porém, maior do que em todos os outros momentos, mais sublime do que em todas as victorias, é na Retirada da Laguna que a sua figura homérica mais se exalta e em sua resistencia inaudita symbolisa a propria alma da Raça — soffredora mas victoriosa.

Ante a memoria de todos aquelles bravos que cimentaram com o seu sangue os alcerces da Nação rufem os nossos corações em commovido palpitante de entusiasmo a marcha batida do respeito e da admiração.

* * *

Dia do Soldado! — Eu o vejo cheio de uma alta significação finalmente porque valorizando a personalidade humana, despertando patriotismo e recordando o nosso passado glorioso; elle aponta imperiosamente ao soldado brasileiro o cumprimento do seu sagrado dever. E o dever do soldado é o dever mesmo do cidadão, em sua imposição mais forte, em suas exigencias mais pesadas, em sua comprehensão mais clara, em sua affirmação mais efficiente, em sua expressão mais alta e enobrecedora.

O dever do soldado é o dever do cidadão verdadeiramente integrado por suas possibilidades physicas, technicas e moraes no rythmo da synergia nacional.

São sobretudo essas ultimas que mais o tornam capaz de cumpril-o firmemente.

Cumprir firmemente esse dever que o leva a abandonar familia e interesses e morrer miseravelmente no fundo de uma trincheira elameado ou trespassado, no arremesso de uma carga, pela bayoneta fria do inimigo, sem ter quem lhe ouça a ultima palavra de lembrança, talvez a uma pobre mãe, a uma desventurada esposa ou a um filho que nunca mais o verá.

E' preciso preparar o soldado para esse sacrificio.

E' necessario penetrar fundo em seu coração para descobrir num generoso e intelligente esforço os germens de todas as virtudes guerreiras e desenvolvê-las tenazmente tornando-o o soldado de que a Patria se possa valer confiadamente.

E é a realização do sacrificio — sacrificio de seus bens, de seu amor, de sua felicidade, de sua propria vida — que glorifica o soldado e eterniza seus gestos.

Dezembro de 1864.... O "Marquez de Olinda" aprisionado e as forças paraguayas atravessando a fronteira em Matto Grosso... Começara a tragedia...

Commandava a Colonia Militar de Dourados, naquella provincia, o tenente Antonio João Ribeiro. A guarnição da praça era composta apenas de 15 homens.

Ao saber da invasão do territorio nacional pelos paraguayos, Antonio João despacha um portador com um bilhete para o commandante de seu Corpo e prepara a resistencia. Pouco depois surge o inimigo ante a Colonia.

Contabilidade administrativa

Pelo 1º Ten. cont. JOSÉ SALLES

II

Pela revista ligeira passada no movimento que geralmente se dá nos corpos de tropa ou estabelecimentos militares, observamos que elles se enquadram perfeitamente no theorema base da contabilidade por partidas dobradas, cujo enunciado é, mais ou menos, o seguinte: "No methodo de escripturação por meio das partidas dobradas, não ha devedor sem credor ou vice versa".

Consequentemente, não precisamos de mais palavras para affirmar a praticabilidade do methodo na administração militar.

Resta, portanto, estudar o meio pelo qual possa polo em execução, o que não é possível conseguir-se só mediante uma ordem expressa em um artigo de regulamento, como aconteceu com o R. S. A. de 1917; isto daria em resultado, e nem poderia ser de outra fôrma, um fracasso certo.

Arraijado como está o methodo actualmente empregado na idéa de todos aquelles que têm a seu cargo a contabilidade militar, impossível seria fazer a substituição de um momento para outro, sem um preparo prévio.

Este consistiria em organizar as "Instru-

ções" a serem observadas, conforme ja dissemos, que, publicadas depois, seriam objecto de estudo pelos officiaes dos Quadros do Serviço de Intendencia, a quem mais de perto interessam, os quaes, por sua vez, instruiriam os seus auxiliares. E esta parte, o preparo do pessoal, é de essencial importancia, pois, foi, a nosso ver, das causas que influíram grandemente na impossibilidade de ser cumprido o dispositivo regularmentar de 1917, fazendo nascer o principio erroneo, a que nos referimos, da inapplicabilidade do methodo, no Exercito.

Para se conseguir essa substituição seria necessario algum tempo e um pouco de trabalho que viria, em breve, produzir os seus fructos, caso fosse methodico e executado obedecendo a um plano traçado com antecedencia para ser rigorosamente seguido.

As "Instruções" seriam organizadas por uma comissão nomeada officialmente por quem de direito, della devendo fazer parte um official de cada uma das Armas e Serviços e um ou dois contabilistas de nomeada, que poderiam ser funcionarios do Ministerio da Fazenda com essa credencial, requisitados, ou, em falta destes, mestres da materia convidados ou nomeados.

O Capitão Urbietta, que commandava a força paraguaya, intima o tenente brasileiro a render-se. Serenamente pergunta-lhe Antonio João:

— Traz ordem do governo imperial para que eu me renda ou entregue a praça?

— Não, responde Urbietta, mas trago 250 homens para tomal-a á força d'armas.

— Então, meus senhores, replica o official brasileiro, retira-vos. Enquanto me bater o coração, filho do paiz que pisaes, só obedeço á intimações de meus proprios chefes e superiores". E, acto continuo, voltando-se para sua diminuta tropa commandada decidido: — "Preparar e Apon-tar!..."

A luta foi encarniçada. O numero venceu. A praça é afinal conquistada. Mas em seus parapeitos o inimigo só encontra cadaveres. Enquanto contemplava aquelles corpos ensanguentados, o capitão Urbietta abre o bilhete que Antonio João escrevera e lhe cahira ás mãos com o portador.

"Sei que morro, mas o meu sangue e o dos meus companheiros servirá de protesto solemne contra a invasão do solo de minha patria: — escrevera o tenente.

O exemplo de Antonio João é absolutamente completo. Commove e entusiasma. E' simples e grandioso. Singelo e soberbo. E permanece vivo como a mais viva das nossas tradições.

Elle foi patriota: — a invasão de sua patria indignou-o e elle em sangue lavrou o mais eloquente protesto.

Foi bravo: — tinha certeza que haveria de succumbir mas desafiou e resistiu até a morte.

Elle teve a suprema energia — o espirito de sacrificio: — lá no sertão, nos confins do Brasil, isolado, desconhecido, immolou-se ao cumprimento do dever numa resistencia de antemão inutil ante a disproporção das forças mas que permaneceu entre dores e agonias que o ultimo homem tombasse exausto e moribundo.

Patriotismo, bravura, espirito de sacrificio: — eis ahí virtudes maximas do soldado.

Só possuindo-as profundamente entranhadas no coração elle cumprirá o seu dever, seja nas circumstancias mais dolorosas.

Patriotismo entusiasta e consciente. Patriotismo que crê e affirma. Crê nas glorias do passado e nos triumphos do futuro. E affirma um presente de trabalho fecundo. Patriotismo que colloca o interesse da Patria acima do seu e do da familia. E por isso torna orgulhoso o soldado que deixa o lar, abandona seus negocios e vem pagar o imposto de sangue na Caserna. Que vem retemperar seu physico e seu moral para que a Patria conte mais uma sentinella alerta de sua honra e integridade, mais um peito entusiasta a couraçar suas fronteiras. E que vive um anno de suados esforços, de sacrificios ineditos, de saudades perturbadoras e, ás vezes, até de injustiças.

Mas um anno tambem em que nunca se foi tanto um homem, nunca se foi tanto um brasileiro.

Patriotismo que ama e comprehende as sagradas liturgias de que o amor da Patria se reveste e ama e comprehende o symbolismo da Bandeira a alimentar a exaltação dos bravos.

(Continúa)

Estudaria essa comissão a contabilidade em alguns corpos das diversas Armas e nas dependências dos varios Serviços durante o tempo que fosse conveniente, observando com attenção todo o movimento administrativo; de posse, então, dos dados indispensaveis ao seu fim, procuraria preparar, dentro dos principios da sciencia contabil, os moldes de sua applicação, elaborando as "Instrucções" referidas. Não devemos esquecer que uma cousa, aliás bem importante, haveria de ser encarada com interesse: Abrir guerra ao regimen do papelorio inutil que só vem trazer difficuldades ao serviço e trabalho improductivo.

Uma vez organizadas e publicadas essas bases, seriam divulgadas largamente em todos os corpos e repartições dependentes do Ministerio da Guerra, que dellas tomariam conhecimento e mesmo para que os interessados as fossem estudando; isto já importaria em proseguir o preparo previo.

Continuando, far-se-ia na Escola de Intendencia um pequeno estagio, onde se preparariam um certo numero de officiaes deste Serviço, com os quaes se constituiriam, depois, comissões encarregadas de fazel-as cumprir em cada Região Militar. Este estagio, de cujo programma constariam tão sómente como materia **noções geraes das partidas dobradas e, detalhadamente, as bases de sua applicação ao Exercito**, já elaboradas, ministradas pelos proprios contabilistas que fizessem parte da comissão, subordinados agora, naturalmente, á Direcção de Ensino da Escola teria a duração sufficiente e razoavel, julgada imprescindivel ao preparo firme dos alumnos, fixada de accordo com a opinião desses technicos.

Promptos os estagiarios, nomear-se-iam as comissões para as Regiões Militares, das quaes elles fariam parte, agora como technicos, encarregados de instruir o pessoal dos corpos e repartições da Região, primeiro, e depois preparar a execução.

Na Capital Federal, além da comissão destinada a 1ª D. I. seriam nomeadas outras para as Directorias Geraes de cada Serviço, que, sendo orgões mais importantes, exigiriam naturalmente que assim fosse.

Nas Regiões, os officiaes contadores passariam tambem por um estagio indispensavel á aquisição dos conhecimentos theoricos imprescindiveis, de fórma tal que o serviço não soffresse prejuizo, para em seguida, juntamente com a propria comissão, substituirem nos respectivos corpos ou repartições o systema de contabilidade.

Para isto, essa comissão passaria um certo espaço de tempo em cada unidade ou estabelecimento, onde ministraria instrucção ao respe-

ctivo pessoal contador com quem depois executaria o serviço; desta fórma, trabalhando-se quasi simultaneamente em todas as Regiões Militares, deixar-se-ia sem grande demora, todo o Exercito com a sua escripturação feita em partidas dobradas, na parte contabil, de incontestaveis vantagens.

No principio desse trabalho, a primeira cousa a fazer-se deveria ser o inventario completo de todos os materiaes pertencentes á Fazenda Nacional, existentes no corpo ou estabelecimento, com os respectivos preços que figurariam na escripta, onde tudo é representado pelo seu valor; esses preços seriam dados de accordo com os documentos de despezas existentes no archivo, ou os enviados pelas Directorias dos Serviços fornecedores, ou, na falta desses recursos, avaliados segundo os preços do material novo, diminuidos de uma percentagem razoavel. Dahi por deante, tudo o que fosse recebido dos Serviços fornecedores, viria com o preço de custo nas notas juntas, como já se pratica com os objectos adquiridos no commercio.

Isto teria a vantagem de, todas as vezes que surgisse a necessidade de conhecer o valor dos bens da Fazenda Nacional sob a guarda do Conselho Administrativo, tel-o após um simples exame no livro de "Entradas e Sahidas de Materiaes".

Quanto aos livros e impressos necessarios ao funcionamento dos serviços de contabilidade, seriam fornecidos pela Intendencia da Guerra que os mandaria confeccionar, segundo os modelos organizados pela comissão encarregada e constantes das "Instrucções" da mesma. Resultado, tudo uniforme em todo o Exercito, quanto a esta parte.

Futuramente, revisto o R. A. C. T. E. M. para ser posto de accordo com o Codigo de Contabilidade Publica da União, reunir-se-o-ia áquellas em um "Regulamento para Administração e Contabilidade Militar" que enfeixasse tudo o que dissesse respeito a isto.

Agora, para concluir, diremos alguma cousa sobre o tempo julgado preciso á realização desse trabalho. Assim, para estudo e elaboração das "Instrucções" a comissão designada consumiria, mais ou menos, um anno.

Impressão, divulgação, confecção dos livros e impressos e estagio do pessoal, na Escola de Intendencia, seis mezes.

Trabalhos de instrucção e execução pelas comissões, em cada Região Militar, um a dois mezes por corpo ou estabelecimento, segundo as exigencias da importancia dos seus movimentos.

Vemos, desta maneira, como não é possível, num trabalho de tamanha responsabilidade, como este, fazer uma transição repentina e immediata, como queria o R. S. A. de 1917.

Interessa-lhe o commando do Batalhão no Terreno ?

POR QUE NÃO PROCURA LER O LIVRO DO CMT. AUDET ?

Para assignantes.	3\$000
Não assignantes.	3\$500
Pelo correio mais.	\$500

A instrução do soldado para o combate

Pelo Cmt. GUIGUE

(Tradução da "Revue d'Infanterie" pelo Cap. Rubens V. Cunha).

CONSIDERAÇÕES GERAES

Na nossa opinião, tres periodos devem caracterisar um cyclo completo de instrução da tropa e dos quadros:

— um periodo de instrução individual do soldado e dos grupos elementares (grupos de combate, pelotão);

— um periodo de instrução da companhia e das unidades mais importantes (batalhão, regimento);

— um periodo de applicação no quadro de uma grande unidade (manobras e estadias nos campos).

Occupar-nos-emos sómente do primeiro periodo aqui, o qual poderemos chamar o periodo do ensino militar primario elementar.

Como o ensinamento a dar no decorrer deste periodo constitue a propria base da instrução do soldado, convém dar-lhe toda a amplidão e toda a importancia que merece. E' deste ensino que depende todo o valor da instrução; não se poderia, em consequencia, consagrar-lhe pouco cuidado e methodo. Além disso, é necessario confiar-lhe só instructores plenamente confirmados, possuidores de um methodo de trabalho e que conheçam processos simples para a applicação deste methodo.

Quando é necessario começar o ensino?

Uma primeira questão se impõe aos instructores, questão que é resolvida de modo o mais variado: quando é necessario começar a instrução individual?

Para os exercicios de ordem unida, para os deslocamentos individuaes e com tropa, para o "desbravamento" do soldado, estamos em geral de accordo, porque é evidente que devemos começar sem demora; devemos até desejar e esperar que a extensão dada á preparação militar permitta receber em breve os recrutas já sufficientemente desembaraçados para que tenham sómente que entrar sem demora, por occasião de sua chegada ao regimento, nos moldes da disciplina.

Ao contrario succede para os exercicios destinados a instruir o soldado para o combate, que alguns consideram como não devendo começar senão após o "desbravamento" e que outros, ao contrario, desejariam iniciar immediatamente e conduzir parallelamente com os exercicios de ordem unida.

Não temos, no que nos diz respeito, nenhuma hesitação em declarar que não se poderia começar os muito cedo, de accordo nessa parte com o Regulamento de Infantaria que prescreve "fazer apparecer, desde o começo, a idéa de combate, que deve dominar a instrução".

Onde e como devem ser feitos os exercicios?

Não ha necessidade, para iniciar este ensinamento, de emprehender exercicios complicados nem de procurar, desde o inicio, terrenos variados: os pateos dos quartéis e suas proximidades

immediatas bastarão na maior parte das vezes, por menos favoraveis que sejam em geral esses logares para dar a instrução. Terão, em todo caso, a vantagem apreciavel de permittir, sem perda de tempo, o termino das operações de incorporação. Basta que nos conformemos com as prescripções geraes do Regulamento, adaptando da melhor forma estas prescripções á situação particular e ao meio em que se encontra a unidade, para regular em seguida a marcha da instrução.

Mas, qualquer que seja a situação, qualquer que seja o meio, desejaríamos que a idéa dominante, junto ao instructor, fosse de considerar instrução individual para o combate como sendo a chave da abobada do ensinamento a dar. Devemos, por consequente, procurar para os programmas de instrução do começo uma praça bastante larga para este ensinamento. Levar-se-á em conta, no decorrer, que não haverá um instante a perder para dal-o convenientemente, mesmo nos limites fixados pelo Regulamento. Perder-se-á um tempo precioso quando, deliberadamente, se esperar poder ir ao exterior para começar esta instrução, ou, no minimo, os exercicios preparatorios a esta instrução.

Não quereíamos que nosso pensamento fosse interpretado num sentido restricto, ao preconisarmos o começo de ensino nos pateos das casernas ou suas proximidades e que dahi se conclua que não é preciso ir ao exterior. Estamos, ao contrario, convencidos que é sómente no exterior que se fará excellente trabalho e que será necessario ir ao campo o mais cedo e o maior tempo possivel. Será util entretanto, esperando o fim das operações de incorporação, se resignar em aceitar a marcha da instrução no interior, procurando tirar della o melhor partido.

O TRABALHO NO EXTERIOR E O TREINAMENTO DE MARCHA

O trabalho no exterior nos dará um beneficio immediato e apreciavel, o do treinamento progressivo da marcha e á condução do equipamento e da mochila. A marcha constitue, para o infante, um trabalho essencial cuja importancia o Regulamento não deixa de sublinhar. Convem, effectivamente, não perder de vista que, após do desenvolvimento dos meios de transporte mechanicos e o emprego intenso desses meios na guerra, a marcha continúa sendo o processo normal do deslocamento da infantaria em campanha.

Logo será necessario que este treinamento seja regulado com cuidado, de maneira a permittir aproveitar todos os exercicios para realizar, graças a uma escolha racional dos terrenos de trabalho, uma progressão methodica que finalise numa combinação harmonica da marcha e da instrução.

O Regulamento dá sobre esse assumpto indicações precisas, que convirá applicar sabiamente, cuidando muito particularmente de não "forçar" o treinamento desde o começo. Falta de

atenção sufficiente, expor-nos-ia a mau exito que teria como primeira consequencia um atraso na marcha da instrucção.

A marcha com o calçado regulamentar, muitas vezes mal ajustado no começo, é, para os jovens soldados, um exercicio penoso que se traduz frequentemente por ferimentos nos pés, isto é, por doenças. E' pelo treinamento, que se fará entrar no quadro do trabalho diario, que o homem será preparado á execução facil das marchas regulamentares. A marcha diaria cria, desenvolve e matém a aptidão do infante para a marcha, seu sport por excellencia.

Deixemos, por instante, esta importante questão, que examinaremos outra vez, e volte-mos á nossa instrucção individual para o combate.

INSTRUCÇÃO INDIVIDUAL PARA O COMBATE. — OBJECTIVO. COMO DAL-A.

Esta instrucção tem por objectivo, leiamos no Regulamento, "ensinar ao soldado a agir individualmente em proveito da collectividade", ou de outro modo, de formar homens aptos a combater em todas as circumstancias na cellula elementar da infantaria, o grupo de combate. Não se poderia conceber a instrucção individual para o combate dada fora do quadro do grupo, isto é, sem a noção precisa que todos os homens dum mesmo grupo são e permanecem solidarios em todos os seus actos de combate. Segue-se que esta instrucção deve, obrigatoriamente, ser dada tomando como base uma situação de guerra do grupo indicado, ou melhor, exactamente definida pelo instructor. Este deverá sempre se esforçar em demonstrar que em todas as circumstancias, o successo de todos é a resultante da habilitade technica de cada um e "que ao contrario, a ignorancia ou o desfallecimento dum só pode comprometter o bom exito da acção commum".

NECESSIDADES DE ENSINO PREVIO DE CERTOS EXERCICIOS ELEMENTARES

Antes de abordar a instrucção que visa o combate no quadro do grupo, é necessario, — iamos escrever indispensavel, — de preparar os homens para receber esta instrucção. Esta preparação destina-se a collocar os nas melhores condições de comprehensão e de adaptação, sem as quaes arriscar-se-ia não ser comprehendido. E' o ensino previo de alguns exercicios elementares que constitue esta preparação.

Estes exercicios elementares são os que se encontravam na antiga "Instrucção pratica sobre o serviço em campanha", sob o nome de ensinamento preparatorio e de instrucção individual; excepto alguns detalhes, são os mesmos.

Compreheende em primeiro lugar: o conhecimento e a utilização do terreno.

E' permitido esperar que a importancia deste ensinamento permanecerá vivaz na infantaria, principalmente emquanto existirem officiaes que tenham tomado parte na ultima guerra. Seu dever essencial, presentemente, é fazer penetrar profundamente no espirito dos jovens quadros a importancia desta questão, afim que ella não caia rapidamente no mortal esquecimento.

O infante no combate deve, mais que nunca, procurar e encontrar no terreno um de seus mais preciosos auxiliares, quer se trate de ataque ou

de defesa. Será necessario portanto, sempre e em toda parte, ensinar-lhe:

A estudal-o para delle tirar o maximo de protecção;

A percorrel-o numa direcção dada para ali se dirigir facilmente;

A utilisal-o em todas as suas particularidades, donde os exercicios:

— de estudo;

— de orientação;

— de utilização; que o Regulamento prevê.

Em segundo lugar, encontramos "o emprego das armas no combate".

A utilização do terreno deve permittir aproveitar toda a potencia das armas, quer se trate de offensiva, quer de defensiva; num como no outro caso, a adaptação do fogo ao terreno deve ter por fim dar-lhe o maximo de intensidade.

E' portanto logico não começar o ensino do emprego das armas no combate senão depois que o homem estiver familiarizado com a utilização do terreno. Ha, ao contrario, interesse em conduzir parallelamente estes dois ensinamentos, desde que a utilização do terreno esteja sufficientemente conhecida.

Mas a adaptação da arma ao terreno que se utiliza para o combate não bastaria ao infante; eis porque encontramos no Regulamento uma serie de outros exercicios que um futuro combatente deve conhecer. E' assim que será necessario ensinar-lhe:

— a procurar os objectivos e a abrir o fogo sobre estes segundo as circumstancias;

— a manejar, montar e desmontar suas armas na escuridão e em todos os tempos;

— a apreciar as distancias em determinados limites.

Não haverá senão vantagens em combinar convenientemente estes exercicios com os que se destinam a ensinar a utilização do terreno.

A preparação para as missões individuaes constitue a terceira serie dos exercicios elementares previstos pelo Regulamento. Este ensino comprehende a instrucção:

— do espreita;

— do esclarecedor;

— do agente de transmissão ou do homem de ligação.

Como a instrucção destinada a ensinar o emprego das armas no combate, a da preparação para as missões individuaes não poderá ser dada sem levar em conta a utilização do terreno, a qual está estreitamente ligada.

De todas essas consid. ações, podemos concluir que o ensino elementar preparatorio para o combate forma um conjunto harmonico e completo, em que todos os exercicios estão estreitamente ligados.

ENSINO PREVIO DE CERTOS EXERCICIOS ELEMENTARES. O METHODO DE INTRUCÇÃO

Não poderíamos insistir muito sobre a necessidade de não perder o tempo se o quizer, nos prazos fixados pelo Regulamento, dando a todos os homens as noções indispensaveis para cumprir as missões geraes do combatente num grupo.

Estimamos que a duração de quatro mezes, que o Regulamento dá aos instructores para cumprir o programma do primeiro estagio, deverá

ser judiciosamente empregada, si quizermos obter resultados reaes e duraveis.

E' sómente pelo emprego dum methodo de trabalho bem concebido, bem ordenado e racionalmente applicado a um programma estudado, procurando por todos os meios economisar preciosamente o tempo, que se poderá esperar o objectivo fixado pelo Regulamento.

Succede que a procura do ganhar tempo variará com a estação em que começa a instrução, levando em conta notadamente a duração dos dias, o rigor ou a clemencia da temperatura. Mas querer ganhar tempo não poderia implicar na execução dum trabalho meio terminado, nem na ausencia de espirito de continuidade. Deve ficar entendido que em qualquer estado de causa, a progressividade racional do trabalho deve ser estritamente mantida.

Isto posto, examinemos se poderá dar o ensinamento e quaes deverão ser os principios directores do methodo:

a) Preparação das sessões. — Papel do Capitão.

O Capitão terá que por em pratica na maior escala suas qualidades de instructor e de chefe. Sua acção é essencial, e se pode affirmar que nada seria capaz de substituil-a.

Quando tiver escolhido seu quadro de trabalho semanal, deverá sem demora, adaptal-o, para o resultado que procura attingir, a seus instructores, a todos seus instructores. O Regulamento faz-lhe de facto, muito sabiamente além disso, uma obrigação a que não poderia se subtrahir sem commetter um erro. Obriga-o a "dar a seus instructores, tanto no curso das sessões praticas preparatorias como por meio de notas summarias, todas as indicações uteis a respeito do papel de cada dia". A importancia destas sessões, desta collocação em condição pedagogica, não poderia sem inconvenientes escapar ao Capitão; porque é deste preparo, da boa comprehensão pelos instructores das directrizes que lhe der de que dependerá a boa ou a má instrução do soldado.

Não será mau que o commandante de batalhão, respeitando as attribuições do Capitão se certifique, de tempos em tempos, de que essa preparação é effectiva e não se limita ao cumprimento mechanico de uma formalidade sem importancia.

É no decorrer destas sessões, completadas todas as vezes que for necessario por notas summarias complementares, que o Capitão dará, a seu modo de ver, processos simples e praticos destinados a facilitar simultaneamente o papel dos instructores e a comprehensão dos recrutas. Este methodo de ordem geral encontrará seu pleno lucro na importante questão da preparação para o combate que deve, para o Capitão, constituir objecto de suas mais serias preoccupações de instructor. Reunirá portanto seus instructores de que seu quadro de trabalho tiver sido escolhido, para lhes dar um resumo geral das particularidades que offerece este quadro e dos principaes ensinamentos que comporta, e lhes indicará as partes essenciaes dos regulamntos a rever

Em seguida, fará, no decorrer da semana, tantas reuniões quantas julgar necessarias para indicar os processos a empregar no decurso dos

exercicios a executar nas duas ou tres sessões que se seguirem.

Previamente, e si possivel antes da incorporação — isto é antes do começo da instrução, deverá, em sessões quantas necessarias, preparar os instructores dando-lhes os principios geraes do methodo a empregar, afim de ter em sua unidade ensinamento uniformisado e coherente. A applicação desses principios no detalhe, isto é, o ensino dos processos a empregar, constituirá objecto das reuniões supracitadas, a organizar durante a instrução.

Para a instrução referente ao combate, será preciso que a base deste ensino esteja na execução dos exercicios preparatorios. Estes exercicios devem, como já vimos, preceder obrigatoriamente os exercicios de applicação destinados a adextrar tendo em vista sua acção no grupo de combate e na execução das missões individuaes.

b) Principios que devem servir de base ao methodo.

O conhecimento do terreno dá as condições de toda a instrução para o combate; permite ensinar a denominal-o uniformemente numa linguagem que facilite a comprehensão de todos, e tambem sobretudo, a utilisal-o no maximo, nas melhores condições, segundo as circumstancias do momento.

A observação em estação sendo mais simples e mais facil que em momento, começar-se-á por instruir o homem parado; passar-se-á em seguida á instrução em movimento. No primeiro caso, deve-se encarar a situação do homem encarregado de observar, de espreitar, de proteger; no segundo, a do homem em movimento, quer isolado, quer em seu grupo com as missões de combater, de esclarecer, de conduzir uma ordem, etc.

Ainda no quadro do grupo, o ensino deve continuar a ser individual até que o homem tenha comprehendido sufficientemente para poder agir em ligação com seus camaradas ou para poder, por si proprio, tomar uma decisão de accordo com o que impõe a situação visada.

Nenhuma hypothese, differente das que o terreno em que nos encontramos permite fazer deve ser encarada pelo instructor. Não se deve, por exemplo, suppor que se vê alguma coisa quando não se pode ver nada, ou quando um obstaculo pode nos proteger, ao nosso lado não existindo obstaculo algum.

Como consequencia, será necessario mudar frequentemente de terreno. A variedade do ensino deverá ser adaptada ao terreno no qual se trabalha, afim de manter a attenção dos homens; donde a necessidade absoluta para o instructor, de preparar minuciosamente seus exercicios, procurando os terrenos que lhe permittam demonstração facil e completa do que pretende ensinar.

O instructor, depois de ter recebido as indicações do Capitão, deverá procurar os terrenos os mais favoraveis, delles fazendo em seguida um reconhecimento profundo, com o fim de se assegurar de que suas formas e suas particularidades lhes permittirão uma applicação completa do que pretende ensinar.

Regulará a avançada no proprio terreno, os incidentes que pretende crear para apoiar suas demonstrações, de modo que nada de seu ensino fique sujeito á inspiração do momento. Convém,

de passagem, sublinhar ainda uma vez a necessidade de encerrar definitivamente a era do trabalho não preparado e conduzido segundo a vontade de cada um.

O instructor não deixará de verificar si um mesmo terreno permite combinar numerosos ensinamentos e poderá, por consequencia, ganhar tempo utilizando a fundo todas as particularidades que elle offerecer.

Terá assim um meio economico para variar os exercicios, mas não perderá de vista que um mesmo exercicio deve ser repetido em terrenos diferentes e em circumstancias egualmente diferentes. A variedade deverá portanto ser exigida para o trabalho em todos os terrenos, applicada ás situações mais diversas e tambem a momentos diferentes do dia.

Para polir o homem no que se refere ao combate e lhe ensinar a cumprir missões que lhe tocarão, é indispensavel que a instrucção seja dada a qualquer hora do dia ou da noite. Poder-se-á, sem inconvenientes, trabalhar em um mesmo exercicio no mesmo terreno, em momentos variaveis do dia e principalmente em estações diferentes.

E' necessario considerar, com effeito, que si os accidentes do solo não variam, para um mesmo terreno, o aspecto deste é, ao contrario, susceptivel de modificações apparentes muito numerosas. Será necessario naturalmente instruir os homens levando em conta estas modificações.

Será facil lhes fazer notar que a visibilidade varia consideravelmente segundo o tempo, o estado da temperatura, a hora, a estação, o nevoeiro, a chuva, etc.

Do mesmo modo, mostrar-se-lhes-á quanto a noite, desde o momento em que começa a cahir até aquelle em que é completa, modifica por assim dizer constantemente o aspecto do terreno e do que elle contém. A' noite, o surgir da lua vem egual e repentinamente trazer mudanças na decoração, e o nevoeiro da manhã, quer desapareça de subito, quer chegue do mesmo modo, quer persista, não deixa de occasionar profundas modificações á visualidade, e, por isto, a situação inicial se encontra frequentemente modificada. Estas modificações acarreterão na maior parte das vezes mudanças das disposições tomadas.

Destas verificações dever-se-á tirar todas as consequencias logicas, sob o ponto de vista de instrucção, organização, exercicios apropriados ás circumstancias que resultarem das mudanças supervenientes no estado do céu, no momento da observação. Será a arte do instructor, que terá então de intervir opportunamente para fazer variar o trabalho previsto.

E' importante sublinhar esta questão, porque os quadros esquecem frequentemente, algumas vezes por preguiça de espirito, que as mesmas disposições não podem ser applicadas, por exemplo, em tempo claro e no de nevoeiro e que um observador, bem collocado, com tempo claro, terá seu papel annullado com a appareção de espesso nevoeiro. Não se aprenderá bem isto verdadeiramente senão procurando trabalhar em todos os tempos e a toda hora, em logar de fazer hypotheses as mais fantasticas e as menos admissiveis.

Em vez de dizer ao homem habituado, em pleno dia a estudar e a observar o terreno: "E

agora que fariéis se fosse noite?" é preferivel, depois de lhe ter recordado seus deveres de noite em situação analoga, obrigar-o a trabalhar depois do fim do dia. E' assim, bem entendido, para os outros ensinamentos.

As explicações theoricas, que deverão obrigatoriamente preceder e acompanhar cada ensinamento, não deverão ser longas nem sobretudo degenerar em conferencias interminaveis que não terão outro resultado senão fazer perder, em definitivo, um tempo precioso. O Regulamento de Infantaria (1ª Parte, numero 71) dá muito sabias prescripções a este respeito; convém nellas meditar e applical-as. Não será comtudo interdito resumindo tudo á linguagem "terra a terra" apoiar o ensinamento em exemplos historicos muito simples, todas as vezes que se puder.

Ter-se-á assim, juntamente, ensino tactico, e ensino moral.

A utilização das classes dos antigos como grupos de demonstrações, ou como plastron, deve ser encarada largamente, todas as vezes que o ensinamento o comportar. Organizar-se-ão estas sessões de tal maneira que o trabalho seja aproveitavel aos antigos como aos recrutas. Poder-se-á, por exemplo, mandar executar pelos soldados antigos a progressão do grupo numa zona exactamente definida, enquanto os recrutas aprenderão a procurar os objectivos, a dar informações de observavador, a apreciar as distancias, a estudar os limites de emprego do fogo, etc.

O trabalho á noite torna-se quase o trabalho normal da infantaria em campanha, notadamente para se deslocar, organizar e guardar uma posição, fornecer elementos de segurança, etc. Por consequente, o infante deverá mais que qualquer outro combatente, exercitar-se no trabalho á noite por frequentes exercicios.

O Regulamento fixa as condições de execução deste ensinamento, mas parece necessario prestar especial attenção ao facto dos instructores deverem nos limites fixados, impellir inteiramente esta instrucção desde que o ensinamento dado de dia estiver sufficientemente adiantado para permittir sua comprehensão. Para ser proveitoso, um exercicio de noite deve ser muito minuciosamente organizado e não visar senão um ou dois ensinamentos exactamente determinados.

Dar-se-á, naturalmente, no inicio a instrucção preparatoria, depois a instrucção completa a todos os homens sem excepção, mas notar-se-á que as aptidões particularidades de cada um, notadamente nas missões individuaes, não são equivalentes e ainda que certo numero de homens são refractarios natos para executar determinadas missões. O ideal seria ter o maior numero de homens aptos em todas as funções com igual competencia, mas é necessario saber que este ideal não será inteiramente attingido. E' portanto indispensavel que os instructores e os commandantes de companhia conheçam muito exactamente as aptidões reaes de cada um, afim de oriental-os para a especialidade que melhor convém ao seu caracter e a sua instrucção, e poder notal-os muito exactamente sobre suas aptidões em campanha, no momento de seu licenciamento.

Este conhecimento de cada homem não poria realmente ser completo senão quando, desde o começo, nos dedicamos a segui-los em seus progressos.

O REGIMENTO DE INFANTARIA

I.—O EXERCICIO DO COMMANDO

Pelo Cel. E. LEITÃO DE CARVALHO

De todos os factores que concorrem para fortalecer nos corpos de tropa a disciplina, a cohesão e a operosidade, nenhuma sobrepuja em efficacia a *tradição*, quando inspirada em bons exemplos e cultivada com afincio.

Conservando através dos tempos habitos e costumes, — firmados na observação esculpida das disposições regulamentares, na fiel execução das ordens do commando, no amor ao trabalho e na pontualidade, — ella cria um ambiente proprio no seio do qual se opera facilmente o desenvolvimento das — fonte inexgotavel das forças moraes, integração resulta a efficiencia da tropa.

Mais ainda do que a sustentação desse arcabouço de ordem technica, a tradição promove e apura o cultivo das virtudes militares, — fonte inesgotavel das forças moraes, insubstituiveis e de acção peponderante na guerra.

Numa atmosphera de trabalho, em que a disciplina tenha por base a justiça, e esta se exercite com bondade; a educação se processe mediante o exemplo, dado pelos superiores aos subordinados, — o respeito mutuo e a cordialidade surgem espontaneamente; medram e se expandem os sentimentos de confiança, em que se firmam os laços da camaradagem.

Transmittidos de geração em geração, esses predcados, — que dão á tropa relevo profissional e conceito publico —, despertam o *espírito de corpo*, que, no dizer de Clausewitz, permite assimilar, condensando, todas as forças moraes dispersas de um exercito, assim aprimorando as *virtudes guerreiras*.

Uma unidade com taes caracteristicos é a melhor escola militar de um exercito.

Nella se ministra com segurança a instrução e a educação aos jovens soldados,

A variedade do ensino, de que já falámos e sobre á qual parece-nos opportuno voltar novamente antes de terminar com os principios directores do methodo deve decorrer do programma fixado, do quadro de trabalho do Capitão. Vimos como o instructor deve procural-o adaptando-o ao terreno, mas é necessario igualmente que o procure na escolha dos meios apropriados.

E' fazendo assim que elle tornará o trabalho attrahente a todos.

cujos primeiros passos na vida laboriosa da caserna serão guiados pelo exemplo dos companheiros mais antigos: adquirem elles por essa fórma, desde a incorporação, consciencia das responsabilidades que o uniforme lhes impõe e da repercussão que seus actos podem ter sobre o bom nome da collectividade a que pertencem.

Os graduados incluídos no corpo adaptam-se mais ou menos rapidamente ás condições do meio, estimulados ou coagidos pela conducta dos camaradas, que sobre elles exercerá poderosa acção educativa, compellindo-os ao cumprimento do dever.

Os officiaes, finalmente, de cuja actividade particularmente depende a elevação do nivel moral e profissional dos corpos de tropa, encontrarão no seu amor proprio, nos sentimentos de dignidade exigidos por sua condição militar, incentivos bastante fortes para se collocarem á altura das tradições do meio em que ingressam, sendo em geral sufficientes as advertencias dos companheiros para corrigir-lhes os pequenos desvios de conducta, raramente se fazendo mister a intervenção disciplinar dos superiores, para que se enquadrem nas exigencias profissionais da corporação.

Nesse culto á tradição reside a força dos grandes exercitos. Delle emanam a solidez da disciplina, a cohesão inquebrantavel em face do perigo, a correcção individual e collectiva nas apresentações em publico.

Onde essa tradição não existir, é preciso montar a machina do commando com todas as peças, crear o ambiente favoravel ao surto dessas qualidades, indispensaveis para dar á vida arregimentada um padrão superior; e, alcançado o exito, *firmar a tradição*, combinando a repressão disciplinar com o jogo das forças moraes, sempre efficaes, quando manejadas com pericia.

E' essencial, ali está uma arte, que o trabalho visando a preparação para o combate seja aceito por todos como se tratasse de uma distracção e dum prazer, dos quaes o ingenho do instructor teria sabido banir em tempo a monotonia que gera a desatenção, depois a fadiga.

Veremos, no proximo artigo, os processos que poderemos empregar para obter este resultado.

É a função primordial do commandante.

Sua acção educativa, exercitada em primeiro logar sobre a mentalidade dos officiaes, afim de revigorar-lhes a fé patriótica, o entusiasmo pelo trabalho, a compenetração das obrigações inherentes a seus postos, a circumspecção no serviço, rigorosa pontualidade, — não deve ser alcançada com sacrificio do bom humor e da cordialidade, nem tolher em sua expansão natural a alegria das horas de folga. Será vantajosamente completada com o cultivo das relações sociaes entre os officiaes, poderoso amortecedor contra os choques do quartel e força de equilibrio que aplaina as asperezas deixadas pelo serviço.

Mórmente nas pequenas guarnições, são manifestos os proveitos decorrentes do convívio social mantido entre os membros da familia militar, guardadas, está subentendido, a discreção e cortezia que presidem ao tracto entre pessoas educadas.

Função difficil, que requer tempo e certas aptidões de quem a pretender exercitar: conhecimento completo dos deveres do cargo, confiança em si, tenacidade, espirito de justiça, discreção e tolerancia; difficil, mas não irrealizavel.

Quando orientados com acerto, os esforços despendidos nesse sentido produzirão frutos que satisfarão cabalmente as aspirações mais exigentes.

Garantida a cooperação dos officiaes, tanto mais efficaç quanto maior for a boa vontade em seguir os conselhos do chefe, estarão vencidas, a bem dizer, as resistencias da rotina. As camadas inferiores da hierarchia, mais extensas, porém amoldaveis com maior facilidade, entrarão na corrente, mediante o exemplo e a acção disciplinar dos commandantes de sub-unidades.

Impresso á actividade no corpo o cunho disciplinar e de operosidade que tornam atractiva e util a vida arregimentada, a sustentação do nivel profissional dependerá exclusivamente da acção dos officiaes. E esta, para ser efficaç, tem de ser exercitada *de cima para baixo*.

Nenhum campo é mais adequado á implantação de semelhante experiencia do que o Regimento de infantaria. O numero de unidades que o compõem, o seu grande effectivo, servido por numeroso corpo de officiaes, longe de difficultar, como a um exame superficial se poderia suppor, favorece a acção estimulante e coordenadora do chefe, que se trans-

mittirá a um organismo de grande vitalidade, autonomo, em que a administração, a disciplina e a instrucção receberão, por igual e sem perturbação de autoridade estranha, o impulso tonificante do trabalho, que assim produz mais economico resultado.

Temos como improcedente a critica, commummente arguida entre nós contra a organização complexa e, ao ver de alguns, pesada do Regimento de infantaria, que se pretende dever ser substituído na ordem de batalha do Exercito por batalhões de caçadores, que se agrupariam em caso de guerra. O argumento principal dos que advogam essa substituição reside na difficuldade, segundo elles, existente no tempo de paz, de manter nos regimentos um nivel profissional elevado, devido aos entraves oppostos pelo complicado mecanismo da administração e do commando, repleto de rodas autonomas, cujo movimento custa a harmonizar. Tudo depende do valor do chefe e da maneira por que elle faz sentir a sua acção: agindo com justiça e isenção de animo, apoiado sempre nos regulamentos, cujo poder coercitivo deve attingir a todos os degraus da hierarchia, a machina funcionará sem attrictos perigosos e produzirá o maximo rendimento. O batalhão de caçadores apresenta menor complexidade, é certo, mas os resultados que se obtêm são tambem mais reduzidos, devido ao numero restricto de sub-unidades de que elle se compõe. Além do que serão necessarios *muitos chefes* para uma obra susceptível de ser realizada com efficaçia por um só... No Regimento, o espirito de corpo tem maior alcance, a uniformidade na instrucção abarca maior effectivo; por isso elle é, nos melhores exercitos, o *corpo de tropa* por excellencia, verdadeira escola de commando para os chefes.

No exercicio do commando do Regimento, como o comprehendemos, não é possivel attingir o resultado almejado sem a verificação de duas condições, a que se deve subordinar a actuação do commandante: concessão, nos limites conferidos pelos regulamentos, de autonomia aos chefes subordinados; e fiscalização frequente de todos os ramos da actividade regimental, acompanhada das correccões que o caso exigir, dando a conhecer aos responsaveis a impressão causada pela inspecção do serviço.

A concessão de autonomia aos chefes subordinados é condição indispensavel á conservação dos progressos realizados na implantação, tanto dos methodos de instrucção, quanto das normas administrativas e do regimen dis-

ciplinar: estimula a iniciativa, desperta o gosto pelo trabalho, define as responsabilidades. Mas os resultados, para não baixarem de nível e para se conservarem dentro da orientação geral do commando do Corpo, necessitam ser inspecionados por este; frequentemente, no início de sua acção renovadora; mais espaçadamente, á medida que se for firmando o habito, que gera a tradição.

Essa fiscalização não pôde, nem deve ser considerada pelos chefes subordinados — commandantes de batalhão, chefe do serviço sanitario, etc. — como prova de desconfiança: é apenas desencargo de consciencia, cumprimento do dever, de parte do principal responsável pela boa execução dos serviços no Regimento. Seguindo esse exemplo, os referidos chefes exercitarão uma acção analoga sobre os seus capitães, e estes em relação aos seus subordinados. Vulgarizada a pratica das inspecções, serão ellas recebidas com a maior naturalidade, como a manifestação de um serviço corrente, que a ninguem inquieta nem offende.

Maiores difficuldades offerece ao commandante do Corpo o exercicio de sua acção complementar, traduzida na expressão de seu julgamento acerca dos serviços examinados. A acção educativa vale mais, nesse particular, do que a repressão disciplinar, a que se terá de recorrer, em emtanto, em casos graves. A difficuldade reside sobretudo na maneira de fazer sentir, com proveito para toda a corporação, tanto ao responsável pelo serviço fiscalizado como aos chefes de igual categoria, a impressão colhida no exame. O desempenho dessa tarefa requer um tacto particular para a escolha das expressões, que devem traduzir com franqueza a opinião da autoridade que procedeu á inspecção, mas não ferir as pessoas pela dureza ou irreverencia.

Essa *critica*, — pois a impressão manifestada acerca do estado em que foi encontrado um serviço resume-se na approvação do que está em ordem, e na reprovação das irregularidades notadas, numa critica, portanto; — essa critica, quando exercitada com criterio, é o mais efficaz instrumento de que dispõe o chefe do Corpo para animar seus subordinados immediatos, ou corrigil-os, sem comprometter o prestigio da officialidade perante a tropa.

A utilização da *reunião geral*, referida no art. 18 do R. I. Q. T., para julgamento de outras actividades, além da instrucção, a que é reservada pelo dito regulamento, offerece vantagens indiscutíveis.

De passagem, cabe aqui uma observação acerca da expressão *reunião geral*, de que se serve o regulamento, em substituição da palavra *critica*, ali julgada impropria ao caso, porque “não se trata de *criticar*, mas de *ensinar*”. Em primeiro lugar, *reunião geral* indica apenas a congregação dos officiaes, mas não o fim para que são reunidos. Trata-se é de fazer-lhes ouvir o *juízo fundamentado*, acerca de um *exercício ou de um serviço*, emitido pela *autoridade* que procedeu á inspecção. E o que é *critica*, senão juízo fundamentado acerca de qualquer cousa: obra de arte, actos politicos, factos sociaes, doutrinas scientificas, exercicios militares, etc.? Preferivel é, pois, voltar á expressão consagrada ha tanto tempo em nosso Exercito, e que a ninguem mais arrepiava...

O estado em que foi encontrado um serviço — almoxarifado, rancho, formação sanitaria, baías, etc., quando excepcionalmente bom, merece palavras de louvor e animação da autoridade que os passou em revista, as quaes poderão ser proferidas no proprio local, de fórma que sejam ouvidas pela assistencia; mas quando excepcionalmente mau, exige uma apreciação no circulo dos officiaes interessados, porquanto toda a collectividade soffre com taes irregularidades do serviço e é natural que dellas tenha conhecimento. Dessa apreciação resulta uma acção moral da collectividade sobre o individuo, efficaz para a correcção da falta. Praticada exclusivamente no circulo dos que têm direito de ouvil-a, e em termos convenientes, essa critica *ensina e corrige*.

É preciso, porém, que o chefe não permita discussão em torno de suas observações: seja justo, breve, commedido nas palavras, saliente os inconvenientes resultantes da irregularidade que notou, chame a attenção para a falta sem personalizar, lembrando o cumprimento do dever; ouça as ponderações dos seus subordinados, quando feitas com respeito e oportunidade, e despeça, agradecendo, a presença dos officiaes.

Não ha vantagem em publicar no *Boletim* factos dessa natureza, que, debatidos pela tropa e apreciados com espirito maledicente no meio dos subordinados, diminuem o prestigio dos officiaes e prejudicam a disciplina. Os resultados das inspecções de serviço, salvo quando derem lugar a punições disciplinares ou provoquem a intervenção da justiça militar, devem ser incluídos entre aquelles assumptos que o § 1º n. 7, art. 53, do R. I. S. G.

declara "não constituirem materia de boletim".

Quanto ás inspecções relativas á instrucção, sem duvida que só ha vantagem em que seus resultados sejam expostos e commentados pelo commandante do Regimento no circulo dos officiaes, porque da sua critica resultam sempre ensinamentos que devem ser aproveitados por todos.

Em alguns casos, taes como exercicios tacticos no terreno, não ha inconveniente em que os sargentos ouçam as apreciações da autoridade que dirigiu o exercicio, ao menos na parte que lhes possa interessar. Nada impede que essa autoridade agradeça a presença dos sargentos e os despeça, quando julgar opportuno fazer apreciações dirigidas exclusivamente aos officiaes. O circulo dos ouvintes pôde restringir-se ainda mais, ficando reduzido aos capitães e officiaes superiores, se assim o entender a autoridade, afim de não vexar os commandantes de unidades com observações que não precisam ser conhecidas dos seus subordinados.

Tudo é questão de tacto; a pratica des envolve as qualidades requeridas para o desempenho dessa delicada funcção, que se não

póde exercitar efficazmente sem polidez e tolerancia, ainda que com franqueza e energia.

Mesmo certos assumptos estranhos á administração e á instrucção, mas de importancia para a vida do Regimento, nesse numero os referentes á disciplina e á conducta de officiaes, convem sejam tratados no circulo destes, onde será mais facil esclarecer os factos, assentar medidas geraes de repercussão immediata.

Essa maneira de proceder offerece a inestimavel vantagem de approximar os officiaes dos seus chefes, estabelecendo entre elles uma corrente de entendimento, que redunde em confiança reciproca e prestigio para o commandante do Corpo, se este souber agir com discernimento e se inspirar sempre em elevados propositos.

A experiencia tentada, com exito, durante os dois annos em que estivemos á frente de um dos regimentos da 5ª Bda. I., nos proporcionou alguns ensinamentos, que parece util divulgar, porque podem concorrer para facilitar a tarefa dos camaradas que, investidos de iguaes funcções, deparem com as difficuldades que nos rodearam.

É o que faremos a seguir.

Estatutos de "A Defesa Nacional"

O *Grupo Mantenedor* desta Revista resolveu alterar seus estatutos e, para tal fim, está se reunindo as quartas-feiras e sabbados.

A revisão que se discute visa, principalmente, obter uma medida que permita aos não residentes no Rio de Janeiro fazer parte dos seus mantenedores e, embora naturalmente excluidos da Administração, possam concorrer com o seu voto para a constituição da mesma.

Os actuaes revisores dos *Estatutos* recebem de bom grado qualquer contribuição para o trabalho que ora elaboram.

A nova séde de "A Defesa Nacional"

Avisamos aos nossos assignantes que a redacção de "A Defesa Nacional" acha-se installada no salão do antigo archivo do Estado Maior do Exercito, ala dos fundos do Ministerio da Guerra. — Rio de Janeiro. Ali podem ser procurados os livros que adeante annunciamos como quaesquer numeros da nossa Revista.

As encommendas de livros uteis á profissão militar, editados aqui ou no estrangeiro e expostos a venda no Rio de Janeiro, podem ser para ali enviadas, mediante a taxa de \$500 sobre o custo proprio, para porte, embalagem e registro.

A correspondencia poderá ter aquelle endereço como também ser enviada para a Caixa Postal n. 1.602 que continuaremos a manter.

Officiaes do exercito da Bolivia convidados para a E. A. O.

Em rodas militares era hontem lisongeiramente commentada a noticia de que o nosso governo teria convidado a tres officiaes do exercito boliviano para frequentarem as aulas da nossa Escola de Aperfeiçoamento de Officiaes.

Foi intuito de um dos nossos ex-ministros da Guerra offerecer algumas matriculas na nossa Escola Militar a jovens estudantes militares de outros países da America; esta idéa porém, infelizmente, não chegou a se concretizar, talvez mesmo pelas deficientes installações da Escola do Realengo. Por esta e outras razões urge encarar o problema da nova Escola Militar. Emquanto isto porém, não se dá que leve o governo avante a feliz idéa de attrair officiaes subalternos para frequentarem a nossa Escola de Aperfeiçoamento, donde poderão sahir levando um conceito que por certo concorrerá para melhor apreciarem o "progresso" das nossas instituições militares.

(Do *O Jornal* de 18-3-931.)

"Pois que a guerra não é mais que a fórma violenta da politica exterior, resulta que a organização militar guarda íntima connexão com a constituição do Estado, e, por sua vez, da organização militar resultam fórmas typicas para o feitiço da guerra".

H. V. TREITSCHKE

IDEIAS E COBIÇA

Reflexões escriptas na prisão, em Julho e Agosto de 1924, a bordo do "Almirante Jaceguay", na Bahia do Rio de Janeiro, junto á Ilha Fiscal.

Pelo Cel. BERTHOLDO KLINGER

XXIV

Razão a quem a tenha

Dar razão a quem a tenha e fazel-o sem ferir o prestigio da autoridade (*) são dois principios harmonicos da boa ethica da disciplina militar.

Essa affirmação secca de uma concordancia perfeita é desde logo algo estranhavel, dado que de commum se vê na vida pratica a interpretação antagonica dos dois principios, reafirmemos, solidarios, intercomplementares.

Com effeito, o que em geral se vê quando surge um desentendimento entre um subordinado e um superior e aquelle tem que apellar para a decisão da instancia acima do seu referido chefe é que, a pretexto de salvaguardar o prestigio do superior que errou ou exorbitou ou simplesmente se enganou, não se dá razão ao subordinado, que a tem. Mórmente quando o pomo da discordia é uma questão de cumprimento de deveres funcçionaes do querellado, quasi sempre o superior que tem de decidil-a, "si tem telhado de vidro", é certo que toma partido contra o reclamante.

A solidariedade entre os chefes que não cumprem os deveres de sua função é um facto: ella é instinctiva, é uma inspiração espontanea da tacita comparceria de defesa mutua.

E! como soffre com isso a disciplina, que é o proprio cimento que entreliga as pedras do edificio militar! A injustiça de taes decisões, isto é, da sonegação da razão ao subordinado em face da pre-

potencia de um superior que contra elle peccou é transparente; e nada solapa mais a disciplina do que a injustiça.

Precisamente dar razão a quem a tenha seria um meio inequalavel de robustecer a disciplina; porque daria aos subordinados a seguridade de que qualquer abuso, erro ou injustiça de um superior está fadado a duração ephemera, visto como, si não elle proprio, a instancia sobreseguente restabelecerá as coisas em seus devidos logares.

O prestigio da autoridade jámais pôde ser prejudicado pela annullação de um acto seu errado, salvo si este foi dictado por má intenção; o acto errado é que, em qualquer hypothese, automatica e inevitavelmente fere o prestigio do superior, e o remedio unico contra esse mal é o restabelecimento do direito, da justiça, quanto antes. O desejo ingenuo ou malsão de defender o prestigio da autoridade pela sustentação de um acto errado multiplica o mal, fere a quem procede escravo desse desejo; pôde a teimosia prepotente implantar o terror, nunca, porém, beneficiar o prestigio, consolidar a disciplina.

O prestigio da autoridade não se crêa nem se sustenta com attentados ao direito, elle é immamente á rectidão dos actos da autoridade.

(*) Do R. I. S. G. 1920, art. 407 § unico. Supprimido no R. I. S. G. 1930.

XXVI

Zelo e exactidão

Nem excesso de zelo, nem desobediencia disfarçada! Cem vezes peor esta que aquelle.

O excesso de zelo ocorre geralmente pela má apprehensão do espirito de uma ordem severa, pela falta de intelligencia no interpretar o seu objecto ou falta de coragem para proceder segundo a judiciosa interpretação, pela falta de commedimento no exercicio da autoridade, ultrapassando no rigor as necessidades do serviço. Algumas vezes também se manifesta por calculo para attrahir a attenção dos superiores, ganhar-lhes as boas graças. Neste caso é quasi sempre innocuo, torna-se o excesso de zelo apenas ridiculo ou até antipathico. Nos demais casos é prejudicial, pelo menos ao prestigio da autoridade de quem emanou a ordem, por cuja conta o subordinado se excede; e essa execução não recommenda a intelligencia, o caracter do executante.

Outras vezes é apenas uma demasia que mais prejudica ao proprio autor porque, em detrimento ulterior de sua productividade ou sem reclamo inadial-

vel do serviço, elle superactiva os seus esforços com risco de exgottar-se ou inutilizar-se para outros mais importantes.

Cem vezes peor é a desobediencia disfarçada. Manifesta-se veladamente, nem por isso menos perniciososa, solapadora, quando, por exemplo, ha algum resentimento pessoal do subordinado contra o superior com quem aquelle deve cooperar, cumprindo e fazendo cumprir suas determinações; ou é um mal de origem profunda na falta de ardor ou do gosto profissional, symptomatisada pela preguica habitual, pela desidia inveterada, pelo desinteresse no serviço, e tudo isso sempre occulto, disfarçado, desleal, traiçoeiro, atraz do expresso assentimento ás ordens dadas e determinações vigentes.

Tal subordinado nada objecta, não recusa as ordens, sejam quaes fôrem, ao contrario, tem sempre prompto o "sim, senhor!" Mas não cumpre. Faz resistencia passiva. E' um deshonesto, um pernicioso, falso, trahidor.

XXVII

Invasão de attribuições

Actividade não é só questão de trabalhar seja como fôr, é questão de dar o trabalho reclamado pela função occupada. Portanto, actividade real, util, efficiente, implica a competencia.

Em 90% dos casos a intromissão na função alheia, isto é, a invasão de attribuições, é manifestação de incompetencia.

Ha incompetentes dotados de grande capacidade e desejo de trabalhar e então derivam essas qualidades invadindo a esphera de actividade dos subordinados. Enquanto assim exgottam, dão extracção á sua potencialidade de trabalho, soffre o conjunto, já pela compressão dos órgãos subordinados cuja função absorvem, já porque fica ao abandono a função propria do superior. Semelhante incompetencia é pois de multiplo effeito: o órgão que a manifesta não desempenha a sua função e causa a incompetencia dos órgãos subordinados, porque desrespeitando-lhes a autonomia, annullando-os, não os educa para o bom desempenho da sua função delles.

Exemplos desse mal temos no exercito em toda a escala da organização e em todos os âmbitos, desde a base até o ápice: o tenente que, em vez de fazer monitores, de exigir que elles dêem instrução e fiscalisal-os, dá directamente todo o ensino aos recrutas em massa; e o ministro que desrespeita a autonomia do estado-maior — tudo são invasões de attribuições, mostras de incompetencia. Ao órgão que desempenhe cabalmente a sua função, não lhe sobra tempo de metter-se a fazer funções dos órgãos subordinados.

Tambem acontece a intromissão em sentido contrario, isto é, a do subordinado na função do superior; mas isso é menos prejudicial. E' outro fructo da incompetencia do superior, mas, contando em geral com o assentimento deste, denota justamente um desejo de corrigir, um recurso, para que a função superior seja exercida, como convem ao conjunto.

XXVIII

Consultopathia

"Quem quer faz, quem não quer consulta!"

E' esta uma formula expressiva, que na applicação de nossa actividade deve guiar-nos em face dos casos omissos de regulamentos ou ordens.

Salta aos olhos que é uma parodia da conhecida fabula das cotovias: quem quer vae, quem não quer manda! Essencialmente militar, a sua observancia é typica como manifestação do imprescindivel desassombro, da primorosa virtude do amor á responsabilidade ou melhor da coragem de assumir responsabilidades.

Onde não existe a *hygiene do trabalho*, tudo que possa servir de pretexto para deixar de fazer qualquer trabalho é aproveitado, perspicacissimamente, para não fazel-o. Toda omissão, ainda que sob forma de duvida capciosa, num regulamento ou ordem, fornece ao não-trabalhista um desses pretextos.

E quando ha um resto de pudor profissional — incommoda peia que isso é! — ou quando surge o assédio das solicitações de camaradas que querem trabalhar e que querem, portanto, levar por diante o serviço, apesar de tal ou qual omissão ou duvida, para a qual o raciocinio indica o remedio, des-ponta no espirito inventivo de quem quer defender o seu descanso, a doce inacção, um recurso salvador, pelo menos ganha-tempo: a consulta!

Coherentemente, resolvido que se faça a consulta, o trabalho a que ella se refere não pôde ser feito até que venha a solução. "Ganha-se" assim precioso tempo, no minimo, mesmo na hypothese "desfavoravel" de que a solução venha a ser aquella que tudo impunha, que a dita hygiene do trabalho indicava, consoante a interpretação dos que queriam salvar o insignificante obstaculo.

A formulação da consulta, o seu encaminhamento pelos famosos canes competentes, de navegabilidade invariavelmente e invencivelmente precaria, a elaboração da resolução e sua transmissão, tudo são

operações tardigradas. Eis precisamente o que torna appetecivel a consultação, porque é largamente satisfeito o vicio, o velado desejo do consultopatha, que é "ganhar" tempo.

A's vezes tambem não é propriamente a preguiça o movel da protelação sempre causada pela consulta: é o medo de assumir a responsabilidade de uma resolução que não esteja escripta com todas as letras no regulamento ou na ordem. Infelizmente esse mal é commum e ataca mais á medida que se sobe na escala hierarchica: *galão até o sovaco, medo até o nariz!*

Esse temor, a par de prejudicar o serviço, revela em quem o aninha a falta de compenetração dos deveres da função. A coragem de assumir a responsabilidade da resolução prompta das omissões ou duvidas não pôde ser considerada como attrito extraordinario, phenomenal; deve ser vulgar, deve ser exercida com toda a naturalidade por todos os chefes militares, em todos os grãos. Necessariamente a resolução em casos taes ha de ser baseada, quando não em disposições textuaes correlatas, pelo menos no superior criterio geral do interesse do serviço; desde então, a todo tempo que a autoridade superior, competente para decidir, tenha conhecimento de tal iniciativa só terá que louvar. Mesmo que se torne necessario alterar a solução adoptada pelo subordinado, isso em nada o diminuirá, e restará a certeza de que não desertou a iniciativa raciocinada e não se quebrou a fundamental continuidade no trabalho, no serviço.

Uma consulta só é licita, só tem cabimento na forma que está definida em regulamento, e não deve ser pretexto para sustar a marcha ininterrupta do serviço, ou simplesmente entraval-a. Ao communicar então a duvida ou omissão á autoridade superior, isto é, ao apresentar a consulta, communique-se tambem qual a resolução provisoriamente adoptada.

CARTA DA GUYANA E INGLEZA

++ Territorio Contestado
+++ Limites Convencionados



X X X I V

Meduras e coices

As excessivas meduras, em gestos ou palavras e acções de deferencia, para com o superior, do qual mais ou menos immediatamente o medureiro depende, e a inutil ou ostensiva e habitual desatenção ou brutalidade de tratamento para com o subordinado, do qual o bruto nada precisa — são dois traços que em geral se harmonizam no mesmo individuo. Se é que não destoa arripiadamente pensar em harmonia, deante de uma associação de dissonancias!

O primeiro dos aspectos, vulgo engrossamento, revela no dizer brandissimo do marquez de Maricá, o habito da mentira, amavel mas condemnavel. Indica insinceridade, hypocrisia, calculo, ou o mal velado desejo da reversão em interesse pessoal. E' a confissão da falta de dignidade pessoal e profissional, da ausencia de confiança no valor proprio, ou do conhecimento da propria nullidade, e de supposição de falta de criterio do superior. O engrossador, porém, vive e prospera porque encontra acceitação do superior, incauto ou fraco, que lhe dá animação e paga com distincção e favores.

O segundo aspecto, a grosseria para baixo, especie de reverso ou desabafo psicologico contra o constrangimento da mascara dos sorrisos para cima, revela a falta de noção da dignidade alheia, a incontinencia na superioridade hierarchica, infidelidade ao compromisso fundamental militar, que entre os seus mandamentos aponta o da bondade para com os subordinados. O tratamento abrutalhado, estúpido, offensivo mesmo, ao subordinado, exorbita das prerogativas, incita portanto a victima a tambem sahir da orbita do respeito; em todo caso, prejudica o serviço, ou porque avilta ao collaborador, se elle se conforma, ou porque suscita a sua hostilidade, si não repulsa instinctiva e tacita resistencia.

A disciplina não autoriza, nem acoberta o máo trato, e a educação pessoal não póde exigir que se sopite o revide.

Não se confunda subordinação, consideração para com o superior — com sabujice; nem superioridade hierarchica, rigor, energia — com brutalidade, grosseria.

X X X V

Igualdade, não nivelamento

A igualdade na vida pratica é um phenomeno concreto; é pois errado transportar para ella a noção da igualdade mathematica, que é abstracta.

Igualdade não é nivelamento! Assim é que na vida em sociedade não se deve dar o mesmo tratamento a todos, deve-se dar "o seu a seu dono". Dar a cada qual o que de bom direito lhe cabe! Tratar cada um como o mereça!

Por desgraça, é extremamente commum, com ares solennes ou paternaes, pretenciosos, como quem quer inflexivelmente fazer justiça, irradiar bondade — dar o mesmo a todos, tratar a todos da mesma fórma, aos que o merecem e aos que não lhe fizeram jús. E? haverá nada mais acabadamente injusto, máo?

Dar a quem tem direito é justo; mas dar tambem o mesmo a quem não o merece, si apparentemente não prejudica o primeiro e é apenas bondade para com o segundo, é porém irrefragavel injustiça,

maldade para com aquelle, porque implica em nivel-lo indevidamente. E' uma verdadeira desigualdade, ao inverso da pretensa igualdade.

E' ainda sob o ponto de vista moral, educativo, duplamente condemnavel tal noção de justiça ou bondade, tal criterio de igualdade: tende a matar nuns o estimulo para a conquista e conservação do direito ao bom quinhão, a gerar nos outros a indifferença por semelhante esforço, fazendo-os ainda rirem-se daquelles, com laivos de superioridade ou maior espezteza.

O exemplo é perfeitamente geral: a palavra *dar* deve ser entendida não só ao pé da letra, mas genericamente. Implica não apenas a idéa de entregar, mas tambem a de *tomar*, applica-se nas acções de concessão ou recusa, louvor ou censura, premio ou castigo. "Dar o seu a seu dono!" *Distingamos! isso é que é genuina igualdade!*

X X X V I

Commodidade no serviço

Nas relações de serviço para com os subordinados, quem quizer commodidade cumpra seus deveres. Entre os deveres figura o de exigir que cada subordinado cumpra o seu, cumpra as exigencias regulamentares.

Ha muita gente que, visando sua commodidade, ou por preguiça, e apparentando bondade, tolera as infracções ao dever por parte de seus subordinados, concede-lhes favores extra-regulamentares ou até prohibidos. Que trabalho que isso dá ao "commodista"! As faltas, os pedidos tornam-se praga. Elle não tem descanso, a examinar as transgressões e passar a mão pela cabeça aos culposos, a ouvir e despachar toda a sorte de solicitações. Cada concessão dessas espe-

cies gera novas faltas, novos pedidos e... um dia a casa cae. Lá vem um caso que levanta celeuma, o superior toma conhecimento, descobre-se a causa primaria na pretendida bondade systematica do commodista, que em verdade não é senão fraqueza, preguiça ou desidia — sempre indisciplina. Ninguém lhe acha desculpa, nem mesmo os beneficiarios de sua condescendencia, que em geral são os mais autorizados, decisivos accusadores, graças á sua experiencia pessoal.

Agora o quadro opposto.

O severo, intelligente cumprimento do dever nos dá algum trabalho. Primeiro, porque é necessario

Subsídios para os Quadros de Reserva

Para os alumnos do S. I. do C. P. O. R.

Pelo 1º Ten. NILO GUERREIRO

NOTAS DE UM CMT. DE PELOTÃO

1) Não devo jamais perder de vista os principios basicos do combate: a) preponderancia dos factores moraes; b) vontade de acção; c) preponderancia do fogo; d) manobra do forte ao fraco; e) liberdade de acção (segurança); f) procura da surpresa; g) escalonamento; h) conservação e organização do terreno; k) conservação dos laços tacticos; l) coordenação dos esforços; m) remuniciamento.

2) Tenho por dever sempre dispôr meus G. C., dar-lhes objectivos e missões de fogo; ordenar as manobras destinadas á redução das resistencias inimigas pelo jogo intelligente dos meus G. C., conservar a direcção de marcha do meu Pelotão apesar de tudo, preoccupar-me a todo instante com a ligação com meu Capitão e os pelotões vizinhos, velar pelo remuniciamento e fazer questão de honra de conservar o contacto.

3) Em todos os exercicios que ministrar ao meu Pelotão devo procurar coordenar a acção dos meus G. C., ensinando-os a combater em união com os G. C. vizinhos ou, por outras palavras devo manter na mão o Pel. dando a todos os seus elementos a cohesão de conjunto.

4) Os meus exercicios serão cuidadosa e minuciosamente preparados, convenientemente dirigidos e habilmente explorados. Elles terão um fim preciso. Nunca levarei o meu Pel. ao terreno sem antes responder a mim mesmo a seguinte pergunta: **QUE QUERO EU ENSINAR HOJE?**

Jamais improvisarei no terreno um exercicio de combate e como o fogo é o factor preponderante do combate nelles representarei, materializando, todos os fogos de Infantaria e artilharia.

5) Não deverei realizar nenhum exercicio de combate senão depois de todos os meus homens terem recebido uma instrucção tactica e progressiva:

- a) Instrucção dos atiradores para o combate (R. T. A. P.);
- b) Instrucção tactica individual propriamente dita;
- c) Instrucção no quadro da esquadra;
- d) Instrucção no quadro do G. C.;
- e) Instrucção preparatoria para o combate;

A instrucção de combate será pois o remate da instrucção tactica do meu Pelotão.

6) O cyclo dos exercicios a ministrar ao meu Pelotão será:

- a) O Pel. na approximação;
- b) Progressão do Pel. no ataque;
- c) Manobra desbordante do Pelotão;
- d) Assalto e combate corpo a corpo;
- e) Occupação immediata do terreno conquistado;
- f) Conservação ou retomada de contacto;
- g) Combate do Pel. em cooperação com os carros de combate;
- h) O Pel. em ponto de apoio.
- i) Execução de um golpe de mão;
- j) O Pel. como patrulha;
- k) O Pel. em reserva;
- l) O Pel. como Flanco-guarda de ligação;
- m) Exercicios de remuniciamento em varias situações.

7) As formações não têm virtude propria. Ellas variam com a situação tactica e o terreno. São esses os factores que as commandam. Ellas se modificam insensivel e progressivamente dentro do mesmo compartimento transversal ou longitudinal sem a menor ordem ou determinação. A Geometria sempre foi inimiga da Tactica, pois esta não tolera formações regulares. Ao invés portanto de dizer: o Pel. vae se deslocar em columna dupla, xadrez, etc., deverei mais propriamente ordenar: o Pel. marchará com 2 G. C. em 1º escalão e 2 G. C. em 2º escalão etc., dando aos meus G. C. os pontos de direcção.

8) Em principio a frente de um Pel. não deve ultrapassar de 200 metros.

9) Na approximação eu guio o meu Pel. Marcharei por isso á frente do G. C. que eu designar como base. Devo nesse caso receber do meu Capitão as seguintes indicações:

- a) direcção geral da Cia.
- b) formação da Cia.
- c) direcção particular do Pel. (ponto de direcção, angulo de marcha) ou intervalo e distancia do Pel. base.
- d) collocação dos Pelotões vizinhos que não pertencem á Cia.
- e) pontos successivos do terreno a atingir.

10) Nas preliminares do combate procurarei determinar a importancia das resistencias que surgirem, manobrando-os pelo fogo dos meus G.

começarmos por casa, dar o exemplo, cumprirmos o nosso proprio dever e isso custa algum esforço e quasi nunca nos produz propriamente popularidade ou bemquerença — nem entre os nossos subordinados, nem entre os nossos collegas e superiores commodistas; começa que, como nem todos são assim exigentes para consigo mesmo e para com o proximo, os subordinados apalpm, procuram obter de nós a

mesma condescendencia, os mesmos favores, h bituaes em outros. Logo, porém, cada um fica sabendo com quem está lidando, todos se cuidam, ninguém vae perder tempo em somente nos aborrecer com solicitações que, já se sabe, desatenderemos, talvez ainda com uma lição de moral.

Nada mais commodo que cumprir o dever! E' só tratar de fazel-o...

C. A simples ameaça de desbordamento ou a effectivação da manobra classica do desbordamento constitue a regra geral para a redução dessas resistências retardadoras. Se o inimigo cede, o Pel. retoma sua progressão. Em caso contrario a intervenção da Cia. torna-se necessaria, devendo eu sempre communicar tal facto acompanhado de um ligeiro "croquis" ao meu Capitão.

O emprego pois dos meus G. C. de 2º escalão visa sempre o movimento para a frente.

11) Antes do ataque indicarei aos meus Cmts. de G. C.:

a) a missão da Cia. e a sua direcção geral.
b) a direcção, objectivo ou missão particular do Pelotão.

— c) a formação do Pel. e o papel de cada G. C.

d) posição dos Pelotões vizinhos e, se fôr o caso, as ordens sobre o grupamento dos meus V. B.

12) O Pel. ataca sob a protecção dos órgãos de fogo que apoiam o ataque; (base de fogo, artilharia etc.) logo que não é mais possível avançar sem atirar mandarei abrir fogo e o meu Pel. proseguirá seu movimento explorando pelo movimento de seus G. C. o fogo dos outros G. C. e dos G. C. ou Pelotões vizinhos. Assim obterei a combinação do movimento e do fogo.

13) O ataque é o fogo que avança. Logo, para avançar empregarei, se julgar necessario, todos os meus meios de fogo. O dispositivo de ataque é pois em ultima analyse um dispositivo de fogos.

14) Quando meu Pel. fôr detido elle se enterrará e manterá o terreno a todo custo. Lembrar-me-hei sempre que a infantaria no combate só tem um dever: "o de bater-se a fundo para conservar o terreno occupado conquistado ou reconquistado". A lucta encarnizada e decidida dos meus G. C., afferados aos solo e fixando com seus fogos as resistencias inimigas, dá ao meu Capitão ou Major a possibilidade de retomar a offensiva com os elementos que elles dispõem, libertando o meu Pel. pelo desenvolvimento da manobra desses elementos.

15) Em todas as paradas previstas ou imprevistas do meu Pel. deverei coordenar as operações de defesa pelo fogo, organizando um systema de fogos cruzados, restabelecendo a ordem no dispositivo, as ligações com o Capitão e os Pelotões vizinhos, tomando as disposições necessarias para a conservação do contacto, inteirando-me da situação em munições e organizando o remuniamento do meu Pel. Quando a parada numa certa duração é prevista devo aperfeccionar o plano de fogo do Pel. attendendo as determinações que receber do meu Capitão. Deverei velar para que a execução dos signaes regulamentares (painéis de demarcação etc.) seja feita por ordem superior ou a pedido do avião.

16) Jamais esquecerei as vantagens que proporciona o escalonamento dos meus G. C. em profundidade:

a) diminue a vulnerabilidade do meu dispositivo;

c) permite que, com os fogos dos meus G. C. de 2º escalão, eu possa flanquear ou evitar

as lacunas do systema de f. go organizado para os G. C. de 1º escalão;

d) dá-me a possibilidade de contar sempre com 1 ou 2 G. C. para o meu elemento de manobra, facilitando-me o jogo dos contra ataques.

18) Quando o assalto fôr o ultimo lance do ataque eu o desencadearé com o meu Pel. logo que julgar favoravel a situação, lançando os meus G. C. para a frente, empregando o maior numero possível de bayonetes em linha, atirando com os F. M. em marcha e lançando granadas.

Quando o assalto parte de uma base de partida organizada, meu Pel. á hora determinada partirá sobre seu objectivo. Se este estiver sendo submettido aos fogos de nossa base de fogo de Artilharia, deveréi abordo-o sem demora logo que os tiros cessem, explorando assim pelo movimento rapido o effeito de surpresa produzido sobre o inimigo.

19) A idéa de manobra para o meu Pel. poderá se traduzir por 3 regras, conforme a situação imposta pelo inimigo ou pelo terreno:

a) E' POSSIVEL AVANÇAR COM TODO O PEL. — neste primeiro caso o Pel. avança na direcção assignalada, conservando o escalonamento necessario;

b) TODO O PEL. E' DETIDO PELO FOGO INIMIGO — deveréi neste caso procurar com os meus proprios meios a superioridade de fogo. Se não conseguia recorreréi á Cia.. Desde que a superioridade de fogo seja obtida o Pel. retomará a progressão;

c) PARTE DO PELOTÃO E' DETIDA PELO FOGO INIMIGO: a regra a seguir é o emprego do 2º escalão para desembaraçar o Pel.. Applicação do principio de infiltração "entre as fracções de 1º escalão umas se chocam com um elemento avançado, outras encontram o caminho livre e disso se aproveitam para se infiltrarem audaciosamente nos corredores não batidos", procurando reduzir taes resistencias pelo desbordamento.

20) Manobra é uma combinação de forças em vista de um fim preciso. Manobrar é pois combinar os esforços das unidades ou fracções que se commanda, levando em conta as propriedades do armamento, do terreno e do que se sabe sobre o inimigo. A manobra mais caracteristica da Infantaria é a manobra desbordante, pois é ella que dá maiores resultados. Consiste em progredir pelo flanco ou no intervalo de uma frente descontinua para tomar o inimigo de flanco enquanto elle é fixado pela frente.

Praticamente podemos resumir, dizendo que a manobra da Infantaria é marchar sempre na direcção assignalada apezar do inimigo.

21) Se a Infantaria é a arma do fogo e movimento, preciso traduzir minha idéa de manobra pela repartição de missões aos meus G. C., determinando quaes são os que agirão pelo fogo contra as resistencias inimigas e quaes os que deverão avançar, infiltrando-se pelas zonas de menor resistencia, afim de tomar o inimigo sob seus fogos (a principio de escarpa e depois de do concurso que o movimento presta ao fogo levando-o mais perto possível do inimigo e a consequente affirmação de que "manobra é o fogo que se desloca".

HISTORICO DO 1º REGIMENTO DE ARTILHARIA A CAVALLO

(Continuação do n. 204)

Pelo Cap. JOSÉ FAUSTINO FILHO

AS DIVISÕES DE OBSERVAÇÃO

Commando da 1ª Divisão ao Brigadeiro David Canabarro e o da 2ª ao Coronel Francisco Pedro de Abreu, Barão de Jacuhy, sendo constituído aquella de duas brigadas sob os commandos dos Coroneis Antonio Fernandes Lima e João Antonio da Silveira e esta por tres brigadas que foram commandadas pelos coroneis Silva Ourives, Manoel Lucas e Tristão José Pinto.

Da 1ª Divisão ainda faziam parte aquellos dois batalhões, 2º e 10º de infantaria, que não mais alcançaram as forças de Menna Barreto, e duas baterias do 1º Regimento de Artilharia a Cavallo, 1ª e 4ª, do commando dos Capitães José Silva e Trajano Antonio Gonçalves de Medeiros e Oliveira, cujas 8 bocas de fogo, pela falta de artilheiros, foram guarnecidas por 40 praças da guarda nacional. Em Bagé, a tal effectivo se incorporaram 30 artífices vindos do Rio de Janeiro.

Desde 17 de Outubro de 1864 que o General Canabarro recebera ordem para organizar sua divisão de observação; a 7 de Dezembro o Almirante Tamandaré lhe communicava a declaração de guerra do Paraguay e a possibilidade de invasão do Rio Grande do Sul e, a 14 deste mez, o Marechal Menna Barreto lhe ordenava que se apromptasse para marchar ao primeiro aviso.

A 1º de Janeiro de 1865 communica elle ter assumido o commando da Divisão **que estava organizando** e pede a creação dum batalhão de infantaria, em Uruguayana, indicando para commandal-o o Cap. do 1º d'Artilharia Joaquim Antonio Xavier do Valle, então commandante da guarnição daquella praça.

RENDIÇÃO DE MONTEVIDÉO

A 19 de Janeiro, o Conselheiro Paranhos, communica a D. Rufino Elizalde, Ministro do Exterior, que o Brasil reconhecia o General Flores como belligerante, nobremente dedicado aos interesses de sua patria e que o governo imperial nenhuma intenção nutria que não se conciliasse com a independencia e soberania da Republica Oriental. Receiando que Montevideo tenha o destino de Paysandú recorre Aguirre ao corpo diplomatico para obter a suspensão das hostilidades até 15 de Fevereiro quando pretendia proceder a eleição de seu substituto.

O ministro italiano Barboni dirigiu em nome de seus collegas aquelle appello ao nosso plenipotenciario e a sua resposta foi uma decepção para o corpo diplomatico que ignorava as leis orientaes, pois a eleição seria um crime politico por estar o senado com seu mandato extincto e pois, não suspenderia as hostilidades, emquanto Aguirre não se retirasse do poder.

Ao chegar a Montevideo, a noticia da tomada de Paysandú, o partido blanco rompeu em ex-

cessos, gritando: abaixo o governo e morte aos brasileiros!

Não nos podendo censurar, dado o denodo e a intrepidez com que officiaes e praças ali tinham agido, qualificaram de luxo de bravura e temeridade ao valor patenteado.

Tocou-se rebate; a guarda nacional correu a quartéis, o tumulto foi tal que o governo não o poudo conter.

As familias aterradas corriam para o caes em busca de transporte para Buenos-Aires.

Organizou-se uma Junta de Salvação Publica, exigindo esta a exoneração do ministro da guerra, que é substituido por um advogado demagogo, Susviela, o qual para reerguer o animo dos defensores da praça improvisou uma passeiata conduzindo uma velha bandeira brasileira que Munhoz teria achado nalgum armazem dos que saqueara e para lá mandara como tropheo de guerra.

Dentro da praça porem, já ia em meio a desordem, uma facção queria que se tratasse com o inimigo e outra preferia a guerra sem treguas.

Os senadores se reúnem sob a ameaça de morte e elegem presidente a D. Thomaz Villalba, não concordando com isso a facção exaltada que procura subornar a guarnição para revoltar-se e constituir um governo militar com Carrera e Aguirre.

O novo presidente resolve enfrentar a situação, requisitando do corpo diplomatico o auxilio das forças navaes estrangeiras com cujo apoio fica o governo prestigiado, demitte Palomeque do commando da praça e desarma aos exaltados, sendo suspensas as hostilidades. O ministro italiano é encarregado de entabolar negociações, assignando a 20 de Fevereiro o convenio da capitulação as forças brasileiras e coloradas.

O General Flores, assumindo a presidencia da Republica, deu ao Brasil todas as satisfações que elle reclamava.

A bandeira brasileira é içada no forte de São José, dando-se em sua honra 21 tiros, e, aquelles que a tinham injuriado nas ruas de Montevideo, obriga-se a deixar o Estado Oriental.

Aquellas salvas responde uma das baterias do glorioso 1º de Artilharia a Cavallo, postada em linha, em frente ao quartel de Bastarrica, emquanto as bandas marciaes tocam o hymno brasileiro.

Estava o Estado Oriental reintegrado em sua independencia. E para ella concorremos com o mesmo desinteresse com que compartilhamos da libertação da Argentina.

CONDECORAÇÕES

Sua Majestade o Imperador resolveu então, condecorar aos seus soldados que, com tanto bra-

vura, tão alto tinham elevado o nome de sua patria.

Por decreto de 18 de Fevereiro de 1865, foram agraciados 64 officiaes do Exercito e 49 da Marinha, cabendo a todos os valentes officiaes do 1º a Cavallo a medalha de "Cavalleiro da Rosa" pelos serviços relevantes prestados no Estado Oriental do Uruguay, sendo o intrepido 1º Tenente Cunha Mattos promovido a Capitão, além de distinguido pelo cavalheirato do "Cruzeiro" e o heroico Ten. Cel. Mallet recebeu a "Commenda da Rosa".

Por decreto n. 3.468, de 8 de Maio de 1865, creou o governo, ainda, uma medalha para uso de todos os officiaes e praças que sob o commando do Marechal Menna Barreto, tivessem assistido a convenção de paz, de 20 de Fevereiro.

COMBATENDO O DESPOTA LOPEZ, DO PARAGUAY

A invasão de São Borja

Em Março, consta que 10.000 paraguayos se acham acampados entre São Carlos e São Christovam, ameaçando Uruguayana; sendo Canabarro instado a atravessar o Uruguay para combatel-os, pediu ao Visconde de Tamandaré 3.000 a 4.000 infantas, pois a sua Divisão ainda não estava prompta para marchar, dizendo, em seu officio, de 23, achava "mais prudente invernar, apromptar tudo que for preciso para entrar no verão seguinte".

Em Abril, o General João Frederico Caldwell, que chegara do Rio e assumira o commando das armas, insta com Canabarro para passar o Uruguay e atacar o inimigo em Missões, e este lhe responde que sua divisão ainda não estava em pé de fazer uma expedição por falta de fardamento!

Em Maio, assume a pasta da guerra o Conselheiro Angelo Muniz da Silva Ferraz, que officia ao Presidente da Provincia, Souza Gonzaga, dando-lhe umas instruções que nada adiantaram, pois o novo ministro estava inteiramente alheio ao que ia pelo exercito.

Mandava elle seguir para a fronteira a força disponível e nomeadamente o "Corpo de Artilharia a Cavallo", ao que lhe responde aquelle presidente que, de ha muito, toda a tropa seguira para a fronteira e que o "Regimento de Artilharia" estava todo no theatro das operações, já havia combatido em Paysandú, restando delle, no quartel, o Coronel e alguns officiaes doentes.

Emquanto isto, os paraguayos progrediam. Em São Thomé se apresenta uma columna de 7.300 paraguayos, com 5 canhões, sob o commando do Coronel D. Antonio de La Cruz Estigarribia que trazia como seu mentor o frade Santiago Estevam Duarte Lopes, capellão do exercito.

Canabarro é avisado. Elle está, porém, a 50 leguas, em Sant'Anna do Livramento, á espera de reforços. A brigada do Coronel Fernandes Lima andava de um lado para outro, entre São Borja e Itaquy, separadas por 14 leguas de accidentados e pessimos caminhos, e um falso boato fal-o dar as costas ao inimigo que estava em frente áquella, por suppol-o ameaçando esta cidade, quando se tratava dos corrientinos do Coronel Paiva.

A 9 de Junho, assalta Estigarribia a cidade de São Borja, que saqueia, segundo as instruções de

Lopez, na seguinte ordem: em primeiro logar o Coronel e o frade, depois os officiaes e, por ultimo, os soldados, com horario para cada corpo. O producto deste vandalismo foi transportado em 50 carretas para o Paraguay.

Houve tal terror e confusão na população que nem se lembraram de avisar ao Coronel João Manoel Menna Barreto, distante duas leguas e meias da Villa e que, só no dia seguinte, por um viajante teve conhecimento do assalto, percorrendo então, aquella distancia com sua tropa em marche-marche, indo em soccorro da cidade, detendo algumas horas o passo ao invasor e protegendo, assim, a retirada das familias.

COMBATE DO BUTUHY

Estigarribia desce, pela margem esquerda do Uruguay, em direcção a Itaquy, com sua força dividida em varias columnas, uma das quaes, commandada pelo Major José Lopez, com 410 paraguayos e 100 orientaes e correntinos, se detém arrebanhando gado e cavallada pelas fazendas, os quaes deixam em São Borja promptos a embarcar para o Paraguay e, quando vae reunir-se ao grosso, esbarra com as forças do Cel. Fernandes de Lima e Ten. Cel. Sezefredo Alves, que lhes dão combate, jogando-os no banhado do Butuhy onde pereceram 100 paraguayos, além de 130 que ficaram no campo da acção.

PASSAGEM DO IBICUHY

Estigarribia entra, no dia 7 de Julho, em Itaquy, onde ficou até o dia 14 e donde remetteu 14 carretas para o Paraguay.

A 16 começou Estigarribia a atravessar o Ibicuhy, a meia legua do Passo de Santa Maria.

O Ten. Cel. Caldwell, que estava na margem esquerda, exhorta a Canabarro para combater, mostrando-lhe a vantagem da posição que occupava em relação a desvantajosa situação do inimigo, accenando-lhe com a victoria quasi certa. E', porém, desatendido.

E os paraguayos atravessam, sem o menor tropeço, o Ibicuhy, como tambem o Toro-Passo e o Imbahá, onde Caldwell insiste com Canabarro para hostilizar-os, ao que este mais uma vez se oppõe.

Chegam elles ás portas de Uruguayana, tendo incendiado todas as casas dos povoados por onde passaram.

Caldwell reúne em conselho todos os commandantes de divisões e brigadas propondo-lhes atacar o inimigo antes que elle entrasse na villa.

Canabarro, porém, seguia a orientação do Ministro da Guerra, expressa numa carta onde lhe é recommendado: — "não arriscar uma batalha sem todas as probabilidades de triumpho" — e elle não achava as suas forças em condições de bater o inimigo, preferindo sital-o em Uruguayana.

Caldwell é mais uma vez vencido e, neste mesmo dia, 5 de Agosto, apoderam-se os paraguayos de Uruguayana.

A ACÇÃO DO CMT. DA PRAÇA DE URUGUAYANA

O commando militar da villa de Uruguayana estava entregue ao Capitão, do 1º Regimento de

Artilharia, Joaquim Antonio Xavier do Valle, que organizara sua defesa com o 4º btl. de Inf. da guarda nacional, que tinha um effectivo de 380 cidadãos.

Para instruir este batalhão no manejo das armas á Minié, alli se achava o 1º Tenente, do 3º batalhão de artilharia a pé, Floriano Peixoto, que também fora encarregado por Caldwell da construcção de trincheiras para a defesa da villa.

Xavier do Valle, que desde Janeiro reclamava a vinda de navios de guerra para o policiamento do Alto Uruguay, sem que o attendessem, alugou de particulares o vapor "Uruguay" e os lanchões "São João" e "Garibaldi" artilhando-os como poude. Dotou o vapor com um canhão giratorio, de calibre 9, e os lanchões, cada um, com um rodizio, de calibre 6.

Esta flotilha, que se destinava a impedir a communicacão entre as tropas de Estigarribia com as de Pedro Duarte, destruindo as canoas e chalanas de que para isso se serviam, teve por commandante o intrepido Tenente Floriano Peixoto, que a guarneceu com 30 praças do 4º batalhão de infantaria e 30 clavineiros, do 17 de cavallaria, ambos da guarda nacional.

A 25 de Julho partia a flotilha de Floriano, levando 3.000 cartuchos para espingardas Minié, 330 para clavinhas, 100 tiros para o canhão giratorio e 200 tiros com 100 pyramides para os canhões rodizios, além de mantimentos para 20 dias.

A 26 entrava em acção a flotilha mettendo a pique 7 canoas e algumas chalanas e metralhando outras, impedindo assim a ligacão de Estigarribia que, ao saber disso, mandou assentar uma bateria sobre as barrancas do Uruguay para hostilizar a valente esquadilha. Floriano aceita o combate, fazendo calar a bateria e desmontando-lhe uma das peças.

VIAGEM DO IMPERADOR

Com as noticias chegadas ao Rio de Janeiro pelo "Oyapock" da invasão do Rio Grande e victoria da esquadra em Riachuelo, resolveu D. Pedro II partir para o sul, convocando o conselho de estado a cujas objecções respondeu que si lhe podiam impedir que seguisse como imperador, não poderiam evitar que abdicasse e seguisse como voluntario da patria.

A 16 de Julho de 1865 chegava Sua Magestade a Porto Alegre a bordo do "Santa Maria".

De caminho foram tomadas diversas providencias, começando pelo commando das forças que foi substituido pelo já experimentado General, Barão de Porto Alegre, Manoel Marques de Souza. Diversas tropas do norte foram enviadas para o theatro das operações e, no sul, novos contingentes se organizaram.

A ULTIMA CONTRIBUIÇÃO DO 1º DE ARTILHARIA

De Cachoeira, determinou o Ministro Angelo Ferraz a partida da ultima bateria do 1º de Artilharia a Cavallo, a 5ª, que, sob o commando do Capitão Joaquim da Costa Rego Monteiro, reuniu-se á Brigada Fontes, em marcha para São Borja.

Da velha caserna de São Gabriel partem, egualmente, os restantes officiaes, para assumir

os novos postos então designados: o Coronel Alexandre Gomes de Argollo Ferrão como deputado do novo Ajudante General, Barão de Porto Alegre, e o Ten. Cel. Gabriel Alves Fernandes recolheu-se ao Rio com destino a Matto-Grosso. Foram elles os ultimos a encarregar-se do valeroso nucleo de São Gabriel, cujas tradições vão honrar obtendo as mais altas distincções.

INGRATIDÃO HUMANA

A impressão recebida pelo Imperador foi desalentadora e o seu Ministro da Guerra, Silva Ferraz, ante o estado de penuria da tropa, determina, de Rio Pardo que, pelo Arsenal de Guerra da Corte, se promptificassem, com muita urgencia, 15.000 barracas, 15.000 fardamentos e equipamentos para a infantaria e como visse os "hospitales em estado deploravel, a tropa nua e ha cinco mezes sem receber soldo", solicitou ao Ministro Francisco Octaviano a remessa de 500.000\$. Já anteriormente diversos chefes haviam pedido providencias e entre estes o General Fernandes Lima, exhortara que ao menos lhe dessem 1.000 ponches para cobrir a nudez de seus soldados, pois, para resistir as intemperies, elle distribuira seus homens pelas casas das circumsvizinhanças.

Era preciso, porém, culpar alguém, que não os governantes, unicos culpados, e dahi determinar o Ministro da Guerra que fossem submettidos a conselho de guerra o General David Canabarro, o bravo Coronel Antonio Fernandes Lima e o infatigavel Capitão Joaquim Antonio Xavier do Valle!!!...

Como é rude a ingratidão humana!...

COMBATE DE JATAHY

A 12ª Brigada brasileira, sob o commando do Coronel Joaquim Rodrigues Coelho Kelly, e o Regimento de Cavallaria argentino, San Martin, após longa e penosa marcha, fazem junção, a 13 de Agosto de 1865, com o 1º Corpo do Exército Argentino, a 43 kilometros do "Paso de los Libres", onde, desde a vespera, acampara a columna paraguaya de Pedro Duarte, o qual, sabendo daquella approximação, manda por uma canoa, pedir auxilio a Estigarribia, do outro lado do Rio Uruguay; este responde que lhe mandaria, si quizesse, um chefe, unica cousa de que sua divisão precisava para resistir á vanguarda dos aliados.

A cavallaria dos Generaes orientaes Goyo Soares e Madriaga avisa achar-se o inimigo entrincheirado em Ombuzito. Flores dá o commando da divisão argentina e brigada brasileira ao General Paunero com a missão de apoiar o ataque que elle ia levar áquella posição com os batalhões uruguayos: Florida, 21 de Abril e Libertad e o 16º de voluntarios brasileiros, do commando do Coronel Fidelis Paes, com os quaes avançou em passo de carga.

O esquadão de artilharia oriental, do General Borges, que avança é detido pelos fossos. A direita da posição surgem, porém, a artilharia do Major Macdon e a bateria Nelson que levam a desordem nas linhas paraguayas.

As infantarias brasileiras, orientaes e argentina rechassam, então, o inimigo que se retira, apertado no angulo formado pela confluencia do

Jatahy com o Uruguay, onde lhe vão completar a derrota a escolta do General Flores e o 1º Regimento de Cavallaria Argentina e, depois, as de Goyo e Madriaga, auxiliados pela artilharia do Major Vieira Buénos.

Flores escreve uma proclamação sobre esta batalha onde diz que: "O triumpho de Jatahy, é apenas o precursor de outros maiores, que vos abrirão as portas de Assumpção para redimir esse povo irmão, dando-lhe patria, instituições e liberdade".

CERCO DE URUGUAYANA

A' 4 de Agosto de 1865, entrava Estigarribia na villa de Uruguayana e apenas a tropa brasileira, do Ten. Cel Bento Martins de Menezes, entretinha fraco tiroteio com a vanguarda paraguaya, constituída pelo batalhão n. 17, cujo commandante, Capitão Diogo Alvarenga, foi derribado por dois lanços dados por soldados de Bento Martins.

Os nossos soldados que cahiram prisioneiros foram degolados proximo ao cemiterio e á vista das tropas brasileiras.

Canabarro resolvera abandonar a praça e Caldwell, o mais que conseguiu obter, foi que voltassem atraz as nossas duas baterias de obuzes, as quaes, devido ao canção dos animaes não puderam chegar a tempo de evitar que o inimigo penetrasse na villa, o que se effectua a 5 de Agosto.

Uruguayana é presa do saque e da pilhagem cujo producto esbanjam sem ao menos se lembrarem do dia de amanhã. Estigarribia presenciara dahi a derrota de Pedro Duarte em Jatahy, e tenta com sua gente, a 19 de Agosto, romper as linhas do sitio, rumo ao N., empenhando-se afinal com as tropas de Canabarro, que o rechaçam para dentro da villa. Flores que tudo assistira do "Passo de los libres" manda, pelo Tenente José Zorilla, seu prisioneiro de Jatahy, uma proposta de capitulação a Estigarribia, eguaes propostas lhe enviam Caldwell e Canabarro; elle porém, responde que se bateria como fizeram seus patricios em Butuhy. Outras propostas foram feitas, obtendo formaes recusas e quando o commandante brasileiro lhe informou o numero de combatentes e peças de que dispunha, elle respondeu com esta bravata: — "Tanto melhor, o fumo da artilharia nos fará sombra". Tenta communicar-se, após com Lopez, por Mercedes, rumo a Resquin, a quem pedia auxilio, mas sua patrulha de official cahe prisioneira dos brasileiros.

ORGANIZAÇÃO DO 2º CORPO DE EXERCITO

A 23 de Agosto, o novo commandante, General Barão de Porto Alegre, o vencedor de Caceres, organiza aquella amalgama semi-militar, em 4 Divisões, ficando a 1ª, ao mando de Canabarro, a 2ª, do Coronel Barão de Jacuhy, a 3ª, do Brigadeiro Portinho com as tropas da guarda nacional vindas de Cachoeira, Cruz Alta, Passo Fundo e Santa Maria e a 4ª, sob o commando do bravo Coronel Joaquim José Gonçalves Fontes, o esperimentado e destemido commandante do 1º de Artilharia, em Monte Caceres. E dahi surgiu o brilhante e disciplinado 2º corpo de Exercito.

COMMANDO GERAL DA ARTILHARIA

Tendo se apresentado, a 1º de Setembro, o Capitão do 1º de Artilharia a Cavallo, Manoel de Almeida Gama Lobo d'Eça, um dos bravos de Paysandú, resolveu o commando em chefe organizar um commando geral de artilharia que lhe foi confiado. Desligadas as baterias das divisões a que até então estavam addidas, ficaram reunidas e dependendo directameote do Quartel General.

Deste commando geral veio depender uma bateria de 4 estativas de foguetes a Congrêve, sob o commando do Cap. do 1º batalhão de artilharia a pé, Francisco Villela de Castro Tavares.

CHEGADA DO IMPERADOR

O Imperador, que partira a cavallo, a 28 de Agosto, de Porto Alegre, chegava a 11 de Setembro, a Uruguayana, dando o 1º de Artilharia as salvas do estylo; tendo ahi chegado na vespera, o General Mitre, pretendeu assumir o commando em chefe das forças aliadas, a que se negou o Barão de Porto Alegre pois, pelo artigo 3º do Tratado da Triplice Alliança, cabia a um General brasileiro o commado em chefe, quando em territorio brasileiro.

O nosso bom Imperador quiz informar-se pessoalmente do estado da tropa, passando a examinar o fardamento, e armamento, os generos alimenticios e os hospitaes de campanha.

Comprehendendo que o seu governo não havia providenciado, como lhe cumpria, para organizar o exercito que devia vingar a patria ultrajada, procurou attentar por si, os erros de seus auxiliares e tomou immediatas providencias.

A sua presença produziu no exercito um vibrante entusiasmo. Elle a tudo attendia, inda até aos hospitaes prodigalisar cuidados aos enfermos. Pedro II teve desvelos de Pae para com os seus soldados.

DISPOSIÇÕES PARA O INVESTIMENTO

A 18 de Setembro de 1865, a villa de Uruguayana achava-se completamente cercada. No rio Uruguay estavam as canhoneiras Taquary e Tramandaty, os vapores União, Ooze de Junho e Uruguay e duas chatas artilhadas, São João e Garibaldi.

O Exercito aliado, com 17.346 homens, formava um grande arco, de quasi legua de comprimento, que avançava em columnas, apertando cada vez mais o circulo de ferro. Ao meio dia, as avançadas, estavam a 30 metros das fortificações de Uruguayana. No meio das 5 columnas de brigadas da infantaria se achava o quartel general com S. Magestade, os principes, o Ministro da Guerra etc. Para a direita, até o Rio, estão os 6.000 cavallerianos do Barão de Jacuhy. No centro da linha de batalha está o exercito Argentino com 3.733 homens, tendo parte de sua artilharia estendida em linha; á esquerda, o exercito oriental com 1.220 homens. A Divisão de Canabarro vinha em 2ª linha, como protecção da 1ª.

A ARTILHARIA BRASILEIRA

A direita, entre a cemiterio e a villa, em frente a um saliente a N. E. da praça, fôra, de vespera, organizada a posição para o 1º Regi-

mento de Artilharia com espaldões de cestões de arcaia preparadas pelo contingente do 1º batalhão de engenharia, sob a direcção do Major Rufino Enéas Gustavo Galvão, e conduzidos até ali por soldados de cavallaria. Assestou-se em tal posição o esquadrão de artilharia sob o commando do Capitão Manoel de Almeida Gama Lobo d'Eça, ficando como reforço, á sua rectaguarda, o contingente da engenharia.

RENDIÇÃO DO INIMIGO

Ao meio dia, partia o Capitão Manoel Antonio da Cruz Brilhante, ajudante de ordens do commandante em chefe, com o seu derradeiro ultimatum dando 2 horas de praso, findo o qual teriam inicio as operações de investimento da praça.

As 2 horas Estigarribia pede mais meia hora porque estava em conselho de officiaes resolvendo sobre a situação. As 2 ½ chega a sua resposta rendendo-se a discrição e fazendo solemne entrega de suas armas.

Das sete bandeiras dos vencidos, o Imperador offereceu uma a Mitre e outra a Flores.

Ficaram como prisioneiros 59 officiaes e 5.486 praças, 1.300 das quaes assentaram praça nos batalhões orientaes, erro que acarretou grandes males.

No exercito brasileiro não se acceitou nenhum paraguayoso sendo que os seus prisioneiros foram empregados em desfazer as barricadas, percebendo soldo como praça, e seguiram para São Borja e depois para Porto Alegre.

HONRA AO MERITO

O commandante em chefe publicou a sua ordem do dia n. 13 saudando o exercito em nome do Imperador pela esplendida victoria da civilização contra o vandalismo e pelo Dec. 3.515, de 20 de Setembro, foi creada uma medalha commemorativa da rendição de Uruguayana, cabendo esta honrosa recompensa aos seguintes officiaes do 1º Regimento de Artilharia: Capitães Manoel de Almeida Gama Lobo d'Eça, Trajano Gonçalves de Medeiros e Oliveira e Luiz Sampaio; los. Tenentes Manoel José da Silva e Antonio Candido Salazar e 2os. Tenentes Antonio da Rocha Bezerra Cavalcante, Luiz Pereira de Magalhães Castro, Carlos Eduardo Saulnier de Pierre-Levé e Amaro Theophilo de Almeida.

CORPO PROVISORIO DE ARTILHARIA A CAVALLO

Era ainda necessario ir buscar a victoria definitiva contra o dictador paraguayoso em seu proprio territorio e para lá iam os marchar.

Para Mercedes, onde se vão juntar com o exercito de Osorio, seguem o General Paunero, commandando as tropas argentinas e paraguayas, e o General Flores, commandando os orientaes e a 12ª brigada brasileira.

Com igual destino marcham outras forças brasileiras.

A 7 de Outubro é organizado um corpo de pontoneiros, ao qual passaram a pertencer os Tenentes do 1º de Artilharia, Antonio Candido Salazar, Antonio da Rocha Bezerra Cavalcante e Carlos Eduardo Saulnier de Pierre Levê.

Como corpo de exercito de observação seguem, em Novembro, para São Borja, as tropas do Ten. General Barão de Porto Alegre.

A 22 deste mesmo mez são reorganizadas as forças de artilharia a Cavallo que estavam sob o commando do General Marquês de Souza.

Com as 1ª, 4ª e 6ª baterias deste Regimento e aquella bateria de foguetes á Congreve, formou-se um Corpo Provisorio de Artilharia a Cavallo, sendo aquellas baterias transformadas em primeira, segunda e terceira com 4 canhões cada uma e a 4ª, de foguetes com 4 estativas, sendo a seguinte, a officialidade deste Corpo: Commandante Major em comissão Manoel de Almeida Gama Lobo d'Eça; fiscal, Capitão Trajano Gonçalves de Medeiros e Oliveira; ajudante, 2º Tenente Raymundo Gonçalves Netto; quartel-mestre o Alferes de cavallaria, addido, Delphino Albino Gonçalves; secretario o Alferes, voluntario da patria, Raphael do Prado Pereira, e commandantes de baterias: da 1ª, o Capitão José Carlos Cabral; da 2ª, o Tenente Manoel Jasé da Silva, da 3ª, o Tenente Manoel José Pereira Junior e da 4ª, o Tenente da guarda nacional Felisberto Pereira do Nascimento.

Este novo rebento do velho 1º Regimento de Artilharia a Cavallo ia continuar o renome brilhante de seu ancestral, fazendo parte, com as tropas de Marques de Souza, do 2º Corpo de Exercito, que passou a operar depois no Paraguay e cujo primeiro combate vae se travar junto aos muros de Curuzú posição que conquistam, com grandes esforços, em 3 de Setembro de 1866.

EM DIRECÇÃO AO PARAGUAY

O 1º Corpo de exercito, que attingira Montevideo, passa ali por profundas modificações. O General Menna Barreto, por doente, exonera-se do commando em chefe, sendo substituido pelo Brigadeiro Osorio que, desde logo, trata de melhorar as condições de sua tropa. A artilharia a cavallo passa a ter 24 canhões, por ter recebido, do Rio, 3 novas baterias de canhões La Hitte as quaes, devido á carencia de cavallos, vão ser puxadas a bois. O seu pessoal é augmentado com um esquadrão de cavallaria da guarda nacional, que lhe servem de conductores, e do 1º batalhão de artilharia a pé, que passam a ser instruidos como artilheiros naquella material.

Pediú munição para os 4 obuzes e, como não fosse attendido, devolveu-os de Dalmon, com a pouca munição que restava, "para não sobrecarregar o exercito com armas de pouco alcance e munições deterioradas", como textualmente escreve.

Na desembarque, em Dalmon, as carretas do 1º de Artilharia auxiliaram o transporte dos doentes.

ATAQUE A CORRIENTES

A pedido do Almirante Barroso, fez Osorio embarcar na esquadra a 9ª brigada de infantaria, sob o commando do Coronel Guilherme Bruce, e uma bateria de obuzes do incansavel 1º de Artilharia, commandada pelo 1º Tenente Antonio Tiburcio Ferreira de Souza, o destemido cearense que já se notabilisara em Paysandú.

Em Maio de 1865, o exercito paraguay o occupava o territorio corrientino, onde fizera sua base de operações, e Barroso de accôrdo com o General Paunero, resolveu tentar ahi um ataque.

A 25 de Maio chegava a esquadra em frente á cidade, tendo os navios argentinos içado o pavilhão brasileiro e os brasileiros, o argentino.

As 2 horas da tarde, desembarcava a força expedicionaria sob a protecção da artilharia da esquadra, que obrigou os paraguayos, que a tiroteavam, a se entrincheirarem num quartel, que precedia o casario da cidade, e donde fugiram, saltando pelas janellas do fundo, em direcção á cidadela, impellidos pelo impeto do ataque de nossa gente.

Commandava a acção o General Paunero, tendo por chefes immediatos o Corronel brasileiro João Guilherme Bruce e os commandantes argentinos Charlone, Rozetti e Rivas, cujas tropas marcharam ao assalto debaixo da protecção da bateria do denodado 1º Regimento de Artilharia. O combate entrou pela noite, retirando-se os paraguayos completamente derrotados. O modo brilhante por que se portou a bateria de Antonio Tiburcio mereceu elogios até mesmo da imprensa argentina. Este ataque acarretou, para os paraguayos, enorme transtorno, forçando o grande exercito de Robles, que já estava em Bella Vista, a retroceder, em penossima contra-marcha, sobre Riachuelo e Corrientes.

Martinez, que resistira tenazmente e pedira reforços a Robles, foi mandado fuzillar por ordem de Lopez.

Os argentinos tiveram 150 homens fóra de combate e nós tivemos 16, dentre os quaes 1 cabo e 2 artilheiros do nosso regimento, e o Tenente Geraldo de Souza Magalhães e 8 praças do 9º batalhão de infantaria.

Vieram a fallecer, por ferimentos ahi recebidos, os soldados Argemiro Eleuterio da Silva e Joaquim Ferreira Sinta do 9º, e Antonio José do Nascimento, desse regimento.

Os paraguayos tiveram 520 mortos. Nós lhe fizemos 80 prisioneiros e lhe tomamos 3 canhões e uma bateria.

BATALHA NAVAL DE RIACHUELO

A tropa do exercito reembarcou nos navios da esquadra, que permanecem a 5 milhas abaixo da cidade, o que obriga a conservar-se o exercito de Robles em suas proximidades para defendel-a; dahi ter resolvido Solano Lopez tentar um feito contra nossa esquadra, inferior a sua em numero, armamento e qualidade dos navios. E deu ordem ao Vice-Almirante Meza para atacal-a, atrahindo-a para as barrancas do Riachuelo, que havia artilhado occultamente com 22 canhões, além das 6 chatas que os navios ali deviam largar.

A 11 de Junho de 1865, travou-se a memoravel batalha naval de Riachuelo.

Ao mover-se a esquadra para a lucta, era a corveta Belmonte o navio da vanguarda e nella seguia a victoriosa bateria de Corrientes, sob o commando do invicto 1º Tenente Antonio Tiburcio Ferreira de Souza, que levava como subalternos os Alferes Bernardino Antonio de Paiva e Dyonisio Miguel Martins de Oliveira.

Ao defrontar a intrepida exploradora as baterias inimigas, estas visam-na com todas as pe-

ças e com fogo cruzado, a cujo bombardeio respondeu, galhardamente, o isolado luctador e, concluida a passagem, voltou, rio acima, a bater de perto o inimigo, embora já contasse com 37 rombos em sua linha de fluctuação e com sua coberta incendiada por bombas paraguayas.

E só se retirou do combate por intervenção do chefe Barroso, que determinou encalhasse na ilha Cabral para reparar suas avarias, após ter-se desempenhado tão brilhantemente de suas funcções.

"O 1º Tenente Antonio Tiburcio Ferreira de Souza bem como os cadetes Leovegildo Cavalcante de Mello e Miguel Maria Girard prestaram reaes serviços com a sua bateria", informam documentos officiaes.

A Belmonte teve 4 mortos, inclusive um official, e 11 feridos, entre os quaes o seu bravo commandante, e a nossa invicta bateria teve fóra de combate cinco mortos e 11 feridos.

O Almirante Barroso disse em seu relatorio: "Todos estes valentes filhos do Brasil, que estiveram em Riachuelo, quer do exercito quer da Armada, cumpriram o seu dever, e é dever da historia rememorar os seus nomes á admiração dos posteror para exemplo e emulação da mocidade".

Cultuemos, pois, particularmente, os nossos heróes, Tenente Antonio Tiburcio e Cadetes Leovegildo Cavalcante e Maria Girard!

NO COMBATE DE CUEVAS

A esquadra brasileira, que permaneceu ancorada em Chimbora durante o mez de Julho, recebeu ordem, a 8 de Agosto, de descer até as barrancas de Cuevas, onde o inimigo se fortificara construindo uma posição formidavel, por ser ahi estreito e tortuoso o canal e passagem forçada para a esquadra, o qual estava artilhado em cerca de uma legua de comprido.

A Belmonte, embora fosse o navio mais damnificado em Riachuelo, soffrera reparos que a fizeram sobrenadar e marchava com a esquadra, levando a seu bordo aquellos valorosos defensores da patria, em Riachuelo.

Ao passar a esquadra em frente a Cuevas, rompe o bombardeio que dura 20 minutos, tempo que os navios levaram para forçar o passo debaixo duma chuva de ferro e chumbo. Morreram neste combate 2 officiaes, um do exercito e outro da marinha, 13 marinheiros e 7 soldados, inclusive um do 1º batalhão de artilharia a pé, que guardava a invicta bateria do 1º de Artilharia a Cavallo. A acção conjuncta do exercito e marinha se desenvolveu sempre de maneira admiravel; sem o apoio da esquadra não teriamos realizado a passagem do Paraná, um dos mais bellos feitos de nossas armas, o que fez o proprio Lopez afirmar: — "Tirem da Alliança a esquadra e ella estará morta".

1866

A DEFESA DA ILHA DA REDEMPÇÃO

Além do campo entrincheirado no povoado do Passo da Patria, possuíam os paraguayos, sobre a margem direita do Paraná, o forte de Itaipirú, com um posto avançado num grande banco de areia, no rio.

Na noite de 5 de Abril de 1866, faz o General

Osorio occupar a ilha da Redempção, que lhe fica em frente, por uma força de 900 homens ao mando do Ten. Cel. de artilharia João Carlos de Willagrand Cabrita.

Esta força comprehendia: uma secção do batalhão de engenheiros, 7º corpo de voluntarios da Patria, 14º batalhão provisorio de linha, 1ª bia. do 1º batalhão de artilharia a pé e a bateria de morteiros, de 22, do 1º Regimento a cavallo, sob o commando do herico Cearense, 1º Tenente Antonio Tiburcio Ferreira de Souza.

Do dia 6 até 9, houve bombardeio de parte a parte, sem outras consequencias, além da morte do soldado João Francisco de Souza e de ferimentos graves nos dñs Raymundo Guilherme de Jesus e José Bonet e, leves, no 1º Cadete Joaquim Bernardino Olintho, todos da guarnição do 1º morteiro, em consequencia dos estilhaços de uma granada de calibre 68.

Na madrugada de 10 resolvem os paraguayos assaltar de surpresa a ilha, com 1.200 homens, que são batidos e se retiram deixando em poder dos nossos 30 canoas, 800 espingardas, 30 prioneiros, inclusive o Capitão Romero, além de haverem perdido 850 homens, sendo 650 mortos e 220 afogados.

Auxiliaram a nossa acção as canhoneiras Henrique Martins, Greenhalgh e Chuy.

A ilha, após este combate, passou a denominar-se do Cabrita, em homenagem ao seu heroico defensor, que morreu, após o combate, quando estava acabando de escrever a parte sobre o feito de armas que dirigira.

A mesma granada tambem matou ao Alferes Carlos Luiz Woolf e Major de artilharia Luiz Fernandes de Sampaio, aquelle que trouxera do Rio para o nosso Regimento, os 6 canhões La Hitte, raiados, com que fizemos o assalto a Paysandú; feriu gravemente o Tenente Francisco Antonio Carneiro da Cunha, que deixou, depois, tradições de honra e de saber como lente da Escola Militar. Tal disparo foi feito pelo habil artilheiro Coronel José Maria Briguez, o qual, como 1º Tenente fora o melhor discipulo e o mais dedicado dos amigos de Cabrita, então instructor no Paraguay, quando ameaçado pela Argentina nos collocamos a seu lado.

A ACÇÃO DE ANTONIO TIBURCIO

A bateria de morteiros, que occupava as trincheiras de salsichões e saccos de areia do flanco esquerdo, coube papel saliente na defesa de suas posições. De sua acção dil-o o seu proprio valoroso cmt., em sua parte, donde extrahimos os seguintes trechos:

"A tarefa da defesa do flanco esquerdo era talvez superior ás minhas forças, mas fiz todos os esforços para que o meu velho e sempre chorado mestre ficasse contente de mim.

Os soldados da minha guarnição, os officiaes e soldados do batalhão de engenheiros e do 1º de artilharia, podem julgar se defendi ou não com interesse a causa suprema da nação.

Avançou sobre as trincheiras da esquerda uma linha extensa e aos vivas a Sua Magestade (nossa senha), dados pelos soldados de artilharia e engenheiros, da crista do parapeito, responderão os selvagens-viva o Paraguay.

A este ultrage respondemos com descarga de fuzilaria e tratei de bem garantir o flanco esquerdo da mesma bateria.

Alguns paraguayos daquella linha se estabelecerão dentro do fosso e dahi fuzilavão a todos os nossos que tentavam tomal-os de flanco: nessa occasião convidei ao Tenente de cavallaria, cmt. do piquete de S. Ex. o Sr. General em chefe, Joaquim Pantaleão Telles de Queiroz, que viera visitar-me na ilha, ao Alferes Joaquim Benjamin da Silva, addido ao batalhão de engenheiros, ao Tenente Luiz Antony e mais 12 soldados, e fomos, a ferro frio, carregar sobre os paraguayos que estavam no fosso, surtindo bom effeito, só ficarão 10 paraguayos no fosso, porém, mortos. V. S. sabe quão grandiosa foi a nossa victoria. E' mais uma pagina dourada para a historia militar do paiz".

OS HEROES DO 1º REGIMENTO NA ILHA DO CABRITA

"Alferes Joaquim Benjamin da Silva, portou-se com muita bravura e enthusiasmo. 1º Cadete Joaquim Bernardino Olyntho, chefe do 1º morteiro, fez boas pontarias durante o bombardeio: distinguio-se durante o combate de 10 e foi ferido levemente na face, 2º Sargento Antonio Pereira da Silva, chefe do 2º morteiro, 1º Cadete Leovigildo Cavalcanti de Mello, chefe do 3º morteiro, e dito Miguel Maria Girard chefe do 4º morteiro, 2º Cadete Manoel José dos Santos Barbosa e soldado Francisco Clementino de Santiago Dantas encarregado do muniamento da bateria dos morteiros onde prestaram bons serviços, distinguiram-se muito no combate de 10. 1º Cadete Pedro Antonio Nery, distinguio-se no combate do flanco esquerdo, aprisionando uma canoa. Soldados Honorato da Trindade Rebello e Antonio Felix de Brito distinguiram-se no combate de 10, chegando aquelle a brigar a ferro frio".

NO COMBATE DA CONFLUENCIA

Estando o 1º Corpo de Exercito em Corrientes, resolve-se, em conselho de Guerra dos generaes, começar as operações offensivas contra as posições fortificadas do Paraguay.

Sendo Mitre de opinião que fosse a operação confiada a um General argentino, Osorio declara que se poderia mandar a quem quizesse, na certeza de que elle iria tambem.

Tamandaré levanta-se e, commovido, abraça Osorio. Os brasileiros ficam enthusiasmados ao saberem, que iam ser os primeiros a pisar o territorio inimigo, pois achavam que, si o solo do Brasil fora o primeiro a ser profanado, a elles devia caber a gloria da invasão. Osorio, na vespéra do embarque, dirige-se em patriotica proclamação aos seus commandados, onde lhes diz: "Soldados! E' facil a missão de commandar homens livres: basta mostrar-lhes o caminho do dever".

A 16 de Abril de 1866, na confluencia dos rios Paraguay e Paraná, encostam os navios á barra e começa o desembarque.

Osorio é o primeiro a pisar o solo paraguay. Com os seus ajudantes e piquete, faz, em pessoa, o reconhecimento. Atravessando uma estreita faixa de terra firme encontra os bosques de cana brava e banhados que se ligam a lagõa Sirena, após o

primeiro banhado, surgem as tropas de Hermosa e Venegas que atiram sobre o piquete do General, em cujo auxilio seguem duas companhias do 2º batalhão de infantaria, uma do 11º e duas do 2º corpo de voluntarios, sob o commando do Major Deodoro da Fonseca.

Mallet, ao ouvir o tiroteio, tenta apressar o desembarque de seu valoroso regimento, mas os muare empacados se detem ante a prancha que liga o navio á terra. O chefe invicto, porém, logo contorna a difficuldade fazendo sahir, promptamente 5 peças que são puxadas a braços pelos seus valorosos soldados, das quaes duas se atolam custando muito retirá-las.

E, refere uma testemunha ocular, o Tenente Manoel Jacintho Osorio, em suas Memórias: — "Era bonito ver aquella gigantesca figura de Marte passando banhados com agua pela cintura e, de vez em quando, encostando a possante mão nas rodas de suas peças que, com tão nobre adjutorio voavam para a posição que parecia conveniente, assestá-las e metralhar o inimigo".

Os 2.000 paraguayos não resistiram ao impeto de nosso ataque e batem em retirada, sendo perseguidos, de perto, por Osorio e Argollo, que fizeram alto, devido as chuvas, a cerca de uma légua do desembarque e onde foi passada a noite em alerta, pela proximidade do inimigo. O dia 17 amanheceu com um sol como de Austerlitz, e era preciso, porque os nossos soldados estavam completamente molhados, com a roupa do corpo e sem barracas.

O inimigo volta com 6.000 homens, sob o commando do Ten. Cel. Basilio Benitez, ameaçando seriamente nossa artilharia, que occupava posição descoberta, por não ter podido, ainda, entrincheirar-se, mas donde faz efficaz e cerrado bombardeio.

A esquadra faz calar o forte de Itapuru e os paraguayos debaixo do fogo certo das 8 peças de Mallet, demandam seus entrincheiramentos em precipitada fuga.

Osorio, em sua ordem do dia n. 152, assim se expressa sobre Mallet: — "O Sr. Ten. Cel. Emilio Luiz Mallet, commandante do 1º Regimento de Artilharia a Cavallo, que dirigia as 8 boccas de fogo que acompanhavam a expedição, confirmou os seus precedentes, desenvolvendo a actividade, bravura e energia, que ha muito lhe são conhecidas".

A PARTE DE MALLET

Eis a singeleza com que Mallet descreve a acção de sua tropa e fala da bravura de sua gente:

1º REGIMENTO DE ARTILHARIA A CAVALLO

Parte — A 1ª bateria deste Regimento, servindo um material de 18 boccas de fogo, tendo embarcando no dia 15 de Abril, á noite, desembarcou no dia 16, pela manhã, e seguiu em perseguição do inimigo, não, tendo podido todas as peças entrar em fogo no dia 16, não só devido á difficuldade do desembarque como pelos obstaculos da travessia. Nas tres primeiras posições que tomei fiz fogo com tres peças, e na 4ª com cinco.

Mais, tarde, depois do fogo acabado, apresentaram-se as ultimas tres. No dia 17, dia em que

o ataque foi mais vivo, as oito boccas de fogo achavão-se em bateria e produzirão o effeito que se sabe.

RELAÇÃO NOMINAL DOS OFFICIAES QUE COM BRAVURA E DISTINCCÃO SE CONDUZIRÃO NESTES DOIS DIAS

Capitão commandante da bateria João Nepomuceno de Medeiros Mallet, 2º Tenente Boaventura Pinto da Silva Valle, Alferes addido Antonio Julio de Medeiros Mallet; no dia 17 Ten. addido Francisco Gomes de Mattos, 1º Ten. João Vicente Leite de Castro e o Alferes addido José Maria de Moraes.

O 2º Tenente Manoel Peixoto Cursino do Amarante, que assistiu a todo o fogo das quatro posições do dia 16, também portou-se com bravura e distincção, e não poudé assistir ao combate do dia 17, por ter sido mandado buscar munições. Cumpre-me também fazer menção do digno comportamento das praças que se seguem:

1º Cadete — 1º Sargento Joaquim Alves da Costa Mattos, dito Ismael Cezar Paes Barreto, forriell José Bento Tobias, cabos Domingos Marques dos Santos, Frederico Luiz Won Schonholtz, soldados Francisco Antonio Ramos, Manoel Calixto e Pedro Martins, assim como os sargentos da bateria de voluntarios allemães Guilherme Won Steuben e Carlos Juliesky. Acampamento junto ao forte de Itapuru, 21 de Abril de 1866 — Emilio Luiz Mallet, Tenente Coronel commandante interino.

NO RECONHECIMENTO DE ITAPUA'

O 2º corpo de Exercito, sob o commando do Barão de Porto Alegre, atravessando o territorio das Missões vae acampar em São Thomaz entre São Carlos e Apstolos, afim de penetrar no Paraguay pelas immediações de Itapua'.

A 1º de Maio de 1866, reconhecia Porto Alegre o forte de São José, em frente a Itapua', quando é atacado pelo Coronel Nunez, a frente de 3.000 homens e 12 canhões, o qual, após forte tiroteio se retira incendiando os campos para tornas o paiz ainda mais inhospito ao invasor.

Neste combate foi morto o bravo commandante da 1ª bateria, do então Corpo Provisorio de Artilharia a Cavallo, Capitão José Carlos Cabral.

Rendamos um preito de saudades ao heroico Capitão Cabral!

RECOMPENSAS E PROMOÇÕES

Pelas victorias alcançadas em 16 e 17 de Abril, na confluencia, foi Osorio agraciado, com o titulo de Barão do Herval, pela carta imperial de 18 de Maio de 1866, e, pelo dec. de 3 de Janeiro, foram condecorados: com a ordem do cruzeiro o 1º Tenente Antonio Tiburcio Ferreira de Souza e, com a da roza, os Cadetes Leovegildo Cavalcanti de Mello e Miguel Maria Girard, que se distinguiram em Corrientes e Riachuelo.

Pela ordem do dia n. 128, de 14 de Fevereiro, foram publicadas as promoções feitas por dec. de 22 de Janeiro e, dentre as 28 que se fizeram, 8 pertenciam ao glorioso 1º de Artilharia. Assim é que foram promovidos a brigadeiros os Coroneis Alexandre Gomes de Argollo Ferrão, que sahira da velha caserna de São Gabriel para ser depu-

tado do Ajudante-General e José Joaquim Fontes, que commandava o nosso heroico Regimento em Monte Caceros; a Ten. Cel. o invicto Emilio Luiz Mallet; a Majores os bravos Capitães Manoel de Almeida Gama Lobo d'Eça e Hermes Ernesto da Fonseca, heroes de Paysandú, e a Capitães os los. Tenentes Antonio Tiburcio Ferreira de Souza, que commandava a bateria que tomou parte no ataque a Corrientes e tão denodadamente se portou a bordo da Corveta Belmonte, em Riachuelo; João Nepomuceno de Medeiros Mallet, um dos bravos de Paysandú e José Carlos Cabral morto após no reconhecimento de Itapúa.

Em virtude de taes promoções recebe o Regimento novos officiaes, como cmt. é ahi classificado o Cel. Hilario Maximiliano Antunes Gurgão; como cmts. de baterias: na 1ª, o Capitão Trajano Antonio Gonçalves de Medeiros e Oliveira, que commandara a 4ª desde o cerco de Uruguayana; na 2ª o Capitão Manoel José Pereira Junior; na 3ª o dito Antonio Candido Salazar e para a 4ª, o Capitão Domingos Francisco dos Santos.

A PERDA DE UMA BATERIA NO PASSO DA PATRIA

No acampamento do Passo da Patria as vanguardas inimigas se achavam apenas separadas pelo Estero Bellaco. A vanguarda dos alliados era commandada pelo General Flores e se compunha das tropas orientaes e 12ª Brigada brasileira e, desde 29 de Abril, della passa a fazer parte a 5ª bateria do 1º Regimento de Artilharia a Cavallo com 4 canhões, La Hitte, raiados sob o commando do Capitão do 2º batalhão de Artilharia de posição, a elle addido, João Dias Cardoso de Mello. A 1ª de Maio, Osorio fal-a proteger com os 21º e 38º batalhões de voluntarios e 64º corpo de cavallaria. Aquella bateria havia sido collocada, com rara imprevidencia, a 50 braços de um mato até onde podia vir o inimigo encobertamente.

As 12 horas de 2 de Maio, aproveitando-se o inimigo do momento em que a nossa tropa conduzia a sua refeição da margem do rio para os bivaques e do terreno montuoso que contornava nossa vanguarda, irrompe violentamente dos bosques que orlam o campo alliado. Foi um surpresa igual áquella do exercito inglez em Iekermann. Enquanto Jimenez, com 4 batalhões de infantaria atravessa o Passo Cidra e Benitez, com 2 outros, pelo Passo Carreta cahe sobre os orientaes, os 7º e 13º regimentos de cavallaria do Ten. Cel Fidelis Valiente se apoderam dos nossos 4 canhões La Hitte e seus 2 carros mancheiros, que são conduzidos pelos Tenentes Amarilla e B. Caballero e vão ser guarnecidos por 600 paraguayos que tinham vindo nas garupas dos cavallos montados por outros cavalleiros.

Os exercitos alliados demoraram a se mover, pois suppunham fosse o tiroteio proveniente do reconhecimento a que Flores devia proceder.

Mallet, pela manhã, tinha estado examinando as peças e não acreditava fosse o inimigo capaz de trazer-nos um ataque.

Ao ouvir os disparos porém, corre em auxilio da bateria, que, vae ainda encontrar atirando sobre a cavallaria paraguaya; mas a vista de sua situação precaria, volta a procurar-lhe auxilio.

Retirando-se Mallet, comprehendem os soldados que é critica a posição da bateria e tres quartos da guarnição abandona as peças.

Cardoso de Mello já fizera de 30 a 40 disparos e persiste na posição até quando o inimigo chegou a 60 braças na frente e lhe contorna pela direita, já tendo morto com 2 lanças no peito a um conductor da 1ª peça. E, informa elle em sua parte: — "Não havia mais que esperar, e tendo que permanecer em meu posto com meus officiaes e soldados, importava em um suicidio inutil, pois que, o peso de nossos cadaveres não obstaria que o inimigo levasse o parque: mandei que se retirassem e acompanhei-os".

Dionisio Cerqueira, então sgt. chefe de peça, conta que a passagem dos camaradas da infantaria lia-lhes nos olhos dizerem: — "Vocês do **"Boi de botas"** não podem hoje compartilhar da nossa gloria", isto fel-o pedir transferencia para a Infantaria.

Da bateria morreram em combate 4 soldados e ficaram gravemente feridos 1 official e 4 praças e levemente um 2º Sargento e 2 soldados.

Osorio, que estava em seu Q. G., a meia legua de distancia, montou a cavallo e fez seguir 2 batalhões em marche-marche; restabelecendo a ordem e tomando a offensiva, levou o inimigo além de suas trincheiras, tomando-lhe 2 canhões e 2 bandeiras e fazendo 300 prisioneiros.

O animal que montava foi baleado na paleta.

Era aquelle mesmo malacara que já fora baleado no casco em 17 de Abril; desta vez porém, ficou inutilisado e este era o ultimo dos animaes que trouxera do Rio Grande, dera-lhe, Manoel Garcez, de Santa Maria da Bocca do Monte.

Flores viu cahirem mortos a seu lado dois dos seus ajudantes e duas vezes successivas morreram os cavallos nos quaes montava.

O heroico commandante do 7º batalhão, Coronel Pedra, teve morto seu cavallo e recebeu tres ferimentos. Osorio ficou confuso.

O campo de batalha era um extenso tendal de cadaveres, o inimigo teve 1.200 mortos, os brasileiros 1.103, os orientaes 400 e os argentinos 49.

O Capitão Cardoso de Mello requereu conselho para justificar-se, Mallet em sua informação declarou julgar desnecessario semelhante justificação, por ter o supplicante naquella dia dado prova exuberante do seu valor e abnegação, e Osorio lhe deu o seguinte despacho: — "Não havendo quem accuse o supplicante da menor negligencia no facto de haver o inimigo carregado as peças que estavam a seu cargo, e em vista da informação do cmt., torna-se inutil o conselho que pede".

Demais, Osorio sabia que não fora Cardoso de Mello quem escolhera tal posição, como não ignorava a heroica resistencia que alli mesmo offerecera quando do inopinado ataque.

NA BATALHA DE TUYUTY

Era intenção dos exercitos alliados atacar os paraguayos no dia 25, elles porém, nos precedem no ataque e com surpresa igual a do dia 2 lançam-se ao meio dia de 24 de Maio, impetuosamente, contra nosso acampamento, quando apenas nos preparavamos para o reconhecimento.

A nossa formação era então, a seguinte: na frente os orientaes de Flores; á direita os argen-

unos sob os commandos de Mitre e Paunero; ao centro a 6ª Divisão de Infantaria brasileira do General Victorino Monteiro e o 1º Regimento de Artilharia a Cavallo, sob o commando de Mallet; a esquerda o grosso do exercito brasileiro num total de 22.000 homens.

Os paraguayos eram 24.000 e vinham formados em 4 columnas, a da extrema direita sob o commando do General Barrios, a da direita do Coronel Diaz, a do centro do Coronel Marcó e a da esquerda do General Resquin.

Protegidos pelos capões de matto alto simulam o ataque a nossa direita convergindo porém, a esquerda e no centro. Ante a pressão recuam os orientaes e a divisão Victorino, que devia proteger a artilharia.

Devido ao impeto as nossas tropas entram em linha de batalha irregular e anarchicamente, generalisando-se o combate em sangrento conflito. Os 24 La Hitte do invicto Mallet deteem a furia dos atacantes e debaixo do seu efficiente fogo retorna a Divisão Victorino barrando o avanço.

Tão velozes eram os tiros do valoroso Mallet que os paraguayos lhe alcunharam de "Artilharia revolver".

O centro paraguayos está fraquissimo em artilharia e por ahi avança destemidamente o valoroso carente General Sampaio, cuja divisão foi por isso, cognominada "Divisão couraçada".

Mallet não julga boa a sua posição que podia ser investida pela cavallaria, manda então abrir-lhe na frente um fosso largo e profundo cuja terra fosse espalhada afim de disfarçar a obra. "E elles que venham", concluiu com convicção.

A' Diaz e Marcó cabia, com seus 6 Regimentos de Cavallaria, cahir sobre o centr e as alas da linha de batalha e, aos 8 regimentos do General Resquin, attingir a rectaguarda do nosso exercito. Estes conseguem levar, de roldão, os argentinos e as cavallarias de Hornos e Caceros, até as margens do Paraná.

A artilharia argentina, do Cel. Julio Vedia, soffre terrível ataque a sabre, chegando os paraguayos a por as mãos nas peças, exclamando satisfeitos "és mia". O invicto General Paunero, porém, confirma a aureola de glorias conquistadas em Corrientes, Jatahy e Uruguayana, sustentando a posição da artilharia argentina até a chegada de Osorio, que se multiplica em todo a frente, onde chega a combater de lança em riste.

Marcó quer tambem cumprir sua missão e, a frente dos seus 3.000 cavallerianos, tenta aprisionar os canhões do 1º de Artilharia partindo para lá em galope de carga, enquanto Mallet commanda — "Granada e metralha, espoleta de 6 segundos". E, ao partirem os tiros, exclama satisfeito e confiante: — "Por aqui não entram".

Por ahi, effectivamente, elles não entraram, varridos pela metralha. Os que escapam, se detêm por um momento, retiram-se para Yataity-Corá e voltam, depois, numa carga mais desenfreada ainda, para, mais rapidamente tambem, receberem o castigo da teimosa ousadia.

Durante quatro horas consecutivas tentam vinte investidas, todas infructiferas, pois, vão confundir suas exclamações guerreiras com as imprecações dos moribundos, enquanto os bravos artilheiros de Mallet, que até então estavam silenciosos, prorompem em Urrahs!

E, dos 3.000 cavallerianos de Marcó que tentaram aprisionar os canhões do valoroso 1º de Artilharia, só restam, por fim, 500, que desistindo da pertinacia do ulterior intento, vão investir contra a infantaria de Mitre.

Mallet, porém, não os perde de vista e sobre elles lança os fogos de suas baterias Krupp. Tão acertados eram as pontarias e os lances de alça, que as granadas pareciam galopar com os cavallos, apostando carreira com elles, para ceifar-lhes pelotões inteiros, dahi terem-no denominado — "Fogo de horror!"

Os poucos cavallerianos que delle escaparam, occultam-se no matto. Ficou assim frustrado o plano paraguayos, pois Barrios e Resquin que deveriam desmontar os flancos e cahirem sobre a rectaguarda aliada, persistem no ataque ao fosso de Mallet, diante do qual é, pelo 1º de Artilharia, dizimada a cavallaria paraguayos.

As honras do dia, declaram os historiographos, foram de Osorio, da divisão Sampaio e, principalmente da artilharia de Mallet.

Gloria pois, ao inolvidavel Mallet que, com sua argucia e coragem, assegurou a victoria para as armas alliadas na maior batalha campal da America, escrevendo assim a mas brilhante pagina da historia do nosso Regimento.

AS PARTES DE COMBATE

O Brigadeiro Andréa, cmt. geral da artilharia, assim se expressou, sobre o nosso glorioso regimento: — "O 1º Regimento de Artilharia a Cavallo, que se acha na vanguarda coberto por ligeiro entricheiramento, foi o primeiro a suppor o impulso das massas paraguayas, que a todo custo pretendião assaltal-o, mas que não poderão abrir caminho entre a chuva de metralha e granadas que lhes enviavão os canhões daquelle regimento; a seu commandante, o Ten. Cel. Emilio Luiz Mallet, mais uma vez confirmou o nome de valente porque é já conhecido no exercito: seus serviços, coragem e sangue frio inalteravel, o tornão digno da attenção do governo imperial, eu cumpro um dever sagrado recomendando muito particularmente á V. Ex. o seu nome.

Pela parte que deu o mesmo Ten. Cel. verá V. Ex. que todos os seus officiaes e praças tiveram um comportamento honroso para o paiz e brilhante para elles.

O 1º Sargento daquelle Regimento, Guilherme Won Stenbem, praticou um acto de verdadeiro valor e abnegação lançando fóra do para-peito, onde detonou, uma granada inimiga que cahiu acesa entre a bocca de fogo de que é chefe e a outra da 1ª bateria do mesmo regimento: este Sargento torna-se por isso digno da attenção de V. Ex.

O valoroso Mallet informa singela e modestamente: — "Este Regimento com 24 bocas de fogo, collocado na vanguarda sobre o centro do exercito, sustentou triumphante e repelliu todas as columnas do inimigo que atacavão o centro e que depois procurarão torneal-os pelos flancos: em poucas horas foi varrida a frente do exercito e o grande numero de homens e cavallos mortos, attestão a efficacidade de seus fogos.

O dia 24 de Maio que para o 1º Regimento de Artilharia a Cavallo, foi um dia de gloria, ac-

crescentou esta pagina honrosa á historia de seus feitos".

A RELAÇÃO DOS BRAVOS ARTILHEIROS

Nesta sua parte assim prosegue Mallet: — "Eis a relação nominal dos officiaes e praças de pret que com bravura e distincção, tanto contribuíram para tornar este dia feliz e tão glorioso para o exercito brasileiro: Major Severino Martins da Fonseca; Capitães commandante de baterias: Antonio Carlos de Magalhães, Ernesto Augusto da Cunha Mattos; João Nepomuceno Medeiros Mallet, João Dias Cardoso de Mello e Anfriso Fialho: 1os. Tenentes Saturnino Ribeiro da Costa Junior e Augusto José de Abreu; Tenente Francisco Gomes de Mattos; 2os. Tenentes João Luiz Gomes, Boaventura Pinto da Silva Valle, Marcos de Azevedo e Souza, Luiz Pedreira de Magalhães Castro, Manoel Peixoto Cursino do Omarantes, Luiz Carlos Pereira Pinto e Eugenio Augusto de Mello; Alferes José Maria de Moraes, Antonio Julio de Medeiros Mallet e Ignacio de Souza Gouvêa Junior; 2os. Tenentes de comissão: Bernardino da Silva Torres e Rodolpho Schimmelferning Won der Oye 1os. Cadetes 1os. Sargentos: Francisco Antonio Rodrigues de Salles e Manuel Aprigio de Souza Costa; 1os. Sargentos, particular, Patricio José Teixeira, Tobias Carlos Coimbra e Guilherme Won Stenben (este Sargento praticou um acto de heroismo, agarrando uma granada acesa que cahiu entre a peça de que é chefe e a 1ª da 1ª bateria e lançando-a fóra do parapeito, onde immediatamente arrenbentou); 2os. Sargentos; 2º Cadete Joaquim Alves da Costa Mattos, 1os. Cadetes Ismael Cezar Paes Barreto, José Pinto da Rosa e Emigdio Orestes da Silva Torres; Forrieis: Manoel da Costa Netto e José Ignacio Espinloda; 1º Cadete José Benjamin de Souza Gouvêa; Cabos, Militão Alves da Silva, Domingos Marques dos Santos e José Francisco dos Santos; Anspeçada João Rodolpho Sutter; Sargento quartel-mestre do batalhão de voluntarios allemães João David Gemeinhardt

Os Srs. Tenentes Antonio José Alves de Sá, Alveres Bernardino Antonio da Silva e Sá e o 2º Cadete, Sargento quartel-mestre, Julio Placido Soveral, mostrarão-se zelosos e corajosos em trazerem as munições das carretas para as linhas de fogo, de maneira que ellas nunca faltaram por um só momento.

O Tenente Silverio Dias Corrêa, encarregado da cavallada do regimento, 2º Sargento Candido José de Medeiros e Cadete José da Costa Guimarães, corajosamente tirarão da frente de uma columna de cavallaria inimiga, uma ponta da cavallada do regimento que hia perder-se; o penultimo depois de ter ajudado á pôr a mesma cavallada em segurança, apresentou-se e prestou bons serviços como chefe de peça.

Termina esta parte por informar que o Regimento teve fóra de combate entre mortos e feridos 17 homens.

A NARRAÇÃO DE CUNHA MATTOS

A "Revista Militar Brasileira", correspondente aos mezes de Julho a Setembro de 1923, transcreve o artigo que o heroe Cunha Mattos escreveu no "Jornal do Commercio", de 24 de Maio de 1908, donde extrhimos os seguintes trechos:

"O relevante serviço que o 1º Regimento de Artilharia a Cavallo prestou na batalha de 24 de Maio de 1866, trancando o caminho á cavallaria inimiga, que, lançada com grande vigor e em successivas massas, contra o centro da primeira linha dos alliados, com o fim de, partindo-a pelo meio e introduzindo a desordem e confusão em suas fileiras, facilitar os ataques, de flanco e envoltentes, que se lhe seguiram, ainda não foi descrito, de modo a pôr em evidencia o lugar de honra que o denodado corpo soube conquistar entre os mais esforçados na lucta pela victoria".

"Os historiadores da guerra e mesmo os simples narradores da batalha quasi limitam a sua admiração pela conducta do 1º Regimento, a attribuir o triumpho por elle alcançado á rapidez com que agiram seus canhões. Nem é de estranhar que assim procedam, desde que o proprio chefe do regimento, com prejuizo aliás, de seu nome, contentando-se com os louros da victoria, em sua communicação sobre o feito, deixou de prestar sobre a conducta de seus commandados as informações indispensaveis para que todos bem pudessem comprehender que esse Regimento venceu em Tuyuty, não em razão do emprego do tiro rapido, mas porque, com intelligente previsão, organizara a defesa da posição que occupava e no acto de realizar-se o golpe que previra, desenvolveu inextinguivel pericia no manejo de suas boccas de fogo".

"Mas, se o centro da primeira linha dos alliados figurou no plano do dictador como eixo da batalha, ficando dependentes de sua ruptura os outros ataques, logicamente conclue-se que ao denodado 1º Regimento coube a fortuna de, com a resistencia que oppoz ao inimigo, desconcertar o plano geral da batalha, garantindo a victoria dos exercitos alliados. **Cabem-lhe, pois, como primeiro factor do triumpho, as honras do dia**".

"Penetrando em Tuyuty, avançou o Regimento rumo da linha de Rojas, e quando a divisão testa da columna chegou a 1.600 metros dessa linha, mandou o commandante Mallet fazer alto e desenvolver em batalha sobre a referida divisão".

"Executada a manobra e posto em ordem todo o material do corpo (28 canhões rajados com os respectivos armões, carros, galeras e forjas de campanha), mandou Mallet formar guarnições e, depois de fazer aprear os conductores, chamou a sua presença o Major-fiscal (Severino Martins da Fonseca, mais tarde general e barão de Alagôas) e os commandantes de baterias, e, vendo-os reunidos, a cavallo, como estavam todos os officiaes, apontou para a frente e disse o que textualmente vou repetir em honra á sua memoria:

"Aqui estamos mal, mas não ha lugar melhor. Devemos prever um golpe de cavallaria e prepararmo-nos para apara-lo. Ordeno, pois, que o regimento se mantenha de promptidão, ficando durante o dia, de meias guarnições a postos, serviço que deverá ser presidido por um dos Srs. Caps auxiliado de subalternos das diversas baterias. A' noite, a promptidão será feita por todos nós. Mas não é bastante. Recommendo que, a partir da noite de hoje, se abra, em toda a nossa frente, largo e profundo fosso, o que se fará em silencio e sem estrepido.

(Continúa)

D A P R O V I N C I A

Inspeção do Chefe do E. M. da 6ª R. M. ao 19º B. C.

(Conclusão)

CONTINUAÇÃO DO DOCUMENTO N. 14

INSTRUÇÃO DOS QUADROS

(Conferência feita pelo CAP. ARTHUR CARNAÚBA, no círculo de officiaes do 19 B. C.)

ESTUDO DUM CASO CONCRETO

Tomando por guia o "quadro — memento" já exposto, (1) vejamos como poderiam ser applicados, a um **caso concreto**, os methodos e processos nelle indicados.

Para tanto, resolvi valer-me dum trabalho que elaborei em Janeiro do corrente anno e que havia consrvado, até á presente data, no meu archivo pessoal.

Trata-se dum modesto estudo que fiz duma "instrução de quadros no ambito dum R. C."

Póde causar extranheza que, falando a infantas, houvesse escolhido um tal assumpto.

Essa impressão desaparecerá, de prompto, se considerarmos:

a) — que o nosso methodo de instrução é geral e, portanto, applicavel a um R. C., a um R. L., a um Btl., etc.;

b) — que não se trata, propriamente, duma questão de tactica de cavallaria, mas duma questão de tactica geral que deve interessar os officiaes de todas as armas.

O exemplo apresentado nos permittirá apreciar — em um caso concreto puramente imaginario — o modo pelo qual póde ser encarado, no ambito dum R. C., o importante problema da instrução dos officiaes.

Teremos tambem oportunidade de vêr como pode ser conduzido um exercicio do jogo da guerra.

1º CAPITULO

I — OBJECTIVO GERAL DA INSTRUÇÃO.

Cel., no decurso de algumas sessões de instrução, se propõe:

a) — a familiarisar os seus officiaes com a nossa **Doutrina de Guerra** e a mostrar-lhes a sua generalidade;

b) — a pôr em evidencia as características do emprego da nossa arma.

c) — a fornecer ás unidades subordinadas (Esq. P. M.) um quadro tactico geral, dentro do qual poderá desenvolver-se a instrução particular dessa unidade.

II — MEIOS.

1 — **Documentos** — R. G. U., R. S. C., R. E. C. C. (4ª parte).

2 — **Pessoal:**

a) — Director dos exercicios: o Cel.

b) — Pessoal a instruir — os officiaes do Regimento.

3º — **Material:** variavel com a natureza do exercicio (na carta, no terreno, com ou sem tropa...).

4º — **Terreno:**

a) — exercicios no terreno: os arredores da guarnição (1).

5º — **Tempo:**

a) — Sessões em sala: uma vez na semana (duração 2 horas).

b) — No terreno: uma vez na semana (a manhã inteira), podendo ser substituidas, se as circunstancias o exigirem, por sessões em sala (2 horas).

c) — Trabalhos em domicilio: prazo maximo de 10 dias.

III — **METHODO.**

Estudo de casos concretos:

a) — na carta;

b) — no terreno (sem tropa);

c) — no terreno com tropa.

O Cel. baniu de seu programma as narcotizantes conferencias e o famoso estudo commettido dos regulamentos.

Os regulamentos serão estudados pelo mais fecundos dos methodos — o **METHODO DO CASO CONCRETO**:

IV — **PREPARAÇÃO GERAL:**

A — **Estudo inicial.**

O Cel. quer — no decorrer de varios exercicios na carta e no terreno — focalisar os seguintes assumptos, que não foram convenientemente assimilados pelos officiaes no periodo de instrução do anno anterior:

1º — Segurança do Chefe;

2º — A cavallaria divisionaria collaborando com as outras armas na protecção immediata.

3º — A marcha duma tropa de cavallaria:

a) — papel da V. G.;

b) — estudo da cobertura dos flancos.

4º — Estudo particular da descoberta;

5º — As características essenciaes do combate offensivo e defensivo da cavallaria.

Isto posto, trata-se, então, para o Director dos exercicios, de revêr attentamente todos os documentos officiaes que tratam desses assumptos.

(1) — Vamos admittir uma guarnição hypothetica: o nosso Regimento faz parte da guarnição de MOGY GUASSU'.

(1) — Vêr o numero de Fevereiro ultimo de "A Defesa Nacional".

B — Elaboração do thema geral.

Escolher uma hypothese extremamente simples:

- a) — que permita o estudos dos assumptos escolhidos;
- b) — que corporte:

uma situação geral

que se limite apenas a crear um ambiente, dentro do qual se possam desenvolver logicamente os acontecimentos imaginados pelo Director.

A 1ª D. I. azul inicia, no dia 1º de Janeiro, os seus desembarques em CAMPINAS, sob a protecção do R. C. D. que occupa as passagens do JAGUARY, tendo elementos avançados na linha do CAMANDUCAIA.

As forças vermelhas estão se reunindo, desde os ultimos dias de Dezembro, na região de CASA BRANCA.

uma situação particular

limitando-se a distinguir os elementos essenciaes de toda situação de guerra (a missão, o inimigo, o terreno, a nossa propria situação e os meios).

No dia 5 de Janeiro, a 1ª D. I. attinge, ao cahir da tarde, a linha do JAGUARY, devendo, na manhã seguinte, retomar o seu movimento para o N., ao encontro duma D. I. vermelha, cujos bivouacs foram assignalados, no dia 5, ás 16 hs., na região de AGUA COMPRIDA — Est. da LAGOA. O 1º R. C. D. já se acha, desde a manhã de 5, na margem N. do CAMANDUCAIA, com elementos na linha do Rib. LAMBREDO.

O Gen. pretende attingir no dia 6, em fim de jornada, a transversal Est. TUJUCUE' — FUNDINHO.

A 1ª D. I. dispõe, desde ás 6 horas de 5, de uma Esq. (terreno na região de GUANABARA).

C — Escolha do terreno.

Veremos, no desenvolvimento dos exercicios, que a região escolhida se presta muito bem ás demonstrações que o Cel. pretende realizar.

2º CAPITULO

Tomadas essas medidas de ordem geral, o Director está apto a iniciar as suas sessões de instrução.

A sessão inaugural está marcada para o dia 5 de Janeiro, ás 10 horas.

Trata-se de um exercicio na carta.

A titulo de exemplo, vejamos como poderia ser preparado e conduzido esse exercicio.

I — PREPARAÇÃO

A — Estudo inicial.

O Cel. quer estudar, nesse sessão em sala, a palpitante questão da "SEGURANÇA DO CHEFE" (1).

Documentos consultados: R. S. C.

B — **Elaboração do thema**

Vêr o § IV do 1º Capitulo.

C — **Escolha do terreno**

Vêr as observações já feitas.

D — **Organização material.**

Meios necessários:

a) — carta de S. PAULO 1:100.000 (fls. CASA BRANCA — MOGY MIRIM — CAMPINAS);

b) — lapis e papel (cada official deve munir-se duma caderneta);

c) — um quadro negro e giz de varias cores;

d) — se possivel, uma ampliação das cartas de MOGY MIRIM — CAMPINAS.

II — Conducta dos exercicios.

A — Disposições iniciaes.

No dia 3 de Janeiro, ás 8 horas, o thema foi distribuido aos officiaes.

Dava motivo a um trabalho em domicilio — preparatorio da sessão em sala — no qual era pedida aos officiaes a **redacção da ordem particular dada pelo G. de Divisão ao 1º R. C. D. para a jornada de 6.**

Entrega do trabalho: dia 4, ás 15 horas, ao Cap. Ajudante.

B — Desenvolvimento do exercicio.

Vejamos como poderiam ser applicadas as disposições geraes do § "desenvolvimento do exercicio", expostas na 1ª parte desta conferencia, ao nosso caso particular.

"Deixar agir os subordinados por sua propria iniciativa sem os guiar nem os perturbar".

O Cel. pede ao ten. M que leia a sua ordem. Naturalmente, o Director do exercicio a escolhe por ser a que melhor se presta á demonstração que quer realizar (não esquecer que, desde o dia 3, todos os trabalhos se encontram nas mãos do Cel.).

Feita a leitura, o Director chama a attenção para a missão dada ao R. C. D.

"O 1º R. C. D. deverá, na jornada de 6, marchar na direcção de **Faz. das PITEIRAS** e occupar o mamelão L. dessa fazenda até á chegada dos primeiros elementos da Divisão".

(1) — Vê-se, assim, que o Director tem um fim a **atingir**, o que constitue um primeiro passo para uma boa instrução.

"A sua descoberta não ultrapassará o Rio MOGY MIRIM e o Corr. do TOLEDO".

O Cel., após felicitar o ten. pela forma clara e simples por que foi redigida a sua ordem, pede-lhe para expor succintamente como encara a operação da D. I. no dia 7, considerando que a 6, conforme consta do thema, alcançou a transversal FUNDINHO — Est. TUJUCUE.

"A 1ª D. I. continuando o seu movimento para o N. deverá attingir com o grosso a linha do Mogy e lançar a sua V. G. para a margem N. do rio, afim de permittir a 8 a transposição do rio pelo grosso da Divisão".

"Só intervir para crear incidentes (sempre no sentido de resaltar os ensinamentos ou salientar os erros commettidos)".

O Cel. dá ao ten. M. as informações seguintes, que correspondem á situação do fim de jornada de 3:

"O R. C. D. conseguiu attingir sem incidentes a região de Faz. das PITEIRAS, onde se estabeleceu e foi, no fim da tarde, substituido pela V. G.; todas as informações da sua descoberta foram negativas".

"Os bivaques, assinalados na vespera, ainda continuam em AGUA COMPRIDA — Est. da LAGOA; a aviação nada conseguiu observar no valle do MOGY, em vista da intensa neblina que cobria essa região".

O Ten. M. toma, apressadamente, nota dessas informações.

O Cel. retoma o interrogatorio:

"Tendo em vista a idéa já exposta e que é bastante justa, como vae o Ten. montar a operação projectada?"

"E' bem difficil montar uma operação, responde o official, quando as informações mais recentes que se possuem datam de mais de 24 horas".

"Nada sei, por ex., do que se passa na região do MOGY e mesmo na sua margem N..."

"Sou da mesma opinião, interfere o Director do Exercício; mas... de quem é a culpa?"

Ten. B. Creio... penso...

Director — A sua opinião?

Ten. B. — Julgo que taes informações só me poderão ser fornecidas pelo Director do exercicio; não posso imaginá-las; não me assiste o direito de arbitrar a situação correspondente á jornada de 6.

Director — E' claro. Como vae, porém, o Director fornecer informações a um Cmt. de Divisão tão pouco curioso e que, em consequencia, nada fez, no dia 6, para obter as informações que lhe eram imprescindiveis para organização da operação de 7?

Que pensa da situação do Cap. Z.?

Cap. Z. — Creio que um chefe tem sempre as informações que merece.

Director — Perfeitamente!...

Cap. Z. — Se o Gen. de Divisão, ao envez de só levar a sua cavallaria até á região de Faz. das PITEIRAS, a houvesse impellido até o MOGY GUASSU' e mesmo impulsionado os seus elementos ligeiros além do rio, teria na tarde de 6, ao chegar á transversal FUNDINHO — TUJU-

CUE, recebido a parte de fim de jornada do Cmt. do R. C. D. e tido, em consequencia, o tempo sufficiente para montar, com perfeito conhecimento de causa, a operação do dia seguinte; o E. M. (3ª secção) poderia, em prazo razoavel, redigir todas as ordens para a jornada de 7, as quaes chegariam, em boa hora, ás mãos dos executantes.

Director — Dest'arte, a missão do R. C. D. poderia ser concebida...

Cap. Z. — Da forma seguinte:

1º — Reconhecer os eixos:

a) — MOGY MIRIM — MOGY GUASSU' — ITAQUY;

b) — Est. ESTIVA — Est. ORISSANGA — Est. MORRO SECCO.

2º — Occupar as pontes do MOGY na região de MOGY GUASSU' e vigiar a passagem do Rio do PEIXE na estrada de Faz. ITAPIRA.

3º — Diante de forças superiores, manobrar em retirada, cobrindo o eixo da grande estrada MOGY — GUASSU' — CAMPINAS.

4º — Reconhecer, no rio MOGY GUASSU' os pontos propicios ao lançamento de meios de passagem e os vãos, no trecho comprehendido entre a confluencia do Rio do PEIXE e a do Rio MOGY MIRIM.

5º — A descoberta não deverá ultrapassar a transversal — ITAQUY — JOÃO FRANCO DE GODOY.

Director — Queira justificar a missão dada ao R. C. D.

Cap. Z. — Vivamos a situação da tarde de 5, quando chegaram ao Gen. as informações constantes do thema.

Do que se trata para a D. I. nos dias 6 e 7?

No dia, 6, tratar-se, conforme o proprio thema o indica, de fazer mais uma etapa até a transversal fixada (FUNDINHO — Est. TUJUCUE); a 7, de accordo com a exposição do ten. M., a Divisão deverá alcançar com o seu grosso a linha do MOGY e lançar as V. G. até a margem N. do rio, de modo a estar em condições de transpor-o, a 8, com o grosso.

Que podem fazer as tropas vermelhas do N. ?

Seriemos as questões e examinemos apenas as hypotheses mais favoraveis para o inimigo.

Jornada de 6

O inimigo poderá:

a) — com elementos de cavallaria — attingir o MOGY e mesmo ultrapassal-o com alguns elementos ligeiros;

b) — attingir o Rib. TAQUARANTAN, com tropas de trodas de todas as armas (admittindo-se a etapa normal de 25 Kms.).

Jornada de 7.

A cavallaria vermelha poderá ultrapassar o rio; os elementos de todas as armas poderão attingil-o.

Diante dessas hypotheses — que foram reduzidas a um minimo — quaes são as necessidades do Gen. para cumprir a missão a despeito do inimigo?

1ª necessidade — Verificação dessas hypotheses.

2ª necessidade — Occupar as passagens do MOGY GUASSU', afim de facilitar a transposição do mesmo pela V. G.

de MEIOS de INFOR- MAÇÃO	Cavallaria	a) — tomada e conservação do contacto; b) — determinação do contacto apparente. Investigação das retaguardas inimigas.
FORÇA MOVEL DE FOGO	Aviação	Cavallaria.

Dahi, a missão dada ao R. C. D. constante da ordem que foi entregue ao Cel.

Quando deve o Gen. receber as informações?

Evidentemente, no fim da jornada de 6, já deve saber o que se passa na região do MOGY GUASSU' e mesmo além.

Só assim será proporcionado á nossa D. I. o tempo necessário:

- a) — á organização da operação de 7;
- b) — á elaboração das ordens pelo E. M. (ordem geral de operações, ordem geral de operações, ordem para o emprego da aviação...);
- c) — á transmissão dessas ordens aos interessados.

Director — o raciocinio do Cap. Z., é perfeitamente logico; a sua solução é boa e nós a adoptaremos integralmente, afim de servir de base ao nosso exercicio na carta de 4ª feira proxima.

"Só intervir para:

- a — accionar o inimigo, se houver logar;
- b) — crear incidentes (sempre tendo em vista resaltar os ensinamentos ou assinalar os erros commettidos)".

Director: — Informações recebidas no fim da jornada de 6.

Cavallaria — "O R. C. D. occupa as pontes do MOGY na região de MOGY GUASSU'; a sua descoberta foi lançada até á região de ITAQUY; as suas informações foram todas negativas".

Aviação — "Bivagues importantes de tropas de todas as armas na região de AGUA COMPRIDA — Ets. da LAGOA".

O Director concede 5' para o estudo e interpretação dessas informações. São 11 h. 5'.

As 11 h. 10', recomeça a sessão.

O Cel. pergunta ao ten. B. que conclusão tira dessas informações?

"Se nos reportarmos, responde o official, ás hypothèses feitas pelo Cap. Z. sobre a actuação do inimigo no dia 7, constataremos, de prompto, que devem todas ser eliminadas.

Ficam, portanto, de pé as hypatheses relativas ao dia 6, sendo que as possibilidades de elementos de cavallaria ultrapassaram o MOGY se acham consideravelmente diminuidas, dado o facto de termos o grosso do R. C. D. nessa linha.

Em tal caso, parece que a marcha da Divisão poderá effectuar-se sem incidentes até o MOGY; além do rio, entretanto, deve-se encarar a possibilidade dum encontro com elementos de cavallaria.

Director — Vê-se que o ten. B. aproveitou bem os 5' de meditação e expoz com clareza e

precisão a maneira pela qual encarou a questão.

Cap. P. ?

Dadas essas possibilidades, como encara o Gen. a continuação da missão?

Cap. P. — E' indispensavel que, a despeito do inimigo, a V. G. e o grosso atinjam as linhas fixadas no "plano de manobra" do Gen.

Desse plano deduz-se que a operação do dia 7 comporta duas fases:

- a) — a marcha até o rio;
 - b) — a transposição do rio pela V. G. e a organização duma cabeça de ponte na margem N.
- O Ten. B. já fixou muito bem as possibilidades do inimigo nessas duas fases.

Nada se oppondo ao movimento da D. I. trata-se, na jornada de 6, de continuar a marcha no mesmo dispositivo — dando á tropa o maximo conforto material — economisando-lhe as energias, poupando-lhes as forças para a jornada seguinte que talvez seja mais ardua.

Isto é;

- a) — utilização da melhor estrada;
- b) — medidas de segurança reduzidas a um minimo.

Entretanto, o Gen. de Divisão precisa fazer obra de previsão e, em consequencia, não deve esquecer as medidas necessarias para poder, a despeito do inimigo, continuar o movimento na jornada de 8.

Para isso, é conveniente que, a 7, transponham já o MOGY as unidades que deverão constituir, no dia 8, as V. G. da D. I.

Director — Como encara o proseguimento da marcha?

Cap. — Attendendo á situação tactica (inimigo mais proximo) e ao terreno (rede de estradas), a Divisão marchará, naturalmente, em 2 columnas, seguindo os eixos MOGY GUASSU' — ITAQUY — ITUPEVA — e Est. ESTIVA — Est. ORISSANGA — Est. MATTO SECCO — CASCABEL — Est. Eng. MENDES.

Director — Portanto, essas unidades, como disse, deverão transpôr o rio ainda na tarde de 7.

O Director acha que o exercicio acaba de attingir seu ponto culminante, e, para tornar ainda mais categorica a sua demonstração, resolve intervir na exposição muito sensata do Cap. P., imaginando uma nova situação.

Para isso, só há um meio: accionar o inimigo, crear incidentes.

Admittamos, diz elle, que as informações de fim de jornada de 6, ao envez de serem extremamente optimistas, como as que acabamos de imaginar, revistam, pelo contrario, um aspecto mais grave.

Cavallaria — "O R. C. D. conseguiu attingir com o seu grosso as orlas N. da localidade de MOGY GUASSU', lançando elementos de vigilancia, até as primeiras vertentes do planalto e até a passagem do Rib. da ONÇA; a descoberta entretanto, não conseguiu ultrapassar a linha Faz. ITAQUY — Est. ORINDIUA, detida por nutridos fogos de fuzil. Um reconhecimento conseguiu surpreender uma patrulha na região de Est. ESTIVA e aprisionar-lhe o chefe, sargento do 5º R. C. D., o qual declarou que o seu regimento precedia uma Bda. de I., reforçada por 2

ou 3 grupos, que marchara na noite de 6/7 e que devia atingir o MOGY ao amanhecer de 7.

As 15 horas, os elementos de vigilância foram recalçados por um forte destacamento de cavallaria, que conseguiu progredir francamente para o S., mas que não ultrapassou a região de CAPELLA, onde foi detido por fogos de arma automatica do grosso do R. C. D.; ás 15 h, 40', o inimigo deu um golpe de força na região de CAPELLA, o qual fracassou totalmente.

As 16 h, 15', o Cmt. do R. C. D. foi informado de que elementos a pé se infiltravam pela grande ravina 2 Kms. L. de Faz. da CACHOEIRINHA. Temendo ficar com a sua retirada cortada, o Cel. resolveu retrahir-se rapidamente para a margem S. do rio, occupando as garupas que decem para o MOGY e enfiando os pontos de passagem.

Até ás 18 horas, o inimigo não havia renovado as suas tentativas de forçar a resistencia da cavallaria azul".

Aviação — "As 10 horas, bivaques de infantaria e artilharia ao longo da estrada ITUPEVA — J. MARTINS; tropas de cavallaria na região de JOÃO TANGERINA".

As 14 horas, uma pequena columna de cavallaria transpunha o Corr. ITAQUEY; as tropas de infantaria e artilharia ainda continuam nos seus bivaques".

O Cel. concede 10' para todos se inteirarem da situação e reflectirem.

São 11 h, 20.

As 11 h, 30', o Director toma a palavra e pergunta ao ten. H., que idéa faz da situação.

Ten. H. — Estamos diante duma situação differente da que foi p.imitivamente imaginada.

No caso actual, verificam-se as hypotheses feitas pelo Cap. Z., isto é, devemos encarar a possibilidade do inimigo, no dia 7, forçar a passagem do rio, seja para estabelecer uma cabeça de ponte na margem opposta, seja para marchar francamente para o S.

Director — Perfeitamente!... assim sendo, como o Cap. K. encara a continuação do movimento? Obedecer-se-á ao mesmo mecanismo já estudado na 1ª hypothese?

Cap. K. Evidentemente, não.

Havendo a possibilidade dum encontro ao S. do MOGY GUASSU', é necessario que a Divisão adopte um dispositivo tal que lhe faculta, desde o inicio da acção, o livre jogo dos seus meios, isto é, um dispositivo de combate...

Director — São generalidades... Como se poderia conceber, neste caso particular, o movimento da D. I.?

Cap. K. — Por lanchos successivos, de linha do terreno em linha do terreno...

Director — São palavras... Estamos em um caso concreto!...

Cap. P.?

Cap. P. — Já vimos que a operação da D. I. comporta duas partes:

1ª — marcha até o MOGY;

2ª — transposição do rio e organização duma cabeça de ponte. Como poderão ser executadas essas duas partes?

1ª parte — Havendo a possibilidade das nossas V. G. se chocarem com forças vermelhas ao S. do MOGY, precisamos vêr onde se poderá dar esse encontr

Possivelmente, na linha intermediairia balisada pelas alturas ao N. do Rib. S. ANTONIO — mamelão N. do MIRANTE — mamelão de JACUBA.

Trata-se, então, para as V. G.:

a) — de realizar uma approximação até essa linha;

b) — de encerrar, dahi por diante, a possibilidade dum combate.

Esse combate, por sua vez, poderá comportar duas variantes:

a) — ou as V. G. repellerão com os seus proprios meios as resistencias encontradas;

b) — ou necessidade tarão do apoio do grosso.

No 1º caso, attitude francamente offensiva das V. G., com a unica idéa do movimento para a frente; no 2º, defensiva momentanea, afim de

b) — ou necessitarão do apoio do grosso.

2ª parte — Ao abordar o rio, as V. G. poderão encontrar um problema similar ao da 1ª parte da operação:

a) — ou forçarão as passagens do rio, valendo-se dos seus proprios meios;

b) — ou serão obrigados a appellar para o grosso.

Conclusão — Desta discussão, surgem duas necessidades:

a) — V. G. fortemente constituidas (missão offensiva, emprego da força na transposição do rio);

b) — grosso em condições de apoiar as V. G., principalmente com a sua artilharia de todos os calibres.

Director — Desta sorte, quando as nossas V. G. atingirem a linha balisada pelas alturas ao N. do Rib. S. ANTONIO — mamelão N. do MIRANTE — mamelão de JACUBA — M.º do GRAVY, o grosso deverá alcançar a transversal Faz. das PITEIRAS — planalto 700 S. de Faz. PINHEIROS — mamelão 700 NE. de MATTO DENTRO, da mesma forma, quando as V. G. galgarem as alturas immediatamente ao S. do MOGY GUASSU', o grosso deverá atingir as alturas N. do Corr. SOBRADINHO e do Rib. S. ANTONIO e ao S. do Corr. do TOLEDO.

São 11 h, 40.

O Cel. resolve conceder 5' de repouso, mas, antes, chama a atenção dos officiaes como o modo de operar da Divisão, no caso da 2ª hypothese admittida, foi profundamente differente da forma empregada na 1ª hypothese. Salienta, ainda, o facto da organização duma operação dessa ordem exigir um tempo apreciavel, o que prova que, no caso em estudo, era absolutamente necessario que o nosso R. C. D. fosse lançado para a frente, desde a vespera, afim de que o Gen. e o seu E. M. podessem dispôr, pelo menos, do resto da jornada de 6 e da noite de 6/7, para a concepção e a organização da operação, a redacção e a transmissão das ordens, etc.

Um R. C. D., em missão de segurança afastada, não deve andar agarrando ás V. G., salvo se o Cmt. da D. I. não quizer evitar, segundo a expressão mesma do regulamento, "que um combate se empenhe contra o desejo ou ESPECTATIVA do commando." (R. S. C. 266).

Emfim, o Cel. observa que o estudo da cavallaria divisionaria na segurança afastada só pôde

ser convenientemente desenvolvido no quadro mesmo da Divisão.

Por isso, foi obrigado, embora tratando de questões de cavallaria, de invadir o domínio da tactica geral, o que succederá frequentes vezes, pois a nossa arma não vive para si; ao contrario, trabalha, quasi sempre, em proveito das outras.

Dahi, a necessidade dos officiaes de cavallaria cultivarem, com carinho, a tactica geral.

A's 11 h.50, recomeça a sessão.

O Cel. só dispõe de alguns minutos para fazer a sua critica que, no entanto, será muito rapida, pois os proprios factos já se encarregaram de bem salientar os ensinamentos e assignalar os erros commettidos.

Por uma questão de methodo, os diversos assumptos, que constituem o objecto da sua critica, serão seriados.

SEGURANÇA DO CHEFE — O Gen. commandante da 1.^a D. I. azul havia assentado o seu "plano de manobra".

Duas hypotheses, entretanto, se fizeram no concernente á actuação das forças vermelhas no decurso da jornada de 7.

Tratava-se, pois, para o Gen. de assegurar a consecução do seu plano a despeito de qualquer manifestação da vontade adversa, de assegurar a **livre disposição das suas forças**, de assegurar a possibilidade de empregal-as de accordo com a sua **idéa de manobra...** de utilisal-as sempre apesar do inimigo.

Ora, a 1.^a hypothese figurada (informações negativas do R. C. D.) impunham ao Commando, como vimos, disposições diferentes das exigidas pela 1.^a, 2.^a hypotheses (informações positivas).

Por tanto, para o Gen. de Divisão ficar **senhor da sua vontade**, tinha duas necessidades fundamentais:

1.^o — Vêr qual das duas hypotheses se verificava, afim de tomar a disposições impostas pela situação correspondente á hypothese verificada (1.^a ou 2.^a)

2.^o — Fazel-o em tempo util, afim de que todas essas disposições podessem ser tomadas, isto é, que os meios podessem ser reunidos e empregados em vista da operação projectada.

Foi por esquecimento dessas duas imperiosas necessidades que o ten. M. se viu na difficil contingencia de ser obrigado a montar uma operação **no vazio**. Tendo bem estabelecido o seu **plano**, não soube, entretanto, organizar a procura das informações necessarias á sua realisação, o que poderia conduzi-lo a uma situação critica.

Não se tratava somente de agir; era necessario.

AGIR EM SEGURANÇA. AGIR COM CONHECIMENTO DE CAUSA.

ASSEGURAR A LIBERDADE DE ACÇÃO, isto é, a possibilidade de manifestar a sua **vontade** no momento e no lugar desejados a despeito de qualquer intervenção do inimigo.

Para isso, o Cmt. da D. I. devia:

1.^o — Esclarecer a situação.

2.^o — Tomar as disposições necessarias para apezar do inimigo:

a) — marchar até o MOGY GUASSU';
b) — organizar, na margem N., uma cabeça de ponte;

c) — transpôr o rio com o seu grosso na manhã seguinte.

Em uma palavra, colher as informações e dispôr as suas forças, de modo a poder assegurar, a despeito do inimigo, o desenvolvimento da manobra concebida.

E', nisso, senhores, que consiste a **SEGURANÇA DO CHEFE**, que tem por base, antes de tudo, a **INFORMAÇÃO** — proporcionada pela cavallaria, de mãos dadas com a sua irmã mais nova — a **Aviação**.

Vê-se, assim, o papel importantissimo que desempenha, no quadro da D. I., esse precioso órgão de informação, que é o R. C. D.

CARACTERISTICOS DE EMPREGO DA CAVALLARIA — Já vimos a necessidade de, desde a manhã de 6, o Gen. ter, na região mesma do MOGY, meios de fogo capazes de lhe interdicarem as passagens e, em seguida, retardarem a progressão do inimigo segundo o eixo MOGY GUASSU' — MOGY MIRIM — Faz. das PITEIRAS.

Em outras palavras:

a) — necessidade de transportar fogos para a linha do MOGY GUASSU';

b) — necessidade de transportal-os rapidamente;

c) — necessidade de transportal-os, se as circunstancias o exigissem, brutalmente e de surpresa.

Estava, pois, a 1.^a D. I., na tarde 5, em face do problema da

MOBILIDADE — POTENCIA DE FOGO SURPRESA — ACÇÃO PROMPTA E OPPORTUNA.

Em uma palavra, estava diante do problema da cavallaria, modernamente concebida como uma **FORÇA MOVEL DE FOGO**.

O ten. B. pareceu esquecer-se dessa qualidade fundamental da nossa arma, quando, exegindo-lhe uma acção de fogos, não soube combinal-a com a **MOBILIDADE**.

O nosso exercicio mostrou bem o reendimento que é capaz de produzir uma cavallaria divisonaria, quando empregada de accordo com as suas caracteristicas.

Se não fossem as armas automaticas do nosso R. C. D. — levadas decisiva e rapidamente até ás margens do MOGY — a 1. D. I. não teria, como vimos, determinado os elementos basicos indispensaveis á organização, em tempo util, da delicada e difficil operação da transposição dum curso d'agua.

Andou, pois, bem avisado o Cap. P., ordenando que o grosso do R. C. D. occupasse, desde 6, as pontes do MOGY, em condições de:

a) — deter os elementos ligeiros;
b) — retardar os elementos mais importantes.

Essa **acção retardadora** é uma das fórmulas caracteristicas de emprego da nossa arma e repousa tambem em uma justa combinação da mobilidade com a **potencia de fogo**.

* * *

São 12 h. 5'.

O Cel. previne os officiaes de que a ordem do Cap. Z. ser-lhes-á distribuida no dia 7 e que

SUGGESTÕES

A reserva da Aviação

Foi divulgado que um alumno do C. P. O. R. requereu ao Sr. Ministro da Guerra matricula na E. Av. M.

Deve-se cogitar da reserva na arma de aviação. Num paiz da extensão do Brasil, a aviação civil encontra campo amplo para seu desenvolvimento, por ser de necessidade imperiosa nos meios de comunicação.

O seu emprego em tempo de guerra terá que obedecer á multiplicidade das missões, acções rapidas e em massas extraordinariamente moveis. Donde necessitar-mos de grandes reservas organizadas desde a paz. O principal caracteristico da reserva dessa arma, porém, é o treinamento.

Pilotos e observadores não se improvisam, mas também nada poderão fazer se não estiverem em forma, perfeitamente treinados.

Ora, si para os reservistas de infantaria se exige a pratica continuada do tiro, despertando a inobservancia desta prescripção por occasião da revolução de Outubro ultimo, formidavel grita, o que não se dirá amanhã dos aviadores destreinados que desconheçam inclusive as modificações a que estão sujeitos os propriosapparelhos de bordo do avião?

A simples licença para obtenção do brevet em nossa E. Av. M. não resolverá, portanto, o magno problema. Si após tal diploma abandonar o titulado os campos de aviação, perderá com tal afastamento suas qualidades de aviador. Fi-

cará inapto ao desempenho de qualquer missão aviatoria, arriscando não só as perdas das vidas como do proprio avião que conduzir.

A permanencia de officiaes reservistas na E. Av. M. ou esquadrilhas que se venham a instalar no paiz trará um **gasto** excessivo ao nosso precario material aviatorio militar.

O da nossa Escola já é insufficiente para o treinamento do pessoal da activa, tornando assaz trabalhoso o simples mistér da organização dos horarios escolares.

Accrescente-se a isto as incompatibilidades horarias dos affazeres civis dos reservistas e teremos attingido a um verdadeiro cahos.

A solução que se impõe e deve ser encaminhada pelo Ministerio da Guerra ao da Aviação é o da **obrigatoriedade** do alistamento na reserva das Aviações do Exercito e Armada dos dois terços dos aviadores civis que por lei devem ser brasileiros e que prestam serviços ás empresas que gozam de concessões do governo brasileiro.

Dentre taes aviadores civis deverão sair os nossos officiaes e sgts. aviadores da reserva, sujeitos a provas periodicas onde demonstrem a continuidade de seu treinamento e unicamente pelos quaes possam ter acesso ou simples permanencia nos quadros da reserva.

Como excepção a tal regra só se pode admittir áquelles que pessoalmente sejam proprietarios de aviões e nelles trenem.

servirá de base para o exercicio de 4ª feira (dia 9).

Essa ordem dará motivo a um pequeno trabalho em domicilio, que deverá ser entregue, ás 16 horas do dia 8, ao Cap. Ajudante.

O trabalho consistirá na redacção da ordem do Cmt. do R. C. D., em consequencia da ordem do Cmt. da D. I. estudada e discutida durante a sessão.

O Cel. ainda chama attenção dos Caps. para o estudo da marcha do Esq. avianario durante o movimento de 7, que poderá constituir objecto dum exercicio de quadros no ambito do Esq.

Os Caps. registram nas suas cadernetas essa observação interessante do Director do Exercicio.

São 10 h. 10'... O Cel. pede desculpas de haver ultrapassado a hora fixada e dá por encerrada a sessão.

CONCLUSÃO

De todo esse conjuncto, vê-se que o adestramento dos nossos quadros deve ter por base o **methodo fecundo do caso concreto**.

E' só assim que conseguiremos estudar conscientemente os nossos regulamentos.

Estudar os regulamentos — conhecê-los bem — não consiste em decorar as suas prescripções, recitar-lhes o texto.

As dissertações, as exposições theoricas são vãs, inuteis, estereis; o conhecimento theorico dos

principios e processos é absolutamente improductivo, se não soubermos applicar esses diferentes principios e processos aos casos particulares que nos forem propostos.

Ora, na guerra, todos os casos são particulares!...

Raramente se encontram duas situações identicas; cada problema é um problema novo.

Todas as situações são originaes, comportando uma originalidade de soluções.

E' preciso, pois, que o espirito se submeta a uma gymnastica especial que lhe proporcione a possibilidade de adaptar instinctivamente os meios ás circumstancias que envolvem cada caso particular.

Esse bellissimo resultado só se obtém quando os reflexos se acham convenientemente educados.

Crear e desenvolver esses reflexos — tal deve ser o supremo objectivo duma verdadeira instrucção de quadros.

Ora, só se aprende agir agindo. "C'est en forgeant qu'on devient forgeron".

Só pelo habito de resolvermos frequentemente os mais variados casos concretos conseguiremos assimilar a Doutrina preconizada pelos nossos regulamentos.

Sigamos, pois, o methodo fecundo do caso concreto!...

A necessidade de Stands

A' guisa de exórdio, empreguemos as palavras do Cmt. D'André, no seu livro "LE TIR POUR VAINCRE":

— "Graças ao tiro, o fuzil é mais terrível entre as mãos de um bom atirador que confiado a dez canhestros, esbanjadores de munição.

— O regulador do combate moderno é o tiro de matar.

— No fogo, só as balas que attingem o objectivo as que protegem. Atiremos sempre a bala ajustada.

— Infante, ajusta bem o teu tiro. Abate teu homem a cada tiro.

— A ineptia no tiro origina no combate o sentimento de sua incapacidade, de sua fraqueza: donde a pusilanimidade e, ás vezes, a covardia.

— O bom atirador cumpre, sozinho, seu dever. Seu tiro ajustado limpa o terreno, rapidamente, dos inimigos que o entulhavam.

— A habilidade no tiro desenvolve o espirito guerreiro no paiz.

— Uma nação dotada de espirito guerreiro é senhora de seus destinos.

— O tiro não é tudo, evidentemente! mas, sem o tiro nada existe; apenas a "carne para canhão" e não cidadãos aptos a garantirem os interesses duma raça que quer progredir.

— Atirar bem é desembaraçar-se de seus adversarios, é proceder á limpeza deante dos fuzis, é varrer o terreno, é ter campo livre afim de poder avançar á sua vontade, é conservar o inimigo á sua discreção, é vencer!

— Um soldado só estará instruido quando souber utilizar-se de sua arma".

Estas palavras devem ser repetidas constantemente; que se lhes desconheça o valor e importancia incalculaveis; mas, as pertinazes difficencias, que se nos deparam na execução do que é util, nos incitam a dellas fazermos um fanal.

A bala do infante requiere o visar-se exactamente o adversario que se pretende attingir: é a **bala intelligente**.

O atirador inepto lançará seus projectis ao acaso, os quaes, consequentemente se disseminarão no terreno.

Rebuscando os ensinamentos da historia, conhecemos o que resultava dos ataques inglezes no Transvaal, deante dos tiros ajustados dos Boers.

Não nos é necessario citar outros factos; o imprescindivel é lançarmo-nos á faina de crearmos **atiradores de escól em grande quantidade**.

A manobra da infantaria é a combinação de fogo e movimento e, entre outros objectivos, deve visar o da realização de um **fogo superior**, capaz de neutralização, afim de dar ensanchas ao movimento.

O movimento propõe-se a levar o fogo cada vez mais perto do adversario de forma que o torne mais efficaç, em consequencia da continua redução da distancia de tiro e de observação.

O deslocamento do fogo tem sua genese no se querer melhora-lo.

E os regulamentos declaram:

"O ataque é o fogo que avança".

"O fogo destroe a tropa inimiga ou a coage

a enterrar-se. O movimento leva cada vez mais perto do inimigo um fogo poderoso que quebra sua resistencia".

Só ha possibilidade no progredimento da infantaria, durante o ataque, sob a protecção de um fogo continuo, estreitamente ligado a esse avanço e proporcional ás suas necessidades.

Não ha necessidade de respigarmos mais documentos para estudarmos o caracter, extraordinariamente importante, assumido pelo fogo, na luta moderna.

Reverentes todos nos curvamos, pois lhe reconhecemos o valor, deante do fogo.

Mas, é mistér aclararmos, não no fogo produzido por atiradores canhestros, mas do que bate o pretendido terreno, que organiza uma "zona de morte".

Eis os diversos pontos que, exuberantemente demonstra o Cmt. D'André, nos forcem a proclamar a imprescindibilidade de crearmos atiradores de escól.

Verdade á La Palisse; só se tornará atirador quem atirar...

Mas, para prepararmos esses atiradores necessitamos de STANDS, quer para os tiros de instrucção, quer para os de combate.

E ao examinarmos os recursos, de que os corpos aquartelados nesta Capital dispõem, vemos que são **simplesmente irrisorios**.

Não é mystério nenhum, é do conhecimento geral, os percalços que se deparam ás unidades, aquarteladas na Villa Militar, e á Escola Militar.

O **unico** Stand, na Villa, é obvio, não satisfaz em absoluto ás necessidades de todos aquelles estabelecimentos; e, sem que nos acoimem de exaggerados, para nos capacitarmos de que a instrucção de tiro não seja uma ficção, somos induzidos a acreditar na interferencia de thaumaturgos.

E isto, diga-se a verdade, não por falta de vontade em se querer preparar atiradores de escól; a instrucção de tiro é agradável e os homens por ella se interessam; mas por falta de meios adequados para propinal-a.

Occorrendo tal anomalia para os casos vis-tos, não ha como nos expressarmos em relação ao espectáculo fornecido pelos que se encontram na cidade.

Havia, na Quinta de Boa Vista, um stand; mas, ha cerca de três annos, vedou-se nelle atirar; cercearam o executar as simples posições do "tiro de instrucção". E que dizer do importante "tiro de combate?"

Não mais queremos insistir sobre o valor do tiro, não só na infantaria como na cavallaria.

E esta importancia cresce dia a dia....

A qualidade do tiro denuncia o valor da tropa, seu estado nervoso, sua capacidade guerreira. **EX UNGUE LEONEM.**

E' inadivavel solucionar-se o problema da construcção de stands.

Só assim teremos unidades instruidas...; a instrucção é a razão de ser do Exercito em tempo de paz e o **preparo para a guerra** constitue o **unico objectivo da instrucção da tropa; necessidade de STANDS...**

D A G U E R R A

Pelo Gen. CARL VON CLAUSEWITZ

(Publicação posthuma em 1832)

(Estracto que offerece aos leitores d' "A Defesa Nacional" um camaradã que leu o livro de lapis em punho)

"As grandes difficuldades que apresenta uma exposição philosophica da arte da guerra e as varias tentativas mui mal succedidas, realizadas nesse sentido, levaram muita gente a concluir que semelhante theoria é impossivel, pois que versaria objectos que nenhuma lei permanente pôde abranger.

Nós acceptariamos essa opinião e desistiríamos de qualquer ensaio para formular uma theoria si não fosse certo que ha um grande numero de principios que sem difficuldade impõem a sua evidencia, taes como: **a defensiva é a forma mais forte da guerra, com objectivo negativo e a offensiva é a mais fraca, com objectivo positivo; os grandes resultados arrastam os pequenos, razão por que as acções estrategicas podem ser reduzidas a centros de gravidade; uma demonstração é um emprego mais fraco das forças do que um verdadeiro ataque, e portanto é preciso que ella seja especialmente justificada; a victoria consiste não apenas na conquista do campo de batalha, mas na destruição das forças physicas e moraes do inimigo, a qual geralmente só se realisa pela perseguição após a batalha vencida; o exito é sempre maior onde se alcançou a victoria e, por isso, a mudança incontinente para outra linha ou direcção só se admite como um mal necessario; o direito de applicar o envolvimento só nasce da superioridade do effectivo ou da superioridade da linha de communicações e de retirada; igual consideração se applica ás posições de flanco; todo ataque enfraquece á proporção que progride...**"

"A guerra não é senão um duello em grande escala..."

Cada um dos adversarios procura pela força physica obrigar o outro a submeter-se á sua vontade; seu objectivo immediato é supplantar o antagonista e assim tornal-o incapaz para toda resistencia ulterior. **A guerra é portanto um acto de violencia, para forçar o inimigo a respeitar nossa vontade.** Para se oppôr á violencia, a violencia se apparella com os inventos das artes e das sciencias..."

"Como o uso da violencia physica em toda a sua extensão não exclue de nenhum modo a cooperação da intelligencia, aquelle que se serve dessa violencia, sem contemplação, sem poupar o sangue, tem que adquirir preponderancia si o adversario não se conduzir de igual modo..."

"A guerra é portanto um acto de violencia — repetimos — e não ha limites para o seu emprego; cada um procurando dictar a lei ao outro, resulta uma reacção mutua que, theoricamente, deve conduzir ao extremo."

"Si queremos que o inimigo se dobre á nossa vontade, temos que pô-lo numa situação mais desvantajosa do que o sacrificio que delle exigimos..."

A peor situação em que possa encontrar-se um belligerante é a da plena impotencia para

reagir. Se, portanto, queremos pela guerra submeter o adversario á nossa vontade, ou temos que tornal-o de facto impotente para reagir, ou mettê-lo em uma situação em que pareça disso ameaçado. Dahi resulta que o desarmamento ou derrota do inimigo, como se quizer chamar, deve ser sempre o objectivo, o fim da guerra..."

"Emquanto eu não tiver supplantado o inimigo, devo temer que elle me supplante, isto é, não sou senhor de mim mesmo; elle me dicta a lei, como lh'a dicto eu."

"A querermos supplantar o inimigo, temos que graduar o nosso esforço em proporção com a sua capacidade de resistencia e esta se traduz por um producto em que entram dois factores: a grandeza dos meios disponiveis e a da força da vontade..."

"A GUERRA DE UMA COLLECTIVIDADE — povos inteiros e especialmente povos cultos — SEMPRE NASCE DE UMA SITUAÇÃO POLITICA e SO' E' DETERMINADA POR UM MOTIVO POLITICO.

"... a guerra não é só um acto politico, mas um verdadeiro instrumento politico, uma continuação das relações politicas, um proseguimento das mesmas por outros meios..."

"A guerra não só é um verdadeiro camaleão, porque em cada caso concreto modifica em alguma cousa a sua natureza, mas tambem a respeito das tendencias que nella reinam é uma singular trologia, constituída da violencia primara de seu elemento — o odio e a inimizade, que devem ser consideradas como cego impeto natural — do jogo das probabilidades e do acaso — que fazem de guerra uma livre actividade psychologica — e da sua natureza subordinada de instrumento politico, pela qual entra no dominio da pura intelligencia. A primeira destas tres faces volta-se mais para o povo, a segunda para o general e seu exercito, a terceira para o governo..."

Estas tres tendencias, que apparecem como outras tantas leis, assentam profundamente na natureza do objecto e são ao mesmo tempo de grandeza variavel. Uma theoria que deixasse de considerar uma dellas, ou que pretendesse estabelecer uma ligação arbitraria entre ellas, incidiria instantaneamente em tal contradicção a realidade, que só por isso ficaria destruída..."

"Antes de examinar mais por miudo o que se chama pôr um estado **fôra de combate**, distingamos logo tres coisas que nessa materia, como objectos geraes, abrangem tudo o mais: **as forças armadas, o territorio e a vontade do inimigo.**

E' necessario anniquilar as forças armadas, isto é, pô-las em tal estado que não possam mais continuar a combater. Esta é a accepção que sempre daremos ao "anniquilamento da força combatente inimiga".

E' necessario conquistar o territorio, pois noderia surgir deste nova força combatente. E, ainda, alcançados estes dois objectos, não se pôde

considerar acabada a guerra, isto é, a tenção hostil e o effeito de forças inimigas, emquanto não estiver também **suplantada a vontade do inimigo**, isto é, não estiver o seu governo (ou algum aliado) disposto a assignar a paz, não estiver o seu povo disposto a se submeter".

... "Duas coisas ha que na realidade podem ser motivo para a paz, em vez da impotencia para prolongamento da reacção: **a improbabilidade da victoria e o seu preço excessivo**.

... "Intencionalmente desprezamos a differença que resulta para a acção, por força da natureza positiva ou negativa do objectivo politico da guerra; pois, si bem que este seja da mais alta importancia, temos que nos conservar num ponto de vista mais geral, visto como as primitivas intenções politicas muito podem mudar no decurso da guerra e acabar inteiramente outras, justamente porque nellas também influem as victorias e os resultados provaveis".

... "O preço da victoria ou dispendio de forças pelo inimigo reside no desgaste de suas forças combatentes, isto é, na sua destruição por nós causada, e na perda de territorio, isto é, na sua conquista por nós realizada".

... "Além destes dois caminhos ha outros tres, immediatamente traçados para augmentar o dispendio de forças pelo inimigo. O primeiro é o da **invasão**, isto é, tomada de territorio inimigo, não com a idéa de conservá-lo, mas para levantar, nelle contribuições de guerra ou devastá-lo. Aqui o objecto immediato não é a conquista do territorio, nem a derrota de forças combatentes mas apenas, de modo geral, causar damno ao inimigo. O segundo caminho é levar os nossos empreendimentos de preferencia contra **objectos que augmentem o prejuizo do inimigo**... O terceiro, muito mais importante pelo numero de variantes que comprehende, é **fatigar o adversario**... Esta noção de fatigar o inimigo na luta significa o esgotamento das forças physicas e da vontade, produzido pouco a pouco com o prolongamento da guerra".

... "E' actividade guerreira tudo quanto interessa ás forças combatentes, portanto, tudo quanto importa á sua criação, conservação e emprego. **Criação e conservação, evidentemente são apenas meios, o fim é o emprego**. ... Assim, toda a actividade guerreira se reporta necessariamente ao combate, ou immediata ou mediatamente. O soldado é recrutado, é fardado, é armado, é instruido, elle dorme, come, bebe e marcha, tudo só para combater, no devido lugar e na devida hora"... **"No combate toda a actividade visa o aniquilamento do adversario, ou, antes, da sua capacidade de lutar, pois isto é da sua natureza; esse aniquilamento é, portanto, sempre o meio para alcançar o fim que o combate visa. Esse fim, por sua vez, póde ser o simples aniquilamento das forças combatentes do inimigo, mas isso não é absolutamente necessario, póde ser inteiramente outro"**... "O aniquilamento do inimigo é sempre o meio mais desejavel, mais efficaç, ao qual todos os outros têm que ceder a precedencia. Mas naturalmente só lhe podemos attribuir maior efficaç, si houver igualdade de todas as demais circumstancias.

Seria, portanto, um grande equivoco si se quizesse tirar a conclusão de que a offensiva

cega sempre deva prevalecer sobre a cautelosa habilidade. A offensiva cega inhabil conduziria ao aniquilamento nosso em vez do do inimigo, e não póde, assim, ser por nós preconizada. **A maior efficaç é inherente não ao meio, mas ao fim**, e só se póde comparar a efficaç de um fim attingido com a de outro. ... O perigo de semelhante meio está em que no caso de mallogro a maior efficaç que buscavamos reverte em prejuizo nosso, nos acarreta portanto maiores desvantagens".

... "Consideremos do lado negativo o aniquilamento das forças inimigas, isto é, a conservação das nossas".

... "A tendencia para o fim positivo da nascença ao acto do aniquilamento, a tendencia para o fim negativo leva-nos á defensiva"... A consequencia costuma ser a transferencia da acção no tempo, e, tanto quanto lhe esteja ligado o espaço, também a transferencia no espaço, na medida que as circumstancias o permittam. Chegado, porém, o momento em que isso não póde ser continuado sem que preponderem os prejuizos, deve-se considerar exgotada a vantagem da attitude negativa e então resurge inalterada a tendencia para o aniquilamento do inimigo, a qual estava sómente sustada por um contrapeso, mas não eliminada".

"Si ha, portanto, na guerra varios caminhos que levam ao objectivo, a realização de seu fim politico, contudo o combate é o unico meio e por isso toda a guerra fica sob a suprema lei da decisão pelas armas;..." **"... a descarga sangrenta da crise, a tendencia para o aniquilamento das forças combatentes do inimigo é o filho primogenito da guerra**.

Póde um general cauteloso, deante de minusculos objectos politicos, fracos motivos, frouxa tensão das forças, procurar habilmente todos os meios de esgueirar-se para a paz, sem grandes crises nem soluções sangrentas, atravez das fraquezas peculiares ao inimigo, no campo e no gabinete; não temos o direito de censurá-lo, desde que as suas premissas estejam devidamente motivadas e admittam descontar exito; sempre, porém, teremos que exigir d'elle que tenha consciencia de que marcha por desvios, nos quaes o deus da guerra póde surprehendê-lo, e que sempre conserve em vista o inimigo, para que não lhe succeda, si este desembainhar afiada espada, não puder cruzar ferro senão com florete".

... "A guerra é o dominio dos perigos. Por isso, antes de tudo, a primeira qualidade de guerreiro é a coragem. E ella é de dupla natureza: coragem deante do perigo pessoal, coragem ante a responsabilidade, seja em face do julgamento de qualquer poder exterior, seja do juiz interior, a consciencia.

Por sua vez é de natureza dupla a coragem contra o perigo pessoal: póde ser indifferença ao perigo, nascida do organismo ou do habito, em qualquer caso immanente ao individuo, e póde ser determinada por moveis positivos, como ambição de honras, amor da patria, enthusiasmo de qualquer especie.

Neste caso a coragem não é um estado ou qualidade immanente, mas é manifestação do espirito, é sentimento. Comprehende-se que as duas especies de coragem tenham effeitos differentes.

O novo chefe da Missão Militar Franceza

Acha-se entre nós, o novo chefe de M. M. F., General Charles Huntziger, que como seus antecessores foi escolhido dentre os mais notáveis chefes do exercito francez, Gamelin o 1º instructor do nosso exercito é hoje o chefe do Estado Maior da França.

"Huntziger é um nome feito durante a grande guerra, tendo tomado parte nos mais brilhantes feitos confirmando inteiramente o seu valor militar anteriormente posto á prova nas campanhas colonias.

A sua escolha é uma demonstração do quanto em França se tem em alta conta a missão que os seus generaes devem desempenhar no nosso paiz, escolhendo nomes como os de Gamelin, Coffec e Spire, e agora o de Huntziger.

E' um general moço ainda, contando apenas 50 annos de idade. A sua fé de officio é expressiva.

Matriculado na Escola Especial Militar de St. Cyr em 1 de outubro de 1898 saiu 2º tenente de infantaria colonial a 1 de outubro de 1902. Um anno após, iniciava a sua vida guerreira, fazendo as campanhas de Madagascar e Africa Occidental franceza de 1903 a 1908. Matriculou-se após, em 1909, na Escola Superior de Guerra, sendo breveté e promovido a capitão em 1911. Tomou parte a seguir nas campanhas em Indochina em 1912 e 1913.

Durante a guerra, commandou de inicio uma companhia de infantaria e obteve depois dos ataques de dezembro de 1914 honrosa citação na Ordem do Exercito.

Em seguida, foi designado, successivamente, como capitão para um estado maior de divisão e um estado maior de corpo de exercito, onde

obtem em 1915 uma segunda citação na ordem do Exercito.

Foi nomeado cavalheiro da Legião de Honra a 25 de Outubro de 1915.

Promovido a chefe de batalhão em 1915, assumiu o commando de um batalhão e em seguida em 1918 a chefia do 3º bureau do general commandante em chefe dos exercitos alliados do Oriente.

Por ter tomado parte muito activa na offensiva que fez capitular a frente oriental, em Setembro de 1918, foi promovido a tenente-coronel e citado de novo na Ordem do dia do Exercito.

Foi nomeado em 1919 sub-chefe do estado maior geral do commando em chefe dos exercitos alliados no Oriente.

Regressando á França, em 1920, exerceu as funções de sub-chefe do gabinete do ministro da guerra que deixou em 1921 para seguir o curso do Centro de Altos Estudos Militares.

Promovida a coronel em 1922, foi chamado ao Ministerio da Guerra que deixou em 1924 para ir commandar as tropas francezas na China, função em que recebeu as felicitações do ministro.

Regressando á França, em 1928, assumiu as funções de chefe do estado maior do general membro do Conselho Superior de Guerra e inspector geral das tropas colonias.

Foi promovido a general de brigada em 7 de Setembro de 1928.

O general Huntziger é commendador da Legião de Honra desde 23 de Dezembro de 1927. E' ainda possuidor da Cruz de Guerra com 3 palmas e de numerosas condecorações francezas e estrangeiras.

(Do "O Jornal de 21. II. 31).

A da primeira especie é mais segura, pois que se torna uma segunda natureza do homem, jamais o abandona; a segunda especie muitas vezes leva mais longe; a primeira pertence mais o estoicismo, a segunda a ousadia; a primeira deixa a razão mais calma, a segunda ás vezes a exalta, e demasiadas vezes a oblitera. Ambas reunidas constituem a especie mais perfeita da coragem.

A guerra é o dominio dos soffrimentos physicos; para não succumbir sob sua influencia, carece o homem duma certa fortaleza do corpo e da alma, que, innata ou adquirida, torna o homem superior aos soffrimentos.

Com estas qualidades, simplesmente guiado pelo bom senso, já o homem é um poderoso instrumento para a guerra; e são as que encontramos tão vulgares nos povos selvagens e semicultos.

A guerra é o dominio da incerteza. Tres quartas partes das coisas sobre as quaes se baseia a acção na guerra envolvem-se da nevoa de uma incerteza, mais ou menos grande. Portanto, aqui se reclama em primeiro logar um julgamento agudo, penetrante, para descobrir a verdade com o tino desse julgamento.

A guerra é o dominio do acaso. Não ha nenhuma actividade humana em que maior participação tenha esse intruso, pois que não ha outra que tanto esteja em contacto com o acaso, por todos os lados. Elle agrava a incerteza de

todas as circumstancias e altera o curso dos acontecimentos.

Aquella incerteza de todas as informações e supposições, essas permanentes intromissões do acaso, fazem que na guerra as coisas sempre se apresentem de modo differente do que se esperava.

Para que o chefe domine com bom exito essa luta incessante com o inesperado são-lhe imprescindiveis duas qualidades: a capacidade de julgamento, ou intuição, que lhe proporciona as necessarias luzes para ver a verdade no meio dessas trévas; e a coragem de guiar-se por essas luzes, fracas que sejam. A primeira dellas é denominada, figurativamente, golpe de vista, a outra resolução.

Si lançarmos agora um olhar de conjuncto sobre os quatro aspectos da atmosphera em que se desenvolve a guerra, isto é, o perigo, o soffrimento physico, a incerteza e o acaso, comprehendemos facilmente que é necessario possuir uma grande força de espirito e de alma, para pisar com segurança e exito nesse terreno difficil. E' a essa força que os narradores de acontecimentos guerreiros costumam designar, conforme as gradações que ella apresenta de accordo com as circumstancias, como energia, firmeza, estoicismo, força d'alma caracter. Todas essas manifestações de natureza heroica poderiam ser consideradas como força de vontade.

(Continúa)

NOTICÁRIO

Capacete de aço e Bandeira Nacional Dois partidos politicos militarizados na Allemanha

Ao fascismo da Italia correspondem na Allemanha duas organizações politicas militarizadas, abertamente antagonicas, o Capacete de aço (Stahlhelm) e a Bandeira Nacional (Reichsbanner).

Distinguem-se ellas, a organização italiana e as allemãs, de tudo quanto o mundo conheceu antes da guerra, pelo facto de realizarem os respectivos partidos politicos a idéa espontanea de pôrem ao serviço do seu voto, da sua opinião politica a sua força physica, o seu braço armado. Parece que só a grande guerra, com sua profunda repercussão nas transformações internas nacionaes, fez enxergar que partido politico, significa unidade de vistas e de propositos, união civilica, e que realizada a união está creada a força.

Para ser efficiente, a força precisava ser organizada, e para tal impunha-se o modelo das forças organizadas de velha existencia, as forças militares.

Não será de estranhar que em dia não muito distante no futuro o parallelismo entre os velhos exercitos "militares" e esses novos exercitos "civis" resulte em superposição, substituição, profundamente alterados os actuaes principios vigentes de recrutamento, preparação e mobilização.

Póde-se encontrar uma certa semelhança entre a mentalidade dessas associações civis-militares, resalvada a particularidade da côr politica partidaria, e a da instituição que tambem entre nós existiu e alcançou os primeiros annos de independencia, a instituição dos "homens bons", que merecedores daquelle qualificativo, capazes de acudirém pessoalmente e com gente sua nos casos de defesa da ordem e da tranquillidade publica.

Os "Capacetes de aço" e associações conamada da opinião dos partidos politicos, e nesse sentido conjugam a propaganda e a instrucção, e organizam no mais alto grau de preparação o alarma, a mobilização, tambem não desprezam a utilidade para o bem publico, sem distincção partidaria: taes organizações entram tambem em scena nos casos de calamidade publica, como sejam inundações, etc.

O "Capacete de aço" possui desde 1918 um semanario dominical, do mesmo nome, com tres supplementos permanentes e um mensal, respectivamente denominados "O movimento", "O joven capacete de aço", "Heroes e éras", "No binoculo hipoplastico".

Do numero de 7-12-1930 colhemos as seguintes impressões, que nos pareceram de interesse para os nossos leitores, sobre as duas "legiões" allemãs.

Do "Der Jungstahlhelm": **Elementos fundamentais do Estado.** — O Estado é mais do que uma comunidade de interesses. Seus fundamentos são os **homens** que o habitam, os **instinctos** e **tendencias** que os dominam e as **missões historicas** que lhe cabem, seja pelo imperativo divino da autonomia dos povos, seja pelo curso da sua historia e pelos objectivos fixados por seus grandes estadistas, seja ainda pelo territorio, que determina o "sangue", e pela situação geopolitica ou tambem pela conducta dos vizinhos.

Em um estado liberal-democratico, como o que nós combatemos, os homens que nelle habitam só contam como **massa**, como **elegiveis** e **eleitores**, como **individuo**, apesar de todos as constituições de partidos. "As vastas camadas populares" só servem para encapar interesses egoisticos. A opinião momentanea da "**maioria**" se sobrepõe ás missões historicas, por força de considerações do momento. A politica é dominada por um chaos, attenuado pela vontade das massas e pela influenciação destas (imprensa, radio, discursos demagogicos).

No Estado que nós Capacetes de Aço queremos domina a forma conservativa-autoritaria. o gremio em vez da massa, homens responsaveis em vez de eleitores anonymos, o "**allemão**" em vez da imponderavel "**opinião publica**". O povo não se articula em massas e partidos, mas em familias, raças, profissões e associações productoras.

O cidadão não conta, como na democracia, sua posição mais ou menos alta é determinada mecanica e uniformemente como numero, mas a pelo que produz e pela sua capacidade. A inclusão na "**sociedade**" dirigente não depende da bolsa, da protecção ou da idolatria, mas ali se encontram os melhores da nação, em perfeição, conducta e produção. Os direitos dependem do cumprimento dos deveres. Só quem fôr capaz de empenhar sua vida como soldado pelo Estado tem influencia e titulo para ser dirigente.

Do "Der Stahlhelm": **O perigo polaco.** — "Não reinará a paz na Europa enquanto não estiverem plenamente restituídas á Polónia as terras polacas, enquanto não fôr apagado o nome da Prussia da carta da Europa, enquanto os Allemaes não recuarem a sua capital de Berlin mais para Oeste".

(Do livro "O accesso da Polonia ao mar", pelo ten. cel H. Baginski).

"Na guerra contra a Allemanha não faremos prisioneiros e não haverá logar para sentimentos humanos de nenhuma especie... Cabe-nos a tarefa de despertar no exercito polaco a mentalidade duma luta encarniçada, de uma capacidade de sacrificio qde raie pelo fanatismo, mes-

mo exacerbado até á crueldade. "(Da revista "Liga da Pan-Polonia)".

Do mesmo numero do "Der Stahlhelm":

BANDEIRA NACIONAL
Negro — rubro — aureo Berlin, novem-
BERLIN—BRANDENBURG bro de 1930.

Circular 5/1930

a todas as associações municipaes
Prezados camaradas!

I REORGANIZAÇÃO TTCHNICA

Uma resolução das autoridades superiores — presidencia da associação e conselho — determina para obtenção da perfeição technica maior possivel uma reorganização geral, com vistas ao emprego da associação para a reacção contra ataques violentos á Republica.

Para realização desse objecto ordena-se:

Os socios de cada associação municipal são assim distribuidos:

abreviaturas

1. Formação—tronco. F. t.
2. Formações de vanguarda. . . F. v.
3. Formações jovens da Bandeira. F. j.

A Fv. é o conjunto de todos os camaradas que por força maior não se acham em condições de arrostar as altas exigencias intellectuaes e physicas do serviço na F. v.

Ella constitue o reservatorio da Fv., do qual esta a todo tempo póde ser completada.

A F. v. é o conjunto de todos os camaradas que se acham de posse plena de sua energia physica, que são em absoluto fieis politicamente, e que se acham promptos a todo momento para cumprir militarmente mesmo as mais penosas, incumbencias.

Portanto, a F. v. tem que ser uma tropa de elite, que graças á OPTIMA DISCIPLINA e á MAIS PERFEITA INSTRUÇÃO TECHNICA, possa ser opposta com exito a todos os adversarios. Para a inclusão na Fv. os camaradas devem ser especialmente inspecionados quanto á sua aptidão, mesmo com risco de diminuir os effectivos.

Ao mesmo tempo importa verificar se as classes mais velhas dos camaradas da Joven-Bandeira se acham aptas para a F. v., ou pelo menos poderão completal-a, após ultimação de sua instrução technica. A Fv. deve ser formada dentro das unidades existentes, consoante o effectivo das associações municipaes, e tal seja seu

"Não te compete dizeres ao artilheiro que ponha sua artilharia aqui ou alli, mas onde queres que metta suas balas."

Gen. Bleidorn

"Como um raio que subito fende a nuvem, assim deveis cair sobre o inimigo surprehendido."

Frederico o Grande

numero de camaradas formar-se-ão companhias de F. v., pelotões de F. v. ou grupos de F. v.

A directoria regional, após entendimento com os respectivos directores districtaes, baixará as instrucções para enquadramento das associações municipaes.

Importa absolutamente prestar a maior attenção ao alliciamento de Jovens-Bandeirantes e instrucções para enquadramento das associações manual.

II ORDENS DE ALARMA

As ordens de alarma foram distribuidas ás associações municipaes em numero duplo do dos associados communicados. Devem ser immediatamente transmittidas, se isso ainda não teve lugar, aos competentes sub-chefes, na fórma sabida. **A conservação em mãos do presidente ou do director technico da associação municipal é completamente injustificavel e se contrapõe ao objectivo applicatorio das ordens de alarma.**

Para obviar obscuridades no emprego dessas ordens rememora-se: Chefe de districto — numero das associações municipaes existentes no seu districto; Director technico — numero de che-ordens rememora-se: Chefe de districto — numero de chefes de pelotões; chefes de pelotões — numero de chefes de grupo: chefes de grupo — numero de camaradas constituintes do grupo.

Todas as ordens de alarma devem ser immediatamente carregadas com o nome e o endereço do destinatario. Num caso de alarma as ordens só terão que ser completadas com a inscripção da hora e eventuaes cancellamentos de dizeres.

Não tem objecto preparar ordens de alarma para camaradas dos quaes de antemão se saiba que não poderão ser praticamente aproveitados para nenhum fim. Os funcionarios incumbidos do alarma são responsaveis pela estricta observancia desta instrucção.

III MATERIAL DE PROPAGANDA PARA J. B.

IV LIMITAÇÃO DE DIVERTIMENTOS

A reinante penuria economica e as condições da situação politica interna tensa tornam absolutamente cabivel recommendar insistentemente ás associações municipaes que reduzam o mais possivel os bailes e outros divertimentos. Antes empreguemos o tempo e os meios em realizar reuniões bem preparadas para propaganda e em aperfeiçoar technicamente a nossa organização.

"A vantagem... que um chefe suppõe alcançar pela sua continua intervenção pessoal, em geral é apenas apparente. Com isso... elle accrescenta em tal medida as tarefas de sua propria actividade, que vem a faltarlhe a capacidade de desempenhal-as todas.

Moltke

A remodelação do ensino militar

O inspector do 1º grupo de regiões militares submetteu-se á consideração do ministro da Guerra, o seguinte projecto de remodelação do ensino militar:

"A multiplicidade de institutos militares de ensino, regulamentares entre nós, consoante o decreto n. 5.532, de 31.12.28, não encontra justificativa, nem em razões de ordem economico-administrativa, nem nas de ordem tecnico-profissional.

Ao contrario, tudo aconselha a redução do numero desses institutos, pelo agrupamento criterioso de alguns delles de modo a constituir cada grupo um centro de cultura ou viveiro de profissionaes cujas missões futuras, sem embargo a diversidade ou especialização dos seus serviços ou armas, devem ser desempenhadas em commum, na mais estreita cooperação, quer nos quartéis generaes, quer nos varios estabelecimentos ou corpos de tropa.

Entre as vantagens dessa reunião dos actuaes estabelecimentos de ensino, em grupos constituidos á luz do criterio da finalidade do emprego dos conhecimentos nelles adquiridos, sobresãem as seguintes:

I — desenvolve a confraternidade militar, pela affeição formada entre os alumnos de um mesmo grupo, no labor diario, na convivencia quotidiana e nos trabalhos em commum;

II — gera e fortalece a confiança reciproca, pelo conhecimento pessoal e mutuo da competencia profissional dos alumnos e da sua dedicacão ao estudo;

III — torna facil a fixação e diffusão da nossa doutrina de guerra, pela unidade de direcção impressa em cada grupo e pelo ajustamento dos respectivos programas de ensino;

IV — realiza economias, taes como:

a) — menor numero de proprios nacionaes utilizados;

b) — diminuição do dispendio com a conservação dos edificios occupados pelas escolas, e com a acquisição e conservação do material escolar;

c) — simplificação do mecanismo administrativo, pois o de cada agrupamento será sensivelmente egual ao de uma das actuaes escolas separadas, que se agrupam;

d) — redução do numero dos officiaes empregados actualmente na administração e no professorado dos institutos militares de ensino.

Tudo aconselha, como se vê, a revisão da actual organização geral do ensino militar, no sentido de tornal-a mais simples, mais efficiente e mais economica.

Examinando o conjunto dos varios estabelecimentos que o nosso ensino militar comprehende, segundo dispõe o decreto n. 5.632, de 31.XII.28, em seu artigo 1º, somos levados a concentrar as doze escolas destinadas á **instrucção superior** (item 3º) nas seguintes;

Escola Militar — Escola de Aviação Militar — Escola de Aperfeiçoamento das Armas — Centro de Instrucção de Artilharia de Costa — Academia Militar Superior e Instituto Geographico Militar.

A Escola Militar continuará com a sua missão actual, inclusive de preparar officiaes para o quadro de administração e para o de contadores.

A organização do actual mecanismo administrativo da escola, tem graves inconvenientes cujos effectos repercutem na administração propriamente dita e

mesmo no professorado, com pesado onus para a Fazenda Publica.

Raramente a nomeação de um novo commandante para a Escola Militar deixa de acarretar a disponibilidade de um ou mais professores, cujas graduações são superiores á daquelle. E' pois de toda conveniencia escoimar esse instituto da causa dessa frequente e grave perturbação. Doutro lado é evidente a necessidade de collocar na superintendencia da escola, um chefe cuja cultura pedagogica seja uma garantia para a perfeita coordenação do ensino, cujos assumptos devem constituir os primordios de suas cogitações. Dahi a necessidade de conferir a elevada direcção da Escola a um professor e de desonerar-o da parte relativa á instrucção militar e á disciplina do corpo escolar.

Destas ligeiras considerações surge a modificação a ser introduzida na disposição organica da Escola, consistente em crear o cargo de commandante do corpo escolar, subordinado, como é obvio, ao director da escola, cujas funcções devem ser confiadas a um marechal ou general de divisão, professor, de preferencia o mais antigo da Escola.

O corpo escolar deve ter a seguinte composição:

Um btl. de infantaria — Um esq. de cavallaria — Uma bateria de artilharia — Um pelotão de engenharia, composto de uma secção de sapadores, uma secção de pnt. e uma secção de transmissões.

A Escola de Aviação Militar, sem alteração, em principio, conservará a ligação actual regulamentar com a Escola Militar.

A Escola de Aperfeiçoamento das Armas será constituida pela fusão das actuaes Escola de Aperfeiçoamento de Officiaes e Escola de Cavallaria, tendo por missão recompletar o ensino militar propriamente dito, ministrado na Escola Militar e a formação de officiaes capazes do exercicio proficiente de todas as funcções attribuidas nos corpos de tropas aos officiaes combatentes, inclusive as pertinentes ao coronel.

Desta fusão, que abrange o Centro de Instrucção das Transmissões, resultará consideravel economia de pessoal de administração e de empregados diversos.

O Centro de Instrucção de Artilharia de Costa, sem alteração.

A Academia Militar Superior terá por missão a formação de officiaes destinados a constituirem os quartéis generaes, na paz e na guerra, bem como aos serviços technicos de fabricações: funcionará sob a direcção de uma só administração, e será formada pela reunião das actuaes escolas de Estado Maior — Intendencia — Applicação do Serviço de Saude — Applicação do Serviço de Veterinaria e Engenharia Militar.

O director da Academia Militar Superior exercerá a superintendencia de todos os trabalhos da Academia e terá ascendencia disciplinar sobre todos os militares e civis em serviço no instituto, quer pertençam ao quadro administrativo, quer aos corpos docente e discente.

Cada uma dessas escolas terá um director de estudos e seus professores proprios.

A adopção da solução suggerida na fórma desta Academia Militar Superior apresenta inquestionavelmente os inapreciaveis beneficios de tornar uniforme o ensino militar, de coordenar o trabalho das varias

escolas, e de fazer convergir, para um mesmo objectivo, os esforços, até agora esparsos, empregados em prol de maior e mais proveitoso rendimento do preparo da officialidade do Exercito Nacional, para o desempenho das suas arduas funcções, quer na paz, quer na guerra. Além desses beneficios, advindos da adopção da medida ora em estudo, duas vantagens merecem ser apontadas, pela sua incontestavel valia. Uma dellas é a referente ao ambiente oriundo da criação da Academia, nos moldes estabelecidos, propicios ao desenvolvimento da confraternidade militar; a outra é pertigente ao aspecto economico da questão, como veremos, a seguir.

A Academia, de cuja criação ora se trata, bem poderá funcionar no edificio da actual Escola de Estado Maior, ficando por isso disponiveis as sedes das escolas de Applicação de Saude, Superior de Intendencia e de Engenharia Militar.

São empregados presentemente na administração das escolas de cuja fusão resultará a Academia Militar Superior, 23 officiaes, sendo:

Na Escola de Estado Maior	10
Na de Applicação de Saude	4
Na de Intendencia	5
Na de Engenharia Militar	4
e 37 funcionarios civis assim distribuidos:	
Escola de Estado Maior	25
Escola de Saude	4
Escola de Intendencia	7

não estando incluídos ali os funcionarios da Escola de Engenharia.

A redução desse numero será uma das immediatas consequencias da criação da projectada Academia Militar Superior.

Quanto ao ensino da veterinaria, justo é considerar a sem razão da existencia duma escola secundaria desse especialidade, pois os veterinarios devem dessa especialidade, pois pelo mesmo processo adoptado para os medicos e pharmaceuticos, isto é, submettendo-se a um concurso de admissão os veterinarios diplomados pelas escolas civis officiaes ou officializadas. E' pois aconselhavel, como medida economica e equitativa, a extincção da funcção recrutadora da E. A. S. V., tanto mais que hoje em dia existe, subordinado ao Ministerio da Agricultura um estabelecimento de formação de veterinarios; os respectivos diplomados poderão ingressar no Exercito em condições analogas ás que se observam para os medicos, e a E. A. S. V. terá para os veterinarios militares funcção superior, analogas á da E. A. S. S. para os medicos militares.

O Instituto Geographico Militar sem alteração. A par dessa remodelação organica da instrucção superior, faz falta um órgão director e de coordenação de todo o ensino militar, com completa ascendencia sobre todos elles, isto é, que superintenda a instrucção primaria, a secundaria e a superior.

Será a Directoria Geral do Ensino, um dos grandes departamentos do Ministerio da Guerra, delle dependendo directamente, constituindo propriamente um órgão substitutivo da 2ª sub-seccção da 3ª secção do Estado Maior do Exercito, por isso desmembrada deste, o que por sua vez trará reaes vantagens para o estudo dos varios problemas cuja solução compete ao E. M. E.

Na fórmula das razões e á luz dos principios orientadores do estudo supra, encaminhar-se-ja a solução da questão por um decreto, como o do seguinte projecto:

Decreto nº... de... de 1931.

Remodela o Ensino Militar.

O chefe do governo provisorio da Republica dos Estados Unidos do Brasil, considerando que:

a) — não se compadece com os interesses do Exercito Nacional, nem com os da Fazenda Publica, a actual *excessiva multiplicidade de estabelecimentos militares de ensino*, agravada pela inexistencia de um *órgão superior* especialmente preposto a entreligal-os em systema;

b) — essa multiplicidade, sem associação sensivel, prejudica a eficiencia dos esforços, o rendimento do trabalho;

c) — é, portanto, aconselhavel o agrupamento de varios dos actuaes institutos militares de ensino, como propicio não só ao desenvolvimento da sã e necessaria confraternidade do Exercito, como á systematização e ao rendimento do trabalho;

d) — além disso se logrará desobrigar a União de largos dispendios, como actualmente occorrem com a utilização e conservação de excessivo numero de proprios nacionaes, ora utilizados como sedes de institutos militares de ensino, ainda repercutindo a diminuição do numero dos actuaes estabelecimentos de ensino militar numa correspondente redução não só do numero de officiaes em serviço nesses estabelecimentos, como tambem do de funcionarios civis;

e) — é conveniente subordinar a administração e o ensino dos institutos militares, neste myster especializados, a um órgão superior, que tambem desobrigará o Estado Maior do Exercito dos encargos ora attribuidos á 2ª sub-seccção da 3ª secção;

f) — é recommendavel escoimar o actual regulamento da Escola Militar da causa determinante do afastamento de varios professores, por força dos principios da hierarchia militar e é conveniente separa o exercicio do commando da Escola Militar, sob o ponto de vista da sua administração e instrucção militar propriamente dita, da funcção da direcção do ensino;

Decreta:

Artigo 1º — Fica creada uma Directoria Geral do Ensino Militar, directamente subordinada ao ministro da Guerra, com a funcção de superintender todo o ensino militar, isto é, a instrucção primaria, a secundaria e a superior; e são, em consequencia, supprimidas as correspondentes attribuições do Estado Maior do Exercito.

Artigo 2º — Ficam reunidas em um só estabelecimento, a Escola de Aperfeiçoamento das Armas, os tres estabelecimentos, Escola de Aperfeiçoamento de Officiaes, Escola de Cavallaria e Centro de Instrucção das Transmissões, discriminados pelo decreto numero 5.362, de 31-12-1928, em seu artigo 1º, item 3º, letras c, d, f.

Artigo 3º — Ficam reunidos em um só estabelecimento, a Academia Militar Superior, os cinco estabelecimentos, Escola de Engenharia Militar, Escola de Estado Maior, Escola de Intendencia, Escola de Applicação do Serviço de Saude e Escola de Applicação do Serviço de Veterinaria, discriminados pelo mesmo citado decreto, artigo 1º, item 3º, letras h, i, j, k, l, sendo que nesta ultima cessa a funcção de recrutamento de veterinarios, o qual pas-

Sequestro de armamento federal

Nos cinco mezes decorridos apóz a transformação política de Outubro vem se processando a desejada renormalização do Exercito, em marcha compativel com o revolvimento de todas as partes do organismo, com a effervescencia dos espiritos e com as variadas naturezas de transformações collimadas. Póde-se dizer que em muitos centros de actividade, já se retomou completamente o aspecto de normalidade que caracteriza as forças armadas inteiramente votadas, pelo trabalho material e pelas cogitações intellectuaes aos misteres da profissão.

Devemos confessar com ufania que semelhante resultado é devido á noção clara que a maioria dos officiaes das classes armadas possuem de suas responsabilidades e da fôrma de sua actuação na vida do paiz.

"Não aspiramos a outra causa mais do que a presequir em nossa missão e viver no ambiente restricto de nossas preocupações profissionais. Passada a refrega, urge retomar o velho caminho, reconstituir o que foi abalado pela crise, vigiar cuidadosamente e persistir no antigo trabalho, para que a união de outr'ora e a fé reconfortadora floresçam de novo em nossas fileiras" (Gen. Tasso Fragoso).

Mas é indispensavel que esse anseio de restabelecimento da situação e de trabalho não seja embaraçado por actos irreflectidos de elementos extranhos ás classes ou dos desviados da orientação acertada.

Dentre esses actos sobreleva em importancia o sequestro mantido por algumas unidades da Federação sobre armamentos e mais materiaes da União e arrecadados dos corpos que reagiram aos ataques contra elles levados a effeito.

Se a arrecadação se impoz durante o periodo de luta como medida de segurança, de ordem e de conservação do material; uma vez restabelecida a paz, não mais se justifica semelhante retenção.

sa a ter lugar por processo analogo ao do recrutamento dos medicos militares.

Artigo 4º — Fica alterado o Regulamento da Escola Militar, por fôrma que seu commando não dê logar ao afastamento de numerosos professores, por motivo de hierarchia, e que se crêe o commando do corpo escolar, especialmente preposto á disciplina e a instrução militar.

Artigo 5º — O ministro da Guerra providenciára sobre a designação do local em que hão de

Trata de material, propriedade da União do qual se apropriaram indebitamente.

A sua falta nos corpos que delle se viram privados impede completamenté o trabalho e, o que é mais serio, cria uma situação desmoralizante para a tropa pelo sentimento da propria impotencia e pelo descontentamento que lhe causa a recusa do que é seu.

A persistirem na idéa de reter esse material, as situações estadoaes darão a entender que o consideram como **preza de guerra**, gesto profundamente infeliz e absurdo em face das proprias circumstancias da luta travada.

Essa apropriação de armas da União faz suppor arrogarem-se os Estados inculcados como vencedores das forças federaes ou, então, o direito de se precatarem retendo grande parte dos meios de acção daquella.

Nenhuma dessas razões póde hoje subsistir. De um lado, todas as tropas, mesmo as que mais se oppuzeram ao surto revolucionario, se encontram completamente integradas ao Exercito, cuja "missão normal novamente se reafirma como factor insubstituivel para proporcionar o surto do novo regimen. No momento actual não se sonegam apenas as armas ao regimento A mas sim ao proprio Exercito, de que esse corpo é parte integrante e assim sendo é natural que este interprete como pouco gentil semelhante acto.

Por outro lado, a precaução esboçada pela retenção significa tambem falta de confiança e disciplina, elementos essenciaes na grande obra de regeneração nacional, factores sem os quaes o poder central agirá no vacuo.

A restituição do armamento e material ás unidades prejudicadas constitue, além de tudo, justa reparação ao acto vexatorio que soffreram em seus brios de soldado.

Ella se impõe, no mais curto prazo, para que não fique mareado o prestigio e a honra do Exercito, qualidades de que "depende o valor do concurso que elle póde prestar na sustentação do novo regime, que ajudou a instituir..

funcionar a Directoria Geral do Ensino, a Escola de Aperfeiçoamento das Armas, a Academia Militar Superior, aproveitamento dos elementos dos respectivos grupos de estabelecimentos, destino dos que ficarem disponiveis, e mais regulamentação pormenorizada para cumprimento do presente decreto e execução das disposições ainda por cumprir do decreto n. 5.632, de 32-12-1928.

(a) João de Deus Menna Barreto — General de Divisão.

BIBLIOGRAPHIA

Recebemos e agradecemos:

Revistas.

NACIONALES

A Lavoura — Outubro de 1930 — Credito agrícola — As madeiras do Pará no commercio fruticola — Para a historia da agricultura brasileira — Pela expansão economica do Brasil.

Liga Maritima Brasileira — Janeiro de 1931 — A Confraternização das classes armadas — Uma valvula de radio — A Escola de Pesca.

ESTRANGEIRAS

America

BOLIVIA

Revista Militar — Janeiro de 1931 — A Politica no ponto de vista militar — Condições moraes do official de Estado Maior — A educação militar do cidadão é um problema urgente — Impressões militares da França.

CHILE

Memorial del Ejercito de Chile — Dezembro de 1930 — Ayacucho — Considerações sobre a artilharia pesada e sua organização — Instrução de granadeiros.

Revista de Infanteria — Dezembro de 1930 e Janeiro de 1931 — Projecto de regulamento inglês para o combate dos tanques e automoveis blindados — Emprego tactico de metralhadoras — A instrução militar nas universidades da França — Serviço nocturno: seu ensino até o periodo de pelotão.

EQUADOR

El Ejercito Nacional — Dezembro de 1930 — Interessante numero dedicado á memoria do Libertador Simon Bolivar, com vasta e rica colaboração.

HONDURAS

Revista del Centro Militar — Numeros 27 a 33 — O Exercito de Honduras — A quimera do desarmamento — Sracasmos da politica — O serviço militar obrigatorio — Preparação technica da infantaria — Campanha anti-alcoolica — Comportamento do militar na vida social

MEXICO

Revista del Ejercito y de la Marina — Novembro e Dezembro de 1930 — Cinco dias de reconhecimento nas linhas allemães — O direito aereo internacional — Notas sobre o tiro naval

— Os estados maiores de tropas.

PARAGUAY

Revista Militar — Janeiro — O desarmamento — O Marechal Joffre — Humaytá.

PERU

Revista Militar Del Perú — Novembro e Dezembro de 1930 — Linhas telephonicas em marcha — Preparação topographica do tiro — Sobre lei de promoções — Armamento actual das grandes potencias militares — Eloquencia Militar.

URUGUAY

Revista Militar y Naval — Novembro e Dezembro de 1930 — Realização de uma base de fogo — O problema actual da instrucção da infantaria — Destroyers e torpedeiros idaes — Emprego tactico das transmissões — Notas sobre o desenvolvimento moderno da artilharia naval.

Europa

BELGICA

La Conquête de L'Air — Janeiro e Fevereiro de 1931 — O esforço aereo de 1930 — O cruzeiro aereo Itala-Brasil — A especialização do medico da aeronautica — A organização geral das forças aereas francezas e a eventualidade de uma nova guerra mundial — A ameaça aerea sovietica — A colaboração do avião e do auto.

Bulletin Belgo-Brásilien — Dezembro de 1930 — A industria da seda no Brasil — Mercado financeiro do Brasil — Diversas noticias sobre o Brasil e suas relações com a Belgica.

HESPAÑHA

La Guerra y su preparacion — Novembro de 1930 — Curso de preparação de coroneis para a promoção — Situação politico-militar nos Balkans — Exercito da India — Novas disposições sobre officiaes da reserva no Exercito Italiano.

Memorial de Infanteria — Janeiro de 1931 — O recrutamento de officiaes — Uma opinião sobre a ligação infantaria-artilharia — Nova metralhadora pesada americana — Nova cozinha rolante portuguesa — O morteiro da infantaria.

Revista de las Españas — Outubro e Dezembro de 1930 — O castelhano na America — A raça hispanica — Informação economica hespanhola e ibero-americana — Informações politicas ibero-americanas: a revolução brasileira de Outubro de 1930.

INTERESSA-LHE O COMMANDO DO BATALHÃO NO TERRENO?

Por que não procura ler o livro do cmt. Audet?

Para assignantes	3\$000
Não assignantes	3\$500
Pelo correio, mais	\$500

Vendas de Livros

ASSUMPTOS

<i>Preparação e mecanismo de tiro</i>
<i>Orientação em campanha</i>
<i>O que é preciso saber da Infantaria</i> (Tradução do Cap. Dermeval)
<i>Notas sobre o regulamento de Artilharia</i>
<i>Resumo da guerra do Paraguay</i> (2ª edição)
<i>Que a Artilharia deve saber da Infantaria</i>
<i>Notas de estudos sobre os novos regulamentos</i>
<i>A Defesa Nacional</i> (Propaganda e regulamento do sorteio)
<i>Elementos de Hygiene Militar</i>
<i>Bromatologia</i> (Analyses de accôrdo com a legislação brasileira)
<i>O que deve a Infantaria conhecer sobre a Artilharia</i> (Tradução do Tenente-Coronel Francisco Pinto)
<i>O Estado independente do Acre e I. Placido de Castro</i>
<i>Manual de licenças</i>
<i>Telemetros</i>
<i>Notas á margem dos exercicios tacticos</i>
<i>Notas sobre o commando do batalhão no terreno</i> (Tradução)
<i>Manuel du grade de l'Artillerie</i>
<i>Règlement du Génie</i> — 1ª parte — 1º vol.
" " " — 2º vol.
<i>Règlement Général d'Education Physique</i> — 1ª parte
<i>Règlement de Manœuvre de l'Artillerie</i>
<i>Manuel de topographie I — VIII</i>
<i>Manuel de tir M/1897</i>
<i>L'Artillerie au Combat</i> (2ª parte)
<i>Instruction provisoire sur l'Organisation du terrain</i> 1ª parte
<i>Idem</i> — 2ª parte
<i>Règlement de l'Aviation</i> (8 volumes completos) ...
" <i>sur l'emploi tactique de Grandes Unités</i> ..
" <i>Général sur l'observation</i>
<i>A Ficha Individual</i>
<i>Um anno de educação physica</i>
<i>Guia para instrução militar</i>
<i>Manual do granadeiro</i>

Autores

Pelo cor-
reio mais

Tenente Olivio Bastos	7\$500	1\$000
Capitão Dermeval	3\$000	\$700
Coronel Abadie	5\$000	1\$000
Villanova Vasconcellos	7\$000	1\$500
Capitão Garastazú	7\$000	1\$000
Capitão Travassos	5\$000	1\$000
Capitão Travassos	5\$000	1\$000
Tenente-Coronel Falcão	3\$000	1\$000
Major Dr. Murillo Campos ..	20\$000	2\$000
Major Alberto de Magalhães ..	25\$000	2\$000
Coronel Triguier	4\$500	1\$000
Genesco de Castro	8\$000	1\$500
Capitão Silva Barros	7\$000	1\$500
Capitão Dermeval	3\$000	\$700
Capitão Travassos	6\$000	1\$000
Cmte. Audet	3\$000	\$700
Cmte. Fontanges	9\$500	2\$000
" " "	3\$000	\$700
" " "	2\$600	\$700
" " "	10\$000	1\$500
" " "	—	—
" " "	6\$000	\$700
" " "	6\$000	\$700
" " "	2\$600	\$700
" " "	1\$800	\$700
" " "	4\$000	1\$000
" " "	18\$000	3\$000
" " "	—	—
" " "	2\$500	1\$000
1º Ten. Medeiros	3\$000	\$500
1º Ten. Molina	7\$500	\$500
Ten. Ruy Santiago	10\$000	1\$500
Cap. J. Faustino	3\$000	\$500

A C H E G A R

<i>Règlement d'Infanterie</i> — II e III parte	—	—
" <i>Général d'Education Physique</i> — II e III parte	—	—

A Gerencia de "A DEFESA NACIONAL" incumbe-se da venda de livros militares, mediante condições a combinar com os autores interessados.

Facilitaremos aos nossos assignantes a obtenção de livros militares á venda nas livrarias do Rio de Janeiro, mediante a taxa de 1\$500 ou 2\$000 para o registro e expediente. A quantia correspondente deverá ser remetida *adiantadamente*, em vale postal.

A Gerencia não se responsabilisa pelos extravios no Correio.